

Simone de Souza Lima Alexandra Maria Muniz Nukini, Antônia Damiana Marques Avelino, Antônio Romilson Muniz da Conceição, Aurora da Cruz Machado, Daicitânio Domingos Oliveira, Deiliane Muniz dos Santos, Edigar da Silva Sereno, Francisca Costa do Nascimento, Ionaria Costa da Silva, Isabel Nonato Nascimento Kaxinawá, Jueânias Costa do Nascimento, Lucila da Costa Moreira, Taíres Silva de Oliveira, Valdomiro Sampaio Pinheiro Kaxinawá.

DIÁRIO PEDAGÓGICO:

MUSICALIDADES NA ESCOLA DA MINHA ALDEIA

Material didático construído pelos alunos do Curso de Licenciatura Indígena (Linguagens e Artes) durante as aulas remotas de Musicalidades II

Universidade Federal do Acre
Campus Floresta



Edufac

BUNĀ INAKAP



Simone de Souza Lima, Alexandra Maria Muniz Nukini, Antônia Damiana Marques Avelino, Antônio Romilson Muniz da Conceição, Aurora da Cruz Machado, Daicitânio Domingos Oliveira, Deiliane Muniz dos Santos, Edigar da Silva Sereno, Francisca Costa do Nascimento, Ionaria Costa da Silva, Isabel Nonato Nascimento Kaxinawá, Jueânias Costa do Nascimento, Lucila da Costa Moreira, Taíres Silva de Oliveira, Valdomiro Sampaio Pinheiro Kaxinawá.

DIÁRIO PEDAGÓGICO

MUSICALIDADES NA ESCOLA DA MINHA ALDEIA

Material didático construído pelos alunos do Curso de Licenciatura Indígena (Linguagens e Artes) durante as aulas remotas de Musicalidades II

**Universidade Federal do Acre/
*Campus Floresta***



Edufac

Organização e Revisão:

Simone de Souza Lima

Diagramação:

Eduardo de Araújo Carneiro
eac.editor@gmail.com

Projeto da capa e contracapa:

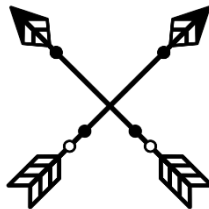
Damiana Avelino de Castro

Desenho da capa:

BUNÃ INAKAPÉ,
Antônio Romilson Muniz da Conceição
(Iri Nukini)

Contracapa:

Desenhos de Alexandra Maria Muniz Nukini, Antônia Damiana Marques Avelino, Antônio Romilson Muniz da Conceição, Aurora da Cruz Machado, Daicitânio Domingos Oliveira, Deiliane Muniz dos Santos, Edigar da Silva Sereno, Francisca Costa do Nascimento, Ionaria Costa da Silva, Isabel Nonato Nascimento Kaxinawá, Jueânias Costa do Nascimento, Lucila da Costa Moreira, Taíres Silva de Oliveira, Valdomiro Sampaio Pinheiro Kaxinawá.



FICHA CATALOGRÁFICA LIVRO DIGITAL

L732d

LIMA, Simone de Souza (Org^a.)

Diário Pedagógico: musicalidades na escola da minha aldeia (II Universidade Federal do Acre/Campus Floresta) / Simone de Souza Lima, Alexandra Maria Muniz Nukini, Antônia Damiana Marques Avelino, Antônio Romilson Muniz da Conceição, Aurora da Cruz Machado, Daicitânio Domingos Oliveira, Deiliane Muniz dos Santos, Edigar da Silva Sereno, Francisca Costa do Nascimento, Ionaria Costa da Silva, Isabel Nonato Nascimento Kaxinawá, Jueânias Costa do Nascimento, Lucila da Costa Moreira, Taíres Silva de Oliveira, Valdomiro Sampaio Pinheiro Kaxinawá. – 1^a ed. –Rio Branco: Edufac. 2021, 414 p.: il. Versão digital

ISBN 978-65-88975-31-2

1. Pedagogia; 2. Acre; 3. Povos indígenas; 4. Musicalidade
I. Título

CDD 371.829

“[...] Conhecimento dos elementos da linguagem musical: som (altura, intensidade), ritmo, estilo, timbre, duração etc. Identificação desses elementos a partir da escuta e experimentação de diferentes tipos de sons presentes na natureza, na voz, nos instrumentos musicais e em composições musicais. Composição, improvisação e interpretação de músicas vocais e instrumentais. Construção de instrumentos (apitos, flautas etc.) e outros objetos que produzam sons”.

Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF (1998).

“...todos os sons fazem parte de um campo contínuo de possibilidades, que pertence ao domínio compreensivo da música. Eis a nova orquestra: o universo sonoro! E os músicos: qualquer um e qualquer coisa que soe”.

Murray Schafer. A Afinação do Mundo (1987).

“Paisagem sonora é um conceito com origem na palavra inglesa “soundscape” e que se caracteriza pelo estudo e análise do universo sonoro que nos rodeia. Uma paisagem sonora é composta pelos diferentes sons que compõe um determinado ambiente, sejam esses sons de origem natural, humana, industrial ou tecnológica. O estudo de paisagens sonoras enquadra-se no âmbito da Ecologia Acústica. O conceito teve origem e definiu-se através do grupo de trabalho dirigido por R. Murray Schafer (músico, compositor, ambientalista, professor e investigador)”.

FONTE: <https://www.ufjf.br/ecos/projetos-vinculados/projeto-ecologia-sonora/>. Acesso em 01 de julho de 2021.

SUMÁRIO

Apresentação,	8
Relato da Experiência (Simone Lima),	12
Prefácio (Guida Aquino e Ednacelí Damasceno),	27
Antônio Romilson Muniz da Conceição,	33
Daicitânio Domingos Oliveira Kaxinawá,	71
Francisca Costa Nascimento,	98
Deiliane Muniz dos Santos,	136
Alexandra Maria Muniz,	157
Ionária Costa da Silva,	192
Edigar da Silva Sereno (Siã) Kaxinawá,	232
Aurora da Cruz Machado Nawa,	247
Isabel Nonato Nascimento Kaxinawá,	271
Jueânias Costa do Nascimento,	296
Lucila da Costa Moreira Nawa,	322
Taires Silva de Oliveira,	336
Valdomiro Sampaio Pinheiro Kaxinawá,	367
Antônia Damiana Marques Avelino,	379
Posfácio (José Alessandro Cândido da Silva),	408
Referências,	413



APRESENTAÇÃO

Este *Diário pedagógico sobre Musicalidades nas escolas das aldeias* foi orquestrado e produzido por mim e pelos acadêmicos do Curso de Licenciatura Indígena (área de Linguagens e Artes), no período de 2 a 19 de julho de 2021.

Todas as atividades aqui desenvolvidas foram realizadas durante as aulas síncronas e assíncronas, através do Google Meet, no período das aulas remotas, em razão do isolamento da pandemia da Covid 19.

De antemão, chamo a atenção para a dedicação dos acadêmicos em relação às atividades propostas no decorrer da disciplina! Trabalharam comigo de forma intensiva a leitura dos textos bases sobre musicalidades.



Depois, com maior entusiasmo ainda, foram produzindo e me enviando, por meio do WhatsApp e e-mail, o material didático acerca das possibilidades de abordagens interdisciplinares das musicalidades nas escolas de suas aldeias/comunidades.

Nossas conversas pelo WhatsApp foram intensas e puxadas, incluindo sábados e domingos. Os discentes usaram seus smartphones, tablets e/ou notebooks, equipamento adquirido através do Edital PROAES/UFAC 4/2021 (Auxílio Inclusão Digital) – ferramentas que lhes possibilitaram a realização das atividades aqui apresentadas no formato de um livro digital: escrita dos textos sobre musicalidades, acompanhadas de desenhos e planos de aulas.



Importante assinalar que cada acadêmico é autor/a responsável pela escrita de seus textos/desenhos exibidos nesse *Diário de Musicalidades*. Coube a mim, na condição de professora da disciplina, escrever os textos que explicam a metodologia do trabalho, organizar o material produzido por cada autor/a e fazer a revisão geral do material, de forma respeitosa quanto ao componente escritural de cada um/a.

Ao final do trabalho, nós, discentes autores e professora da disciplina acreditamos que fizemos nosso melhor no arranjo e harmonização desse Diário didático/pedagógico! Ele é dedicado às nossas escolas e aldeias/comunidades.

E em assim sendo, é com imensa **ALEGRIA** (aquela alegria dos **PERIQUITOS** em sua orquestração feliz, dependurados num cacho



do delicioso AÇAÍ), QUE CONVIDAMOS A TOD@S
PARA SABOREAREM ESSE LIVRO/DIÁRIO DE
MUSICALIDADES!

Discentes do Curso de Licenciatura
Indígena (Linguagens e Artes);

Professora Dra. Simone de Souza Lima
(Docente de *Musicalidades II*).



RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICO/PEDAGÓGICA COM O *ESTUDO DAS MUSICALIDADES INDÍGENAS* NA UFAC/CAMPUS FLORESTA DE CRUZEIRO DO SUL – ACRE

Vou sintetizar aqui o passo a passo da construção deste *Diário de Musicalidades*. Procurarei mostrar os desafios e as alegrias da conquista que foi essa escrita coletiva, um espaço de interlocução e intervenção intelectual através do qual tínhamos um objetivo: o tecer das epistemologias subjacentes às ecologias acústicas e visuais da experiência indígena.

Para tanto, iniciarei por falar sobre a Ementa da disciplina de *Musicalidades II (CEL 054)*, que é componente curricular do Eixo Múltiplas Linguagens, área de concentração Linguagens e Artes – do Curso de Licenciatura Indígena da Universidade



Federal do Acre. Em sua Ementa, a disciplina propõe a realização de “Estudos de etnomusicologia. Estudos de pesquisas de autoria indígena. Projetos de pesquisa. Práticas de pesquisa” com foco nas musicalidades indígenas.

Se estivéssemos ministrando a disciplina de forma presencial, parte dela seria desenvolvida na sala de aula e a outra parte seria realizada na fase intermediária, nas aldeias. No entanto, diante do inusitado da pandemia, a disciplina se desenvolveu na sua totalidade no formato remoto, sem prescindir da pesquisa. Na minha avaliação, devo dizer que os discentes indígenas se adaptaram bem a esse formato desafiador. Sendo assim, organizamo-nos em torno de um grupo no WhatsApp e da troca de e-mails, além do encontro diário via Google Meet no período



de duração da disciplina (2 a 19 de julho/2021).

Antes do começo das aulas, uma apostila impressa, contendo os textos base da disciplina *Musicalidades II*, foi encaminhada pela Coordenação do Curso de Licenciatura Indígena aos discentes. A sede de distribuição foram os municípios mais próximos às aldeias de cada acadêmico/a. Com muito zelo, a Coordenação do Curso, junto com o Colegiado, providenciou o acesso dos discentes aos seus e-mails institucionais e orientou quanto ao modo de acesso ao Google Meet. Nesse meio tempo, pude observar que os próprios acadêmicos se ajudavam uns aos outros de forma solidária.

Quanto ao desenvolvimento da disciplina no formato remoto, devo destacar que nossa maior dificuldade foi a falta de Internet



para os discentes. De fato, nossos estudantes indígenas habitam regiões distantes da Amazônia acreana, cujas aldeias não têm acesso à Internet. Nesse contexto de dificuldades, eles se deslocaram para as cidades mais próximas de suas comunidades.

Contudo, mesmo enfrentando dificuldades, toda a turma de *Linguagens e Artes* esteve presente às aulas síncronas, participando efetivamente. Claro, vez por outra, dois ou três deles enfrentaram dificuldades com a Internet e não conseguiam assistir às aulas por alguns minutos, pois caía a conexão com a Internet. Quando isso acontecia por tempo maior, fazíamos a discussão com esse aluno através de chamada de voz ou gravação de áudio pelo WhatsApp. Tais momentos foram fundamentais para estabelecermos outras práticas de interação, ao tornar mais



significativa a atividade docente, em suas múltiplas faces e reconversões nesta modalidade de ensino.

Em diálogo com a Ementa, iniciamos a leitura do texto *Música e ecologia acústica na formação de professores: cultura auditiva significativa e educação*, de MOLINARI e FONTERRADA (2018). Através desse texto, adentramos o universo da ecologia acústica e das paisagens sonoras do lugar/chão de cada discente. Com entusiasmo eles/as iam mostrando seus ambientes de origem pelo som. As conversas daí originadas foram ricas e produtivas, e nos levaram do universo dos sons para o universo de construção dos instrumentos musicais tradicionais.

Após a leitura do primeiro texto, deixamos com eles/as uma atividade a ser feita no horário das ações assíncronas.



Dentre outras questões, perguntávamos: “Como trabalhar a paisagem sonora do lugar onde você mora com os alunos de sua escola?” A resposta a essa questão foi o pontapé inicial do desenvolvimento do nosso trabalho.

Por essa ocasião, quando do encontro da aula síncrona, a acadêmica Lucila Nawa prontamente respondeu: *“Professora, eu faria assim para ensinar sobre a paisagem sonora do meu lugar aos alunos: eu levaria os alunos para a mata e pediria que eles ficassem em silêncio ouvindo os sons. E aí eu ia pedir que eles anotassem todos os sons que fossem ouvindo, até o som do vento batendo nas folhas da mata. A gente ia ouvir por um bom tempo todos esses sons ali, dentro da mata. Depois, a gente voltava para a escola, fazia uma roda e cada aluno ia escrever os sons dos animais que conseguiu identificar pelo*



ouvido, e até se ouviu o som dos ventos. Depois, eles iam escrever os nomes desses animais e por último iam ler uns pros outros o que escreveram”.

Depois da fala da Lucila, cada discente foi dizendo como faria a abordagem das habilidades auditivas proveniente de sua paisagem sonora em sua respectiva escola. Os relatos foram enriquecedores e às vezes engraçados. O registro das propostas deles consta de seus planos de aula.

Diante das respostas, fui mostrando aos futuros professores indígenas como o enfoque da ecologia sonora se abria a abordagens interdisciplinares, ou seja, que o tema Musicalidades podia render aulas de outras disciplinas que conversassem/dialogassem entre si. Dei exemplos de aulas de aulas de matemática, que podiam ser elaboradas com



planejamento cuidadoso a propósito do tema Musicalidades. Por exemplo, dava para trabalhar as quatro operações básicas da matemática: adição, subtração, multiplicação e divisão - a partir do quantitativo dos animais cujos sons iam sendo relatados nos escritos dos alunos.

Na sequência, mostrei que, numa escola com turma multisseriada, seria possível trabalhar conteúdos de Ciências (Espécies de animais na natureza, por exemplo), de Educação Ambiental (Preservação da natureza, espécies e classificação dos animais), de Língua Portuguesa e Língua Indígena, conteúdos de Geografia, Matemática e Artes.

Aos poucos, os exemplos trazidos pelos alunos foram conduzindo à construção de planos de aula sobre o *Tema Musicalidades* - com abordagens voltadas para aulas de Artes,



Língua Portuguesa e Língua Indígena (com foco na escrita e na leitura). Nesse passo, devo confessar (com alegria) que a ideia da construção dos planos de aula veio dentro da resposta do discente Daicitânio Domingos Kaxinawá. Isto é, não foi uma iniciativa constante do meu Plano de Curso.

A partir desse ponto, fomos abrindo as discussões a partir da leitura dos demais textos de apoio rumo às outras musicalidades, festas e rituais sagrados e de cura de cada grupo étnico, com destaque para o papel desempenhado pelas mulheres nesse âmbito de ação. No campo dos rituais de cura, ouvimos, na aula síncrona, um importante depoimento de cura da Covid 19 feito pela acadêmica Alexandra Muniz Nukini, inserido por ela neste Diário.



Como disse, o horizonte das nossas discussões girou sempre em torno das musicalidades nas escolas das aldeias de cada discente. Diante das experiências retomadas pela memória de cada discente, marcou-me muito conhecer os usos e os significados do instrumento **BUNÃ INAKAPÉ**, ou **Buzina do rabo do Jacaré**, cujo desenho enfeita a primeira capa desse livro, de autoria do Iri Nukini.

Segundo o acadêmico, *“a buzina do rabo do jacaré, na Aldeia Recanto Verde, é um instrumento importantíssimo usado pelos homens nas festas culturais. Ela é instrumento de comunicação, usado para chamar os parentes na hora da refeição, nas horas das reuniões da Aldeia e nas horas de algum trabalho espiritual. A buzina também é usada na Escola como meio de comunicação para*



avisar os horários dos intervalos entre as aulas. Na hora da entrada, são dadas três buzinas; para a troca de horários é dada uma única buzina. Para marcar o intervalo, são dadas duas buzinas. Na hora da saída, são dadas três buzinas novamente”, finaliza o professor Iri Nukini.

Nessa mesma linha, as acadêmicas Francisca Costa e Jueânias fazem um lindo inventário destacando as funções da **BUNÃ INAKAPÉ** em sua comunidade. E assim os leitores deste Diário lerão excelentes relatos sobre as musicalidades e os instrumentos musicais em suas aldeias.

No compasso dessa pesquisa, fomos afinando nossos ouvidos para os sons de nosso lugar, revendo aquilo que, de tão comum e natural, nos passava de forma despercebida.



Aguçamos nossos sentidos rumo à pesquisa da ecologia acústica que nos envolve.

Nesse ritmo de aprendizagem significativa, Edigar e Valdomiro Kaxinawá foram aproveitando as reflexões sobre Musicalidades para discutir a festa do Katxnawa, objeto de suas pesquisas de TCC. Deiliane, Ionária, Antônia Damiana, Taires, Isabel e Aurora aproveitaram para fazer o levantamento das musicalidades de suas aldeias e comunidades com leveza e graça, auxiliadas pelos detentores desses conhecimentos em suas localidades.

E assim fomos auscultando e visualizando pelas velas do imaginário e do cotidiano de cada discente suas belas paisagens sonoras, delineando a construção dos planos de aula sobre o tema Musicalidades.



As leituras e reflexões dos textos foram fazendo emergir a força das musicalidades tradicionais de cada grupo étnico, especialmente as sagradas, que também são referenciadas nesse singelo **DIÁRIO PEDAGÓGICO MUSICALIDADES NA ESCOLA DA MINHA ALDEIA** - *Material didático construído pelos alunos do Curso de Licenciatura Indígena (Linguagens e Artes) durante as aulas remotas de Musicalidades II.*

Dessa forma, os conteúdos de musicalidades, dispostos nos Planos de aula de cada discente, foram adquirindo leveza e amplitude, num movimento de abertura rumo ao objetivo pedagógico que almejávamos naquele momento. Também, foi-se ampliando em nós a consciência da importância da reafirmação dos valores das culturas, línguas e identidades indígenas, a se abrir/comunicar



com o cosmos, com o universo e a ancestralidade.

O **Diário Pedagógico** traz uma foto em destaque de cada discente, seguido da sua apresentação e da apresentação das musicalidades de sua aldeia/comunidade. Traz ainda, como sugestão de abordagem do tema, um Plano de aula sobre **“Musicalidades na minha aldeia”**.

Ao término desse relato que já começa a alongar-se, aproveito para agradecer à turma do Curso de Licenciatura Indígena (Linguagens e Artes)! Tão logo apresentei a eles o Plano de Curso da disciplina, de pronto, embarcaram comigo na proposta da criação de um **Diário de Musicalidades!**

Imersos na diversidade do concerto das múltiplas vozes/instrumentos que compõem as paisagens sonoras amazônicas, viajamos,





sentimos, escutamos e vimos rebrotar as experiências dos professores indígenas em expressivo processo de formação!

Diante dessa maravilhosa experiência, meus agradecimentos pela oportunidade de mais essa aprendizagem!

*Professora Dra. Simone de Souza Lima
Docente da disciplina Musicalidades/U FAC*



PREFÁCIO

Eis-nos aqui, fazendo o prefácio do livro *“Diário Pedagógico - Musicalidades na Escola da minha Aldeia”*, uma obra resultante da produção coletiva da Professora Simone de Souza Lima e de seus alunos, acadêmicos do Curso de Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta.

Recebemos esse convite com muita alegria, principalmente pela honra de termos o privilégio da prioridade da leitura e, dessa forma, expressarmos a emoção e o prazer que essa leitura nos proporcionou, além do aprendizado sobre os saberes e os conhecimentos da ecologia sonora de cada comunidade em que seus autores vivem.



O *“Diário Pedagógico - Musicalidades na Escola da minha Aldeia”* é uma coletânea que reúne em cada capítulo, materiais didáticos produzidos pelos estudantes indígenas no decorrer da disciplina *“Musicalidades II”* do Curso de Licenciatura Indígena, que ocorreu no formato de ensino remoto, uma vez que, o distanciamento social tornou-se obrigatório como uma medida de proteção à saúde de todos, decorrente da pandemia de coronavírus (COVID-19) que atingiu o mundo todo.

Trata-se, portanto, de um riquíssimo material pedagógico (textos sobre musicalidades, acompanhadas de desenhos e planos de aulas) para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem nas escolas e nas aldeias.

Inicialmente, encontramos no texto *“Relato de Experiência”* da Professora Simone



Lima, organizadora da obra, o relato sobre como a obra foi produzida, as atividades propostas e a forma intensa de participação de todos os estudantes no desenvolvimento da disciplina, ocorrida de forma remota. A autora relata a importância do “Auxílio de Inclusão Digital” da Universidade Federal do Acre, por meio do Edital PROAES/UFAC Nº 04/2021, que possibilitou a realização da escrita dos textos sobre musicalidades, acompanhadas de desenhos e planos de aulas, aqui apresentadas no formato de um livro digital.

Em nossa condição, como Reitora e Pró-Reitora de Graduação da Ufac, nos sentimos felizes em saber que essa ação, além de possibilitar a inclusão digital dos nossos estudantes do Curso de Licenciatura Indígena, também possibilitou a produção



desse livro/diário de musicalidades, experiência em que são narradas situações de ensino sobre como trabalhar a paisagem sonora do lugar/aldeia onde eles (acadêmicos da licenciatura indígena) e seus alunos moram.

A cada texto lido, aprendemos mais sobre o universo da ecologia acústica e das paisagens sonoras da aldeia de cada estudante-autor, sobre seus instrumentos musicais e suas canções tradicionais, proporcionando-nos a consciência da importância dos valores das culturas, línguas e identidades indígenas.

Se pudéssemos dizer em uma só palavra o que representou para nós, leitoras privilegiadas pela prioridade da leitura do livro “Diário Pedagógico – Musicalidades na Escola da minha Aldeia”, essa palavra seria



“experiência”. Não uma experiência qualquer, do dia a dia, mas experiência no sentido que Larrosa (2002) nos ensina: "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca", mas tem a ver com paixão, com os sentidos que damos àquilo que nos toca e nos acontece.

Finalizamos agradecendo, mais uma vez, ao convite honroso para prefaciar o livro ***“Diário Pedagógico - Musicalidades na Escola da minha Aldeia”*** e convidamos a todos os leitores a trilhar as paisagens sonoras de cada aldeia, num profundo exercício de experimentação, através das narrativas, musicalidades e memórias de nossos acadêmicos do Curso de Licenciatura Indígena da Ufac, Campus Floresta, orquestrados de forma magnífica pela Professora Simone Lima,



organizadora dessa coletânea de textos acerca do universo da ecologia acústica e das paisagens sonoras de cada aldeia, cada lugar, cada chão, cada cultura auditiva dos autores.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Profa. Dra. Guida Aquino
Reitora, Ufac

Profa. Dra. Ednacelí Abreu Damasceno
Pró-Reitora de Graduação, Ufac.





**ANTONIO ROMILSON MUNIZ DA CONCEIÇÃO
(IRINUKINI) - POVO NUKINI**



Foto do arquivo pessoal de Antonio Romilson (Iri Nukini), 2018.



“Eu sou Antonio Romilson Muniz da Conceição, conhecido pelo meu povo, parceiros e amigos por Iri Nukiní, residente da Terra Indígena Nukiní **Aldeia Recanto Verde**, situada à margem esquerda do Rio Mõa, Município de Mâncio Lima, Acre. Sou filho do senhor Expedito Lima da Conceição e de dona Olga Evaristo Muniz. Tenho 33 anos de idade e sou casado na cultura com uma grande guerreira e artesã da aldeia, Maria de Fátima (Texpininí Nukiní). De nossa união nasceram dois filhos: Xaynka de Almeida Muniz e Sayru Emanuel de Almeida Muniz.

Sou professor atuante do meu povo desde 2010. Fui o primeiro professor de Língua Indígena na aldeia **Meia Dúzia**, onde comecei atuando com apenas 22 anos de idade, tendo como grau de estudo somente o Ensino



Fundamental. Durante todos esse período em sala de aula trabalhei em três Escolas: Hermínio Generoso de Oliveira e sala anexa da mesma, João Batista Diniz e Pedro Antônio de Oliveira, na qual estou atuando no Ensino Fundamental II e Ensino Médio na área da linguagem. Aqui também sou membro do Conselho da Escola como representante dos professores.

Na aldeia também dou aula nas rodadas de conversa e nas cerimônias espirituais sobre a nossa língua e músicas no nosso idioma e sou presidente da nossa Xapana Casa dos conhecimentos, com a função de organizador. A minha aldeia tem aproximadamente 64 habitantes e 15 famílias.

Nesse momento, na aldeia, estamos juntos trabalhando em um grande projeto de fortalecimento em benefício da nossa



cultura, sonhado a onze anos atrás por nós, jovens do grupo e Centro Inûxãnûvakevu desta localidade.

Esse sonho a cada dia está se realizando. Já temos a nossa Xapana, Pousada, Palco de apresentação das festas culturais, nosso lugar de concentração Mapu Inû e Xunuã. Temos a nossa trilha e temos em construção a nossa maloca, refeitório, mirante, casa de concentração, casa de artesanato, posto tradicional de medicinas curandeiras e a casa das crianças.

Esse projeto foi pensado e criado dentro dos rituais sagrado do Uní onde o mesmo já foi apresentado dentro da UFAC.

Sou um Nukiní (Inûvakevu) que sempre gostei de cantar valorizar os conhecimentos e os costumes ancestrais do meu povo como: aprender mais sobre nosso tronco



linguístico, busco sempre me engajar nas raízes ancestrais a cada dia mais. Também nas músicas, nas artes como nas cerâmicas, instrumentos musicais, danças, rituais espirituais e todas as historias que nos fortalecem e caracterizam a Identidade e cultura do nosso povo.



Foto do arquivo pessoal de Antônio Romilson Muniz (IriNukini), 2018.



Quando comecei a trabalhar em sala de aula eu já estava dentro do universo cultural do meu povo, ajudando no fortalecimento dessa origem. E quando fui nomeado para esse cargo, mesmo sendo muito jovem, isso só aumentou mais ainda o meu compromisso de buscar um novo horizonte e novas conquistas para beneficiar o meu povo.

Em 2014, conclui o Ensino Médio e em 2017 entrei na Universidade Federal do Acre, Campus Floresta de Cruzeiro do Sul (UFAC). Esse foi um momento marcante. Realizei um sonho na minha vida. Hoje, me dedico de forma profunda às pesquisas relacionadas as origens, língua e identidade cultural do povo Nukini, pensando sempre no fortalecimento do meu povo.

Foi um momento incrível porque a UFAC ajudou a nos valorizar e despertar ainda mais



sobre as nossas histórias. Assim, me sinto privilegiado e muito feliz por está onde estou, ajudando a fortalecer a identidade real e verdadeira do meu povo, junto aos demais membros das outras etnias que também estão na luta pela mesma causa e pelo mesmo objetivo.

Como trabalhar a paisagem sonora do lugar onde moro com os alunos da minha escola? Para desenvolver as habilidades auditivas na minha aldeia temos um lugar de concentração chamado Mapu Inú, que na nossa língua significa a Cabeça da Onça. Lá existe uma árvore de Samaúma gigantesca. Debaixo dela tem um palco feito de madeira para as concentrações e também para as festas culturais do povo, algumas mesinhas e um terreirão.



Este lugar é um dos mais adequados para desenvolver essas habilidades de escuta da natureza, porque lá tem muitos pássaros, animais como o macaco e outros seres e é um lugar bem sereno, tranquilo. Nesse mesmo lugar eu como um professor de linguagem, posso trabalhar com os meus alunos as linguagens sonoras dos pássaros, das aves, animais e outros seres.

OS SABERES E CONHECIMENTOS DA NOSSA ECOLOGIA SONORA

Por exemplo, a ave de nome *Coam*, quando está cantando em um galho de árvore seco, é sinal que vai fazer uma estiada naqueles próximos dias. Estiada é um linguajar dos mais idosos que quer dizer que vai fazer uns dias de sol seguidos. Se ela estiver cantando em uma árvore verde é sinal que vai chover





muito naqueles próximos dias. Se o macaco zogue-zogue amanhece o dia cantando, bem cedinho, é sinal de muita chuva pela manhã. A ave Uru, quando canta de tardezinha, é sinal que no outro dia vai ser um belo dia ensolarado.

Então cada sonoridade da natureza tem uma linguagem diferente, evoca um significado. Ou seja, está sempre comunicando algo, indicando ou lhe despertando para algo que vai acontecer. A questão é que muitas vezes naturalmente passamos despercebido diante desses saberes na natureza. Mas quando nos conectamos com a natureza, percebemos a importância que ela tem e passamos a entender a linguagem de cada ser vivo na natureza.

Como desenvolver as habilidades auditivas dos alunos a partir da experiência acústica no meio ambiente da vivência deles?



Como dissemos lá atrás, tudo é tão natural que nem percebemos os sons, eles fazem parte de nós... Então proponho esse plano de aula.

PLANO DE AULA MUSICALIDADE NA MINHA ALDEIA

- ✓ **Dados de Identificação:**
Escola: *Pedro Antônio de Oliveira*
Professor: *Antonio Romilson Muniz da Conceição (Iri Nukiní)*
Disciplina: *Interdisciplinar (Arte, Língua Portuguesa, Língua Indígena)*
Turma: *Única*
Turno: *Tarde*
Carga horaria: *10 horas (Proposta para uma futura sequência didática)*
- ✓ **Tema:** *Paisagem sonora do lugar de vivência do aluno*
- ✓ **Conteúdo:** *Identificar os sons da natureza na aldeia afim de trabalhar a percepção sonora do aluno, a imaginação criativa (Arte), a escrita (na língua indígena e língua portuguesa) e a leitura de acordo com a interculturalidade.*
- ✓ **Objetivo Geral:** *Desenvolver habilidades auditivas dos alunos a partir da experiência acústica no meio ambiente da vivência deles, bem como desenvolver as habilidades de escrita e leitura.*
- ✓ **Objetivo Específicos:** *Analisar com os alunos cada som identificado no momento da aula oral. Depois, fazer com os alunos sessões de*



Leituras de suas escritas, despertar os alunos para a percepção da diversidade de sons que a natureza oferece no seu lugar de vivência.

Metodologia: Apresentar o plano de aula para os alunos em sala e tirar algumas dúvidas sobre o plano;

- ✓ Uma apresentação previa sobre paisagem sonora;
- ✓ Falar da importância do tema para a turma;
- ✓ Realizar aula de campo com os alunos para identificar os sons da natureza;
- ✓ Ao retornar a sala de aula, pedir que cada aluno diga oralmente quais os sons identificados na aula de campo;
- ✓ Despertar os alunos para a percepção da diversidade de sons que a natureza oferece no seu lugar de vivência;
- ✓ Fazer perguntas na oralidade para os alunos, quais os sons identificados? Você já tinha ouvido este som? E etc..
- ✓ Trabalhar como se escreve os nomes dos animais, aves, pássaros e outros seres da natureza na língua Nukiní;
- ✓ Fazer leitura individual e coletiva dos nomes dos animais na língua nukiní e na língua portuguesa;
- ✓ Propor para os alunos que durante a noite, em suas casas, escutem os sons que seus ouvidos captarem e anotem no caderno, para a aula do dia seguinte;
- ✓ **Recursos:** *caderno, lápis, lápis de cor e pincel de colorir, quadro branco, pincel para quadro branco, caneta e muita concentração.*



- ✓ **Avaliação:** A avaliação será feita observando o rendimento do aluno em todas as fases da atividade: escuta da natureza, domínio da língua portuguesa e língua indígena, escrita e leitura nas duas línguas, expressão da captação da natureza através dos desenhos.
- ✓ **Referências:**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de política da educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, DF: MEC, 1998.

CAMEU, Helsa. **Introdução ao Estudo da Música Indígena Brasileira.** Rio de Janeiro; Conselho Federal da Cultura, 1997.

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2ª. Ed. São Paulo: UNESP, 2011ª.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em Educação Musical.** São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora** . São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Oliveira; FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. **Música e ecologia acústica na formação de professores: cultura auditiva**



significativa e educação. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

Os elementos naturais como os sons das chuvas e dos ventos, os sons dos pássaros e das outras aves se tornam muito importante em nossas vidas. Sua sonoridade atinge o nosso sistema auditivo fazendo-nos despertar e aprender com o universo de cada um. Os elementos naturais são fontes de lazer como as cachoeiras e os rios onde nos divertimos tomando banho com as nossas família e amigos.

Outras vezes, os elementos da natureza também podem nos amedrontar, como o vento, trovão e o relâmpago. Um dia eu e minha família passamos por um momento que ficou marcado em nossas memórias. Tudo se passou por um vento muito forte com chuva, relâmpago e trovão que veio arrancando as árvores pelo tronco.



Arrancou o teto da minha casa e de outras pessoas da comunidade. Meus filhos ficaram muito abalados porque não tinha pra onde correr, foi horrível. Esse é um exemplo de sons apavorantes. Já as aves e pássaros e os animais são diferentes. Tem pássaros que cantam diariamente, outros cantam pela manhã ou pela tarde, outros cantam quando vai chover, outros cantam quando o rio está cheio e assim por diante.

No ecossistema, um pássaro que é raro ouvir seu cantar é o uirapuru, um pássaro bem pequeno, mas quando ele canta todo mundo se aquieta para ouvir. Isso porque é muito lindo seu canto, tem uma sonoridade acústica bem afinada. Outro animal que também é difícil de ouvir é a onça. Quando ela ruger, todos ficam ouvindo em silêncio, como se estivessem amedrontados.





Então todos esses seres são muito importantes na natureza. Muito deles já conhecemos pelo som ou sonoridade, porque temos gravados em nossas memórias e conseguimos identificá-los facilmente.

Toda essa rede de animais e fenômenos naturais formam nosso ecossistema, e sua sonoridade acústica é algo de grande beleza. Na minha comunidade existem também vários elementos com sonoridades diferentes, que são as máquinas e outros produtos tecnológicos, como o barulho do rádio, da tv e do aparelho de som. Também o barulho do motor de poupa passando no rio, motor de casa de farinha, gerador, motosserra, o barulho do martelo e do serrote construindo as casas, e o barulho da engenhoca moendo cana de açúcar.



E temos ainda outros sons naturais, como o som produzido pelo barulho do remo na água, o barulho ao pisar nas folhas secas no pico de caçada, os peixes batendo na água e o vento nas palhas das palmeiras, que faz um som agradável aos ouvidos da gente.

Cada lugar tem uma cultura auditiva própria, por isso a ecologia acústica da minha comunidade, tem sons de origem animal, humana, tecnológica e industrial. As origens sonoras naturais são bastante ricas e diferenciadas da ecologia acústica da cidade. Isso porque na cidade a poluição sonora está muito avançada.

Nas cidades, é um estouro total de anúncio de propaganda, sons muito altos, barulho de carro, motos, usinas, mercenarias. Chega a atordoar a gente! Sem falar nas consequências que essa poluição



sonora causa em nós que não estamos adaptados com esse ambiente.



Antônio Romilson (Irinukiní)

MUSICALIDADE SAGRADA NA MINHA ALDEIA

O povo Nukiní é o povo da onça pintada que habitam na terra indígena nukiní as margens esquerda do Rio Môa pertencente ao Município de Mâncio. Nukiní é um nome dado pelos antropólogos indigenista na época do processo de homologação da terra indígena.



Nas pesquisas dentro do povo pelos anciões e dentro da espiritualidade do Uní, o nome original do povo é chamado de **Inúvakevu** ou **Inúkunuî**, que quer dizer gente verdadeira, família ou povo da onça.

Dentro do povo existe quatros clãs que ainda conseguimos definir. Os clãs patrilinear que são: **Panã Vakevu** (Família do Açaí), **Isã Vakevu** (Família do Patoá), **Xanû Vakevu** (Família da Cobra) e **Inû Vakevu** que é o (Povo da Onça) que domina todas as outras família.

Na minha aldeia temos todas músicas que envolve espiritualidade, cura, ou as que sejam cantada no nosso idioma ou até mesmo no português. Elas trazem uma reflexão para a vida, são sagradas para nós, porque todas as músicas cantadas elas tem um sentimento,



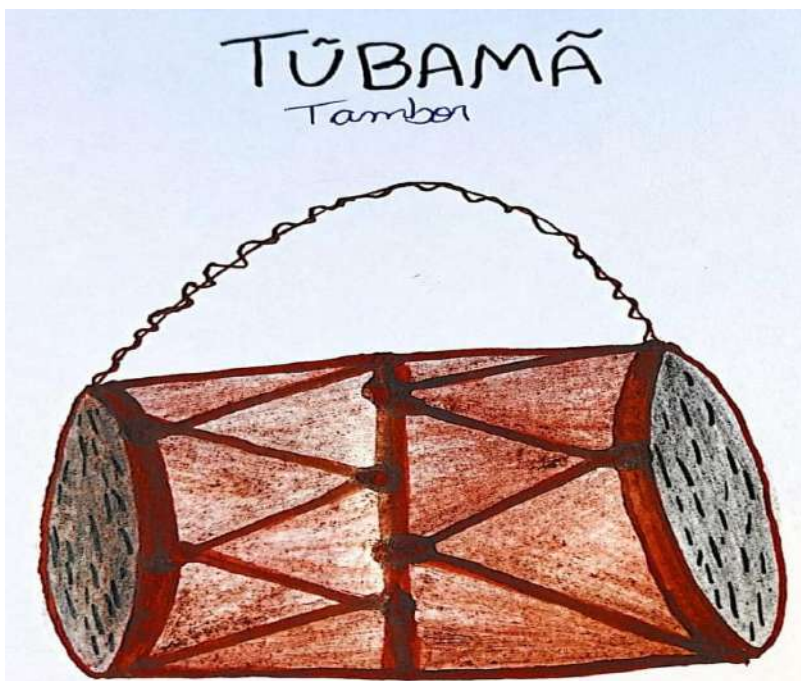
uma direção, indicando algo, pedindo ou implorando.

Por isso, cada música tem o seu momento e local que pode ser cantada. Temos músicas dos clãs de cura, de conhecimento, como temos as outras de abertura dos eventos ou festas, de alegrias, de cura que são os rezos pedindo Deus e os Seres Divinos a cura, a força e a proteção para todos. Temos também a música de concentração, de reflexão, de força e de encerramento de trabalhos.

Temos as músicas que podem ser cantadas no violão e as músicas que são cantadas sem instrumentos. Nos trabalhos de cura, os rezos são bastante cantados, por exemplo, nós tomamos Uní na quarta-feira e durante o trabalho só são cantadas mais musica de cura. Já no sábado, cantamos também as músicas de curas nos momentos que estamos precisando.



Mais cantamos com mais frequência as músicas de alegrias com todos os instrumentos musicais, as vezes até bailamos. Entre esses dois dias só fazemos trabalho quando tem alguém da aldeia enfermo, precisando de cura. Ou quando vai ter uma grande reunião na comunidade.





Para os tratamentos de cura temos os banhos medicinais, garrafadas medicinais, banho de argila, defumação, injeção do kãbõ, sananga e o nosso rapé medicinal.

Na minha aldeia eu atuo como professor de língua indígena. Faço parte da linha de frente juntamente com o meu irmão Xití, que é o liderança da aldeia e responsável pela retomada do Uní no povo. E o meu cunhado Rukãwã, que é o atual liderança geral do povo Nukiní. As vezes faço frente nas cantorias, nas brincadeiras tradicionais e nos trabalhos espirituais. Às vezes é com eles, e assim a gente vai se revezando sempre dividindo a responsabilidade e compromisso um com o outro.

Nos trabalhos temos a participação dos jovens, homens e as mulheres. A participação das mulheres é de fundamental importância



nas cantorias, nos auxílios de algo dentro dos trabalhos espirituais e nos trabalhos da aldeia.

Além das músicas sagradas, temos também como sagrado os nossos adereços que trazem uma energia muito positiva de aprendizagem. Um exemplo é a pele da jibóia, que usamos como proteção, porque ela é um dos seres muito forte que faz parte do nosso clã.

Os adereços das penas e das garras do gavião real, um ser muito forte e sagrado também. E temos os adereços do ser que lidera todos os outros clãs dentro do povo que é Inú Onça pintada. Usamos os adereços de sua pele e dos dentes como símbolo de força e proteção, como nessa fotografia minha.

E temos as medicinas sagradas com o Uní, que é o nosso Pajé e professor e daí vem as outras. No início eu comecei aprendendo



algumas músicas com a minha mãe. A gente saía pelos lugares da aldeia fazendo danças de mariri, brincadeiras tradicionais.



Foto do arquivo pessoal de Antônio Romilson (IriNukini), 2018.



Mas era muito fraquinho. Nós não tínhamos muitas músicas, as pessoas ainda tinham muita vergonha de praticar os rituais culturais do povo, talvez por causa da civilização do homem branco que ainda estava muito forte dentro do povo.

Em 2004, o meu irmão Xití, ainda muito jovem, fez a retomada da espiritualidade do Uní dentro do povo com a própria força de vontade e sem orientação de ninguém. Foi assustador pra muitos do povo, pois era uma nova era que estava surgindo.

Em 2006 estávamos morando na **aldeia Meia Dúzia** e fui pra **aldeia República** estudar, pois na aldeia **aldeia Meia Dúzia** não tinha a quinta série. Eu fiquei na casa do meu irmão Xití.

Eu nunca tinha visto o famoso Uní e lá ele já estava circulando na **Comunidade**





Maloquinha na casa do meu irmão, onde aconteciam os feitiços e os rituais no terreirão em noite de luar. Eu comecei a observar e tocar tambor e maracás. Em todos os trabalhos eu sentia energias muito boas e conseguia acompanhar todas as músicas com muita facilidade. Parecia que já conhecia as músicas.

O tempo foi passando e depois de um mês decidi a tomar Uni, pela primeira vez. Tomei e fiquei muito ansioso pra ver o que ia acontecer. Depois de alguns minutos, todos concentrados e quando eu vi uma luz brilhar muito longe e veio se aproximando em minha direção. Era o sol iluminando todo o universo. Continuou na minha direção com muita velocidade. Eu tentava me mexer para desviar dele mas não consegui. Ele bateu em meu peito e caiu esfarelado no chão como



pedacinho de ouro, aqueles pedacinhos foram se transformando em raios de luz iluminando para todos os lados e foi aparecendo lugares muitos lindos, encantados, com muitos pássaros de todas as espécies, cantando. E quando meu irmão Xití começou a cantar, cada palavra cantada ia me mostrando o significado e a importância daquilo.

Foi uma experiência inédita, gostei muito e fiquei muito empolgado. Na segunda vez que tomei eu tive uma miragem que foi muito real, em um lugar com muitas esculturas feita de madeiras. Tinha animais de várias espécies e pessoas com crianças no colo.

Depois de muitos anos, em 2010 fui para um Curso na CPI/AC em Rio branco. E lá estava toda a miração que tinha visto há muitos anos atrás. Fiquei muito surpreso e observando cada detalhe visto na miração.





Então na terceira vez tomei novamente e estava com uns dez minutos, meu irmão perguntou quem já estava sentindo. Todos falaram que estavam bem e estavam sentindo a força, e somente eu falei que não estava sentindo e ele me serviu mas um pouco.

Acho que exagerei e quando veio a força das duas doses juntas, como eu não tinha muito experiência, foi muito forte para mim. Entrei no mundo espiritual, que não lembrava mais desse mundo. E veio chegando muitos índios da maloca e sentando em ordem e cantando músicas diferentes.

Eu vendo aquilo também comecei a cantar e fui me conectando com os seres e os ancestrais e quando despertei o dia já vinha raiando e todos felizes. E eu muito tímido na minha. E aquilo ficou na minha mente por vários dias. Pensei em desistir, não tomar



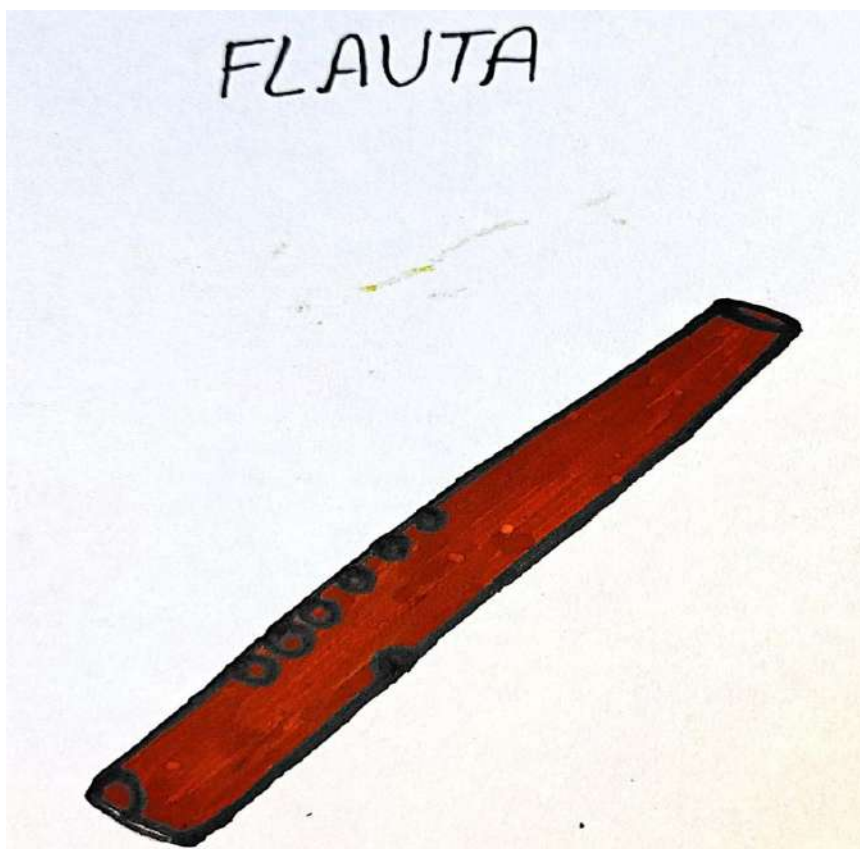
mais e fiquei mais de um mês sem tomar. Participava das rodadas, cantava, batia o tambor ou o maracá.

Depois de um mês decidi tomar novamente. E daí para cá passei por altos e baixo dentro da espiritualidade, mas não desisti. Hoje estou aqui e sou grato por todos os conhecimentos adquiridos dentro da força do Uní. Passamos por um processo muito forte, onde eu tive que ficar em linha de frente por alguns meses.

No início, o grupo era muito grande, mas meu irmão sempre falava que no grupo ia ser passado uma peneira da malha miúda e só iam permanecer realmente aqueles que tinham um objetivo dentro do povo. E foi realmente o que aconteceu. O povo passou por uma transformação e poucos ficaram. Juntos conseguimos trazer muitas músicas rezos



ancestrais de volta. A juventude que estão juntos nessa batalhas já receberam e estão recebendo novas lindas canções sagradas no nosso idioma, conforme o merecimento de cada um.





Essas músicas que recebemos dentro do Uní e as de antes que trouxemos pra dentro do Uní percebemos que elas tem mais força e trás mais inspiração. Sentimos que vem do sagrado do grande ser, do coração da mãe terra. Alguns desses termos já estão registrados como as músicas.

Algumas já foram trabalhadas na escola durante as minhas aulas. Outras já foram gravadas e outras estão em processo de gravação. Temos algumas que não podemos gravar para expor ao público, como os rezos de cura.

A BUZINA DO RABO DO JACARÉ – BUNÃ INA KAPÉ

A buzina do rabo do jacaré na aldeia Recanto Verde é um instrumento importantíssimo, usado pelos homens nas festas culturais.





A buzina também é usada como um meio de comunicação para chamar os parentes na hora da refeição, na horas das reuniões da aldeia, na hora de algum trabalho espiritual ou no dia a dia quando alguém está atrasado. Nesse caso, se abuzina como se estivessem chamando



e, ao mesmo tempo, dando um puxão de orelha na pessoa. Quando a gente ouve o som da buzina, já sabemos que algo está acontecendo ou vai acontecer. Por isso que já ficamos todos atentos.

Além da **BUZINA DO RABO DO JACARÉ** fazemos também outros tipos de buzinas como: a **de maha que é de bodó**, de bambu e a **de buzo**. A buzina também é usada na escola como meio de comunicação para avisar os horários. Na hora da entrada são dadas três buzinas. Para trocar de horários das aulas é dada uma única buzina. Para marcar o intervalo são dadas duas buzinas. Na hora da saída são dadas três buzinas novamente.

Para confeccionar a buzina do rabo de jacaré leva um longo tempo e um processo custoso. Tem que matar o jacaré, tirar toda a carne do rabo com muito cuidado para não



rasurar. Depois, colocar no sol e ficar olhando sempre até secar para não ficar torto. Por último, pega um pedaço de bambu ou taboca no tanho de meio metro e veda na ponta do rabo do jacaré com uma corda de tucum.

O MARACÁ-XĀXATÍ

O maracá é um instrumento usado nos rituais e em festas culturais da aldeia. Ele é feito de coité, jamaru, cocô de tucumã e de cocô comum. Mas este maracá que estou apresentando agora é feito de coco comum. Para fazer este maracá temos que tirar um coco seco e descascar. Tirar toda a carne/castanha do coco por um buraquinho e deixar alguns dias para secar por dentro. É preciso ficar bem seco mesmo, que é para ele ficar com um som bem afinado.





Passando alguns dias, vendo que já esta pronto para fazer um novo processo. Pega o coco, lixa bem com a lixa grossa para tirar o grosso e depois passa a lixa fina para dar o brilho. Seguindo, faz o traço ou o desenho que preferir, faz um cabo que é para segurar,



coloca esfera de aço bem pequena, pedrinha de areia ou chumbinho mostarda, algumas pessoas colocam sementes mas não ficam com o som bem afinado.

Para finalizar, fixa o cabo com durepox, deixa secando meia horas e seguindo já esta pronto para usar. O xãxatí é usado pelos homens, mulheres e crianças da aldeia.

BUZINA DE CERÂMICA - BUNÃ XUMU

A buzina de cerâmica na aldeia Recanto Verde é um instrumento muito importante usados pelos homens nas festas culturais e festejos da aldeia. Para produzir este instrumento tem que passar por um processo muito delicado.

Isso porque trabalhar com cerâmica tem que ter todo um critério de regras que





chamamos de ciências. Para que o instrumento ou qualquer outro objeto que seja de cerâmica ficar bem assado, são necessários cuidados e técnica. Senão, pode quebrar na hora que estiver assando no fogo.



Para fazer essa buzina precisamos de barro de argila que é retirado de um local



especifico que não tenha areia e na época do verão. Precisamos traçar o barro depois um dia de descanso, com a cinza de caripé tirada de uma casca de uma árvore chamada Caripé. Então, sua casca é queimada e depois pilada para fazer a mistura com o barro. Depois de misturada, tem que deixar um dia para o barro morrer. Depois do barro pronto faz o instrumento e deixa secar na sombra um dia, só depois pode levar a buzina ao sol. Já estando bem seca chama uma pessoa para ajudar a assar.

Para assar tem que fazer uma fogueira com lenha forte que não estale porque senão a buzina quebra no estalo da lenha. Antes de ir queimar tem que beber água, porque só pode beber água novamente quando o fogo baixar. Quando o fogo apagar todo, aí é hora de ir



lá pegar a buzina, pois ela já estará pronta para usar.

Para trabalhar com cerâmica, tem que ser no máximo duas ou três pessoas e em um lugar reservado onde não tenha muito fluxo de gente. As pessoas escolhidas tem que fazer no mínimo três dias de dieta, ou seja, não fazer relação sexual e nem comer alguns tipos de comidas reimosas. (Iri Nukiní)”



DAICITÂNIO DOMINGOS OLIVEIRA KAXINAWÁ



Foto do arquivo pessoal de Daicitânio Domingos Oliveira Kaxinawá (2019).



“Olá! Meu nome é Daicitânio Domingos Oliveira Kaxinawá, na língua indígena meu nome é Bixku, sou da etnia Kaxinawá também conhecida como (Huni Kuī), do tronco linguístico pano, e tenho 26 anos de idade. Tenho por companheira Neiva Mariano Kaxinawá e tenho um filho com ela, Neysderlan Domingos Mariano Kaxinawá. Sou filho de José Domingos Kaxinawá e dona Marlene Oliveira Rodrigues Kaxinawá. Tenho 5 irmãos, sendo três (3) homens e duas (2) mulheres. Moro na comunidade Nova Fronteira (MAE KAITA) na Terra Indígena Alto Rio Purus- AC, situada à margem direita do Rio Purus, entre os municípios de Manoel Urbano e Santa Rosa do Purus.

Sou acadêmico do Curso de Licenciatura Indígena, Campus Floresta, Cruzeiro do Sul/Acre, área de concentração de Linguagens



e Artes. Faço parte do grupo **Canarinhos da Floresta da Aldeia Nova Fronteira**. Gosto dos cantos da minha cultura, principalmente do NIXI PAE (Ayahuasca), e também sou fã do instrumento violão.



Para poder trabalhar a paisagem sonora dentro da minha Aldeia (Nova Fronteira), e com os alunos da minha escola, em primeiro lugar, eu elaboraria o meu plano de aula com



todas as informações necessárias a serem alcançadas, como: conteúdo, tema, data, hora, disciplina, metodologia a ser utilizada, objetivos geral e específico, recurso didáticos e avaliação.

Diante destas informações, destaco para vocês a minha metodologia de ensino que eu utilizaria, usaria dois pontos do conhecimento dentro da pedagogia bem práticos, a teoria e a prática do assunto. De acordo com esse planejamento, já se percebe que a aula ou ensinamento será diferenciado, bilíngue e intercultural.

No primeiro momento, dentro da escola, as explicações do assunto, os significados das palavras, os esclarecimentos das dúvidas, ou seja, o entendimento sobre paisagem sonora, na língua portuguesa e na língua indígena. E no segundo momento da



aula, a pesquisa ao ar livre, tanto dentro da própria aldeia, como até mesmo em um passeio pela floresta em caminhos que levam aos roçados.



OBS: Nesse momento da pesquisa, eu pediria para que os alunos fechassem os olhos e se concentrassem em cada som que ouviriam



de dentro da floresta, em um tempo determinado de 5 minutos.

E por fim, faria a minha avaliação oral, pelas falas dos alunos de suas experiências dos sons da natureza, como também, avaliação escrita (em português e na língua indígena), pelas anotações feitas das paisagens sonoras daquele determinado ambiente. É assim que eu trabalharia e ensinaria sobre a paisagem sonora para meus alunos dentro da minha comunidade. Para desenvolver as habilidades auditivas dos meus alunos a partir da experiência acústica no ambiente da comunidade, é preciso trabalhar com um dos nossos seis sentidos que possuímos, a "audição", eles precisaram compreender que não enxergamos apenas com os olhos, mais também, com os "ouvidos". Trago aqui meu plano de aula:



PLANO DE AULA MUSICALIDADES NA MINHA ALDEIA

Dados de Identificação.

Escola: Nova Fronteira

Aldeia: Nova Fronteira

Série: 6º ao 9º ano

Turma: Multisseriado

Turno: Manhã

Disciplina: Português, Ciências, Arte e Língua Materna (Hãtxa Kuĩ).

Professor: Daicitânio Domingos Oliveira Kaxinawá

Duração da aula: Sequência Didática de cerca de 10 horas.

Tema: Paisagem sonora

Conteúdo: Os sons da natureza, arte, escrita bilíngue e leitura.

Objetivos.

Geral: Desenvolver as habilidades auditivas dos alunos da Comunidade Nova Fronteira despertando o interesse deles na identificação dos sons que a natureza tem.

Específico:

- Fazer um passeio pela floresta, ou até mesmo pela comunidade;
- Conhecer os animais e os tipos de sons que eles fazem;
- Fazer uma lista dos diferentes animais identificados;
- Fazer os desenhos dos respectivos animais listados.

Metodologia utilizada: Oral e escrita.

- No primeiro momento da aula, ao entrar na sala, saudar os alunos dando bom dia, e fazer a chamada da lista de presença deles. Em seguida os fazer



algumas perguntas pessoais para ganhar a confiança deles e os deixar mais à vontade. Logo após, fazer ou chamar algum aluno para fazer a abertura da aula com uma canção tradicional na língua materna.

- No segundo momento da aula, colocar a data, o tema, o assunto e a disciplina no quadro, em seguida escrever algumas palavras chaves sobre **paisagem sonora** e os explicar para os alunos, citando exemplos que são de nossa realidade e também tirando todas as dúvidas dos alunos.

- No terceiro momento da aula, após as explicações, levar os alunos a uma caminhada pela aldeia ou até mesmo na mata perto da comunidade para pesquisar sobre os sons da floresta.

- No quarto momento da aula ao chegar em um local específico da floresta, pedir para os alunos ficar em silêncio e fechar os olhos para melhor ouvir os sons da natureza daquele determinado lugar. Após os alunos ouvirem os sons, pedir para eles anotarem em seus cadernos os nomes desses respectivos animais.

- No quinto momento da aula, retornar à sala de aula e lá ouvir de cada um dos alunos suas experiências dos sons que eles perceberam de dentro da floresta. Em seguida, explicar novamente sobre o tema **paisagem sonora**, e logo após passar uma atividade de arte para entregar na próxima aula relacionado aos animais, com seus nomes traduzidos em português e língua materna (Hãtxa Kuī).

Recursos Didáticos: Quadro negro, giz, caderno, livro, caneta esferográfica azul, preto e vermelho, papel A4, giz de cera colorido, pincel colorido, lápis de cor, pesquisa com os anciões da aldeia.



Avaliação: Oral e escrita, participação dos alunos, presença e entrega das atividades dos desenhos dos animais.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de política da educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, DF: MEC, 1998.

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em Educação Musical**. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Olivera. **Música e ecologia acústica na formação de professores: cultura auditiva significativa e educação**. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

Assim, com o plano de aula acima chegaremos ao entendimento da importância do



sentido da audição. Podemos trabalhar com eles sobre a paisagem sonora, citando para os alunos exemplos relacionados às nossas realidades, como por exemplo: sugerindo que fechem os olhos e ouçam os sons que ali estão presentes sem eles perceberem.

Depois, fazê-los falar o que estão ouvindo naquele exato momento no agora, e usando assim esse método em lugares diferentes da aldeia como: na beira do rio, dentro da floresta, no centro da aldeia, ou até mesmo na casa de algum aluno, pois, cada lugar tem uma cultura auditiva diferente. Trabalhando dessa forma é que as habilidades auditivas dos alunos iriam se desenvolvendo muito mais. Os elementos naturais presentes, que fazem parte da ecologia acústica da aldeia Nova Fronteira, são bem diversificados.



Começando pela manhã, ao amanhecer com o canto do macaco capelão, seguida dos mais diferentes cantos de pássaros, acompanhado pelo forte canto do galo que anuncia o raiar de mais um dia de vida na comunidade.



Ao longo do dia, podemos perceber pelos sons os movimentos que acontecem dentro da comunidade Nova Fronteira.



Os sons dos machados utilizados para rolar as lenhas para a preparação dos alimentos, das crianças dando risadas fazendo algum tipo de brincadeira, o som do buzino de rabo de tatu (alarme) utilizado para avisar, informar algum tipo de assunto para as pessoas que moram ali. Tem ainda o som da batida da marreta (cacete) vindo das cacimbas e ecoando pelo rio, sinal de que as



mulheres estão lavando roupas. E no final da tarde, o som da bola de futebol, dos gritos de gol, momento de lazer dos jovens e adultos.

Além disso, quando a noite vem chegando ouvimos o canto da saracura, as melodias dos sapos, e também o canto das corujas, entre outros seres da floresta. Por fim, digo que tudo isso são elementos da natureza que fazem parte da paisagem sonora da minha comunidade Nova Fronteira.

Os elementos tecnológicos/industriais estão presentes dentro da aldeia Nova Fronteira. São somente os necessários, embora nem todas as pessoas da comunidade possuem. Estes são: Motosserra para a retirada de algumas madeiras para a construção de casa de determinada pessoa; motor de rabeta para a locomoção em rio,



utilizada nas viagens e pescarias; Espingarda (arma de fogo) que serve para caçadas. Tem também Caixas de sons; Baterias e Placas solares para a iluminação a noite e também, Televisão. Todos esses equipamentos eletrônicos também fazem parte da ecologia acústica da minha comunidade.

Na minha opinião, a ecologia acústica da minha comunidade é bem calma e ao mesmo tempo diversificada, pois, escutamos/ouvimos quase que somente os sons emitidos pela floresta como: Animais, Aves e Pássaros entre outros seres. Vivemos em harmonia com a natureza. Não se ouve tanto barulho de equipamentos relacionados aos elementos tecnológicos/ industriais embora eles existam em nossa comunidade. Por outro lado, a cidade possui uma ecologia acústica mais barulhenta, e com



mais poluição sonora, como também poluição industrial.

A todo momento ouvimos os sons de motores dos mais diversos tipos de embarcações passando pelo rio, e também, escutamos vários estilos musicais que tocam em bares e clubes da cidade até mesmo nas casas das pessoas. E sem falar dos barulhos das motos e carros que rodam pela cidade. Além disso, observamos a utilização de equipamentos eletrônicos como: Celulares, Tablets, Computadores, TV's entre outros equipamentos e ferramentas tecnológicas.

O PAPEL DO GRUPO CANARINHOS DA FLORESTA (ISA NIMERÃNUA) NO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL DA COMUNIDADE NOVA FRONTEIRA

O grupo **Canarinhos da Floresta** (ISA NIMERÃNUA) é um grupo de jovens da comunidade



Nova Fronteira que foi criado em 2015 pelo agente Agroflorestal e também conhecedor dos cantos do Huni Meka, o senhor Jorge Domingos Kaxinawá (Náxima), com o intuito de fortalecer a cultura Huni Kuĩ dentro da comunidade através dos cantos tradicionais do Nixi Pae (Ayahuasca).



Foto do arquivo pessoal do acadêmico Daicitânio Domingos Oliveira Kaxinawá (Em pesquisa, 2018). Grupo Canarinhos da Floresta.



Diante dessa organização, o Grupo Canarinhos da Floresta (Isa Nimerãnuá) começou a se fortalecer, os jovens da aldeia começaram a se interessar pelas canções, pelas pinturas corporais. Também pelas artes plumárias e entre outros adereços de arte da cultura que o grupo mostrava ao se caracterizar nas realizações de noitadas de Nixi Pae (Ayahuasca).

Com o estudante e hoje liderança da comunidade Nova Fronteira Elias Domingos Kaxinawá (Siã), à frente da organização do grupo, a comunidade ganhou ainda mais força e a alegria no sentido de fortalecimento da cultura. Com novas ideias, novos pensamentos, hoje a comunidade está mais unida através da organização dos jovens do grupo em manter viva a identidade do povo. E isso é feito através dos cantos, histórias,



danças, alimentos tradicionais, pinturas, artes e principalmente a nossa língua materna.



Foto do arquivo pessoal de Daicitânio Domingos Oliveira Kaxinawá - Foto tirada durante a apresentação do Grupo Canarinhos da Floresta (2019).

Nesse sentido, a musicalidade dos cantos tradicionais da comunidade Nova Fronteira vem alcançando um espaço ainda maior diante dos jovens e pessoas da comunidade em geral.



O trabalho feito pelo grupo hoje consiste em desenvolver parcerias com todos os membros da comunidade como; AISAN (Agente Indígena de Saneamento), AIS (Agente Indígena de Saúde), AIF (Agente Indígena Agro-Florestal), professores, alunos, Capitão de jogo, chefe dos trabalhos comunitário e principalmente com a(s) representantes das mulheres.

Temos o objetivo de revitalizar e trazer dinamismo à cultura da aldeia através dos cantos tradicionais. Portanto, o Grupo Canarinhos da Floresta (Isa Nimerãua) tem um papel muitíssimo importante dentro da comunidade, pois fortalece e ao mesmo tempo vem ensinando com suas cantorias, daí seu caráter pedagógico também.

No início, o grupo começou apenas com os filhos homens do mestre NAXIMA (Jorge



Domingos Kaxinawá). Mais ao longo do tempo, a participação feminina vem sendo cada vez mais frequente nas rodadas/noitadas de Nixi Pae (Ayahuasca).



Foto do acervo pessoal de Daicitânio Domingos Oliveira Kaxinawá – Foto de mulheres do Grupo Canarinhos da Floresta (Isa Nimerãnu) em uma apresentação de KATXA NAWA, (2020).

Recentemente, alguns jovens passaram a fazer parte oficialmente do Grupo Canarinhos



da Floresta (Isa Nimerãnuá). O significado do nome do grupo é, ISA=canarinho/pássaro e NIMERÃNUA =da floresta, daí o nome Canarinhos Floresta, com a tradução em língua materna (Hãtxa Kuī). Além disso, cada integrante do grupo tem um nome próprio de pássaro da floresta, alguns deles são: shatxi tepū=uirapuru, pinu=beija-flor, Kaya isa= bem-te-vi, txana=japinim, shuke=tucano, kumã isku=japó, tikū=bico de brasa, tsuna=João de barro, shane tsasinã=canário, kūsh ika=sabiá e isa hana=canário azul. E todos esses nomes, antes de serem dados aos jovens, foram pesquisados pelo mestre do grupo através de uma anciã da aldeia.

Contudo, de acordo com trabalho feito pelo grupo Canarinhos da Floresta (Isa Nimerãnuá), a musicalidade na aldeia hoje está sendo bem desenvolvida. O grupo está



contribuindo bastante na organização social da comunidade. Pode-se notar uma grande mudança em relação aos cantos tradicionais que os jovens estão praticando, principalmente sobre o canto do Nixi Pae e Huni Meka.

Outras tradições da cultura também começaram a ser praticadas como o KATXA NAWA (festa dos legumes) e o Hai Ika (festa da caçada). Ambas as festas, são cheias de canções que outras pessoas da comunidade os cantam. Além disso, o grupo ainda faz dentro da aldeia aberturas e encerramentos de reuniões, peças teatrais dos mitos do povo, entre outras apresentações da cultura. E todas essas características envolvendo a musicalidade tanto com os instrumentos tradicionais e instrumentos não tradicionais.



Foto do arquivo pessoal de Daicitânio Domingos Oliveira Kaxinawá. Apresentação do Grupo Canarinhos da Floresta (Isa Nimerãua) em uma abertura de reunião dentro do Shubuã da aldeia (2018).

Por fim, reafirmamos a participação do grupo Canarinhos da Floresta (Isa Nimerãua). Dentro da comunidade Nova Fronteira, esse grupo vem seguindo um caminho firme e forte no fortalecimento e valorização da cultura através da música.



A música vem sendo como uma ponte que nos liga aos saberes tradicionais dos nossos antepassados, o grupo assim como os professores, vem fazendo sua parte na atuação e colaboração de ensinamentos essenciais no âmbito da música, e desse modo a comunidade está se desenvolvendo e se fortalecendo muito mais.

HOMENAGEM AO GRUPO CANARINHOS DA FLORESTA (ISA NIMERÂNUA)

O Grupo Canarinhos da Floresta (Isa Nimerãua), tem feito um trabalho excelente dentro da comunidade Nova Fronteira. Aqui faço meu agradecimento ao grupo em nome do Elias Domingos Kaxinawá (Siã) e Josimar Domingos Kaxinawá (Shane), dois jovens fortes e guerreiros que estão a frente dessa organização que se propõe fortalecer a





cultura da aldeia junto aos jovens através dos cantos do Nixi Pae (Ayahuasca).

O papel que o grupo vem exercendo é bonito de se ver. Como na música, eles vêm contagiando os jovens e a comunidade em geral a entrar nesse processo de revitalização da cultura e da identidade. Por isso esse trabalho que vem sendo desenvolvido pelo grupo é muito importante!

O Grupo está servindo e servirá para as futuras gerações a adentrar e conhecer sobre as nossas origens, pinturas, cantos, danças, mitos e outros aspectos de nossa vivência mais cedo e com mais frequência. Em outras palavras, o grupo age como um professor, onde os membros do mesmo são as ideias e os condutores, o que estão à frente das ações e dos trabalhos. Do mesmo modo que o Shubuã (maloca) é a nossa escola verdadeira, a



escola tradicional onde podem ser trabalhados vários assuntos da cultura.

Diante dessa realidade, os jovens do grupo estão de parabéns por abraçar e segurar essa responsabilidade, justamente por serem jovens e começarem cedo nessa caminhada. Eles estão sendo exemplos para as crianças que posteriormente assumirão ou estarão no controle da aldeia e isso fundamental no processo de construção e revitalização da cultura. E isso também serve como exemplo para outras comunidades e até mesmo para outras etnias.

Enfim, o Grupo Canarinhos da Floresta (Isa Nimerãnuá) está sendo muito importante na manutenção da cultura da Aldeia Nova Fronteira. Esses jovens têm que ser valorizados e preservados pela própria comunidade, que pode fortalecê-los e apoiá-



los muito mais. Eles completam o saber/conhecimento na qualidade de ensino diferenciado e intercultural dentro das escolas de nossa aldeia.

Haux, Haux, Haux

Hã, Hã, Hã, Hã Rã

Gratidão a todos!

Daicitânio Domingos Oliveira Kaxinawá.



**FRANCISCA COSTA NASCIMENTO - POVO
NUKINI COMUNIDADE ISÃ VAKEVU**



Foto do arquivo pessoal de Francisca Costa do Nascimento (2018).



“Eu sou Francisca Costa do Nascimento, nome indígena Hãñã Nukini, moro na aldeia República, Terra Indígena Nukini, na comunidade Isã Vakevu. Sou filha de José Lopes do Nascimento (*in memoria*) e Elina Ferreira da Costa, pertencentes ao povo Puyanawas. Mas por eles morarem há muitos anos na aldeia Nukini, lá se casaram e tiveram seus filhos na aldeia Nukini. Por isso, todos da família consideram-se Nukini. Sou casada com Daniel Barbosa da Silva e juntos tivemos três filhos muito lindos: Jorge Luiz Nascimento Silva, com 13 anos, Luiz Fernando Nascimento Silva Nukini, com 11 anos e Thiago Nascimento Silva, de 2 anos. Concluí toda minha formação na escola da aldeia desde a Pré ao Ensino Médio, na Escola Estadual Indígena Pedro Antônio de Oliveira. Atuei como professora nessa mesma escola



desde o ano de 2012 até 2018, no Ensino de Atendimento Educacional Especial (AEE). E também no Ensino Fundamental, do 4º ao 5º Ano.

No ano de 2017 fiz a prova para participar do Curso de Licenciatura Indígena na Universidade Federal do Acre, Campus de Cruzeiro do Sul/Acre. Graças a Deus fui classificada. Hoje faço parte desse grupo de pessoas maravilhosas do Curso de Licenciatura Indígena. Conheci grandes professores que são pessoas muito especiais. A cada dia tenho aprimorado meus conhecimentos dentro da cultura, os professores nos ensinam a valorizar essa cultura e identidade cada vez mais.

E com certeza isso nos deixa um legado sobre esses maravilhosos professores que fico até sem palavras para agradecê-los.



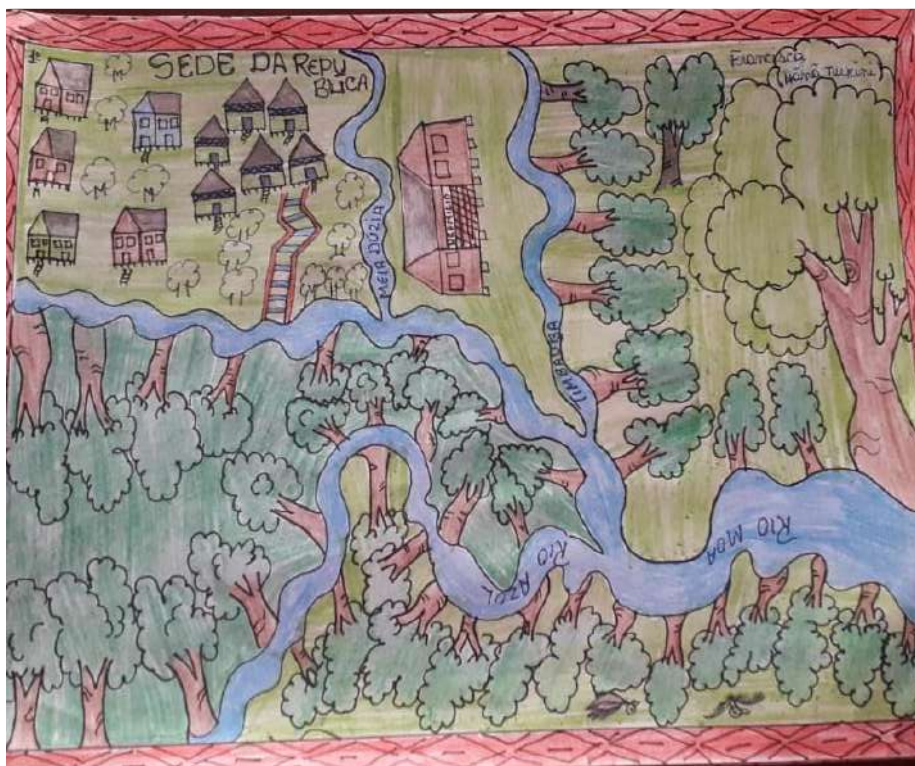
Sinto somente muita gratidão por todos eles. Minha comunidade tem posto de saúde, escola, AIS, AISAN, Agente Agroflorestral, dentre outras. Sobre a língua indígena sei falar palavras soltas e traduzir algumas frases, mas estou me interessando o bastante para aprender essa preciosidade.

Sou muito feliz em poder ajudar meu povo dentro da cultura, e na contribuição da educação de cada Kurumī, sobre a formação do ensino e aprendizagem dentro da minha própria aldeia.

Sou uma mulher indígena que gosta de cantar, dançar, usar adereços indígenas, me vestir com vestes tradicionais, estou sempre valorizando a cultura do meu povo Nukini. Sinto orgulho da cultura e por isso a represento em mim mesma. Sou uma mulher Nukini!



Foto do arquivo da disciplina Musicalidades (2019).



O que eu posso falar sobre meu povo? Bom, começo mostrando esse desenho que fiz para mostrar a minha comunidade. A Terra Indígena Nukini hoje faz parte de um dos mais importantes mosaicos de área protegida, sendo próxima ao parque Nacional da Serra do



divisor. Os Nukini a muitos anos estão reivindicando a ampliação de seu território oficial.

Um dos principais desafios dos Nukini é garantir sua reprodução física e cultural. Acreditamos poder estabelecer relações de qualidade com os ambientalistas e demais atores que trabalham no parque, cujo interesse nem sempre convergente vem ocasionando uma série de conflitos, tornando difícil o diálogo e uma atuação conjunta para a proteção da constantemente ameaçada por peruanos, caçadores, pescadores e traficantes. Então, em meio a essas comunidades eu moro na comunidade Isã Vakevu na qual já citei acima. Uma comunidade que é o reflexo da aldeia onde ela é a base, lá residem 19 famílias.



Da cidade do município de Mâncio Lima para chegar na aldeia são 7 horas de viagem, viajando de barco, de subida.

Na comunidade Isã Vakevu ainda tem uma ecologia bastante exuberante como palmeiras: Buriti, Açaí, Ouricuriou ou Auricuri, Jaci, Patoá, Murmuru e Coco. Árvores de madeira de leis: Cedro, Aguano e Pau D'Arco. Também tem muitas árvores frutíferas: Mamão, Banana, Laranja, Tangerina, Ingá, Limão, Lima, Cajarana, Pusabi, Bacuri, Ramachucu, Massaranduba, Pupuzinho e Cacau. Mas tem muito mais!

Os **animais** ali presentes são: Galinha, Pato, Boi, Porco, Marreco, Cachorro, Paca, Tatu, Arara, Papagaio, Saracura, Nambu, Aracuã, Juriti, Jacaré, Tracajá, Porco do Mato, Maracanã, Periquito, Macacos, Cutia... Os **insetos** são: Grilos, Sapos, Aranhas...



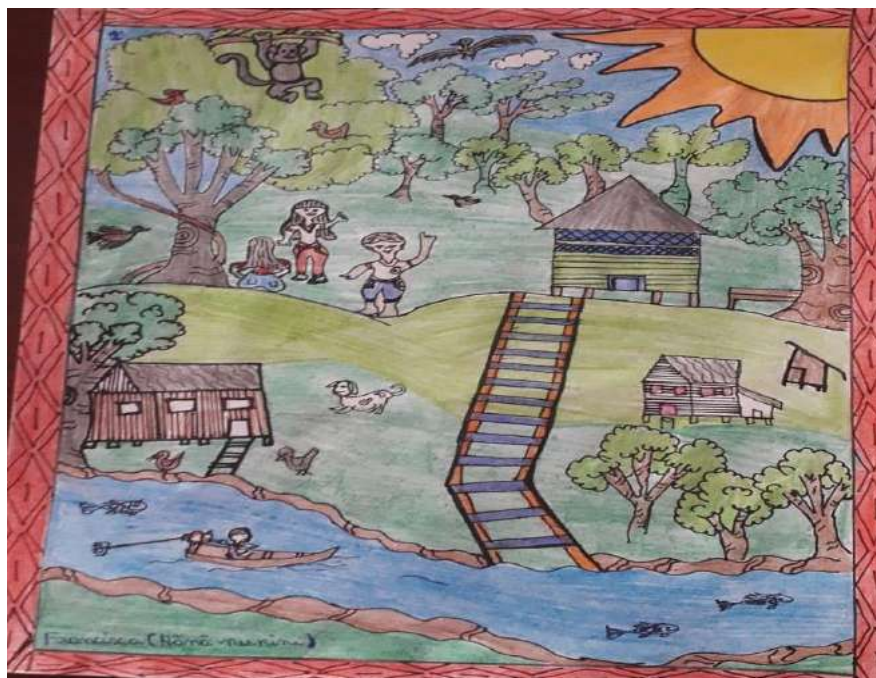
Cobras: Jararaca, Jibóia, Surucucu, Pico de Jaca... **Peixes:** todas as qualidades de peixes de Água doce.



Portanto, minha comunidade tem muita vida! E temos muito que trabalhar ainda para conquistar e firmar nossa identidade e cultura. Isso porque nossa cultura ainda



está muita fraca. Agora estamos unidos nos mobilizando com cantorias tradicionais... Para mostrar para o mundo que também estamos resistindo na luta pela nossa cultura.



Ao trabalhar a **paisagem sonora** dentro da terra indígena Nukini com os alunos, podemos levá-los a observar tudo o que existe ao seu



redor. E em seguida, podemos pedir que eles comentem o que eles ouviram e viram em sua volta. Acredito que é através dessa pesquisa de campo que eles vão dar valor a ecologia que temos na nossa comunidade, porque na maioria das vezes eles nem percebem, de tão acostumados que estão com ela.

Para desenvolver a atividade auditiva dos alunos sobre a ecologia da nossa aldeia devemos desenvolver atividades remotas na qual o aluno, em casa, a noite ou a tarde possa em silêncio ouvirem as sonoridades dos seus lugares. Sendo que cada aluno mora em lugares diferentes e com isso ao chegar na sala de aula gerar um grande debate entre alunos. Cada um vai ouvir sons diferentes, porque cada lugar tem sua própria cultura auditiva, tornando um ambiente único.



Para trabalhar essa temática eu aplicaria o seguinte:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome da escola: Escola Estadual Indígena Pedro Antônio de Oliveira

Professora: Francisca Costa do Nascimento

Aldeia: Terra Indígena Nukini

Comunidade: Isã Vakevu (sede da República)

Disciplina: Interdisciplinar (Língua Portuguesa e Artes)

Série: 5º Ano

Turma: Única

Turno: Manhã

Data: 14 e 15 de agosto de 2021

Duração: 8 horas de aulas

Tema: Paisagem sonora do lugar de vivência do aluno.

Conteúdo: Identificação dos sons da natureza (Escrita e Leitura/Desenhos) e Identificação dos animais quanto à sua espécie, e desenhos.

Objetivo geral: Desenvolver a habilidade auditiva do aluno, a partir da experiência acústica no seu meio ambiente.

Objetivos específicos:

- ✓ Identificar os sons da natureza;
- ✓ Aprimorar a capacidade mental do aluno através da paisagem sonora do lugar em que ele frequenta/vive;



- ✓ Contribuir para que as crianças adquiram mais conhecimentos e desenvolvam suas habilidades auditivas através da paisagem sonora;

Metodologias utilizada

- ✓ Conversa informal (oralidade);
- ✓ Apresentação do tema, conteúdo e objetivos,
- ✓ Explicar o conteúdo;
- ✓ Levar o aluno para um ambiente de floresta;
- ✓ Pedir que os alunos ouçam e identifiquem os sons da natureza;
- ✓ Trazer os alunos novamente para a sala de aula;
- ✓ Pedir que os alunos em silêncio, organizem uma lista dos sons que eles ouviram e identifiquem os animais vistos;
- ✓ Pedir para os alunos desenharem um animal/ave responsável pelos sons que ele mais gostou de ouvir e escrever as características desse som.
- ✓

Recursos: Caneta, lápis, borracha, caderno, natureza, papel A4, lápis de cores, pincel, quadro branco, pincel de quadro branco.

Avaliação: A avaliação será no decorrer das atividades, observando o empenho e o desenvolvimento de cada educando.

Bibliografia:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural ressignificando a escola. Brasília, DF: MEC, 2007.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de política da educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, DF: MEC, 1998.

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em Educação Musical**. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Olivera. **Música e ecologia acústica na formação de professores: cultura auditiva significativa e educação**. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

Nesse meu Plano de aula eu pretendo trabalhar o canto dos animais que existem perto de nós. Vou falar um pouco sobre o canto do sapo e o canto da coruja. Vou



mostrar que pela manhã, tarde e noite os animais cantam de forma diferente.



Perto da minha casa existe uma pequena lagoa. Então, quando chove e essa lagoa fica enchorrada, podemos ver bastante sapos. Quando chega a noite é aquele conjunto de sapos que ficam só cantando: cro, cro, cro,



cro! Parece que tem alguém desgostando uma canoa! Então eu fico muito irritada porque eu não consigo dormir.

Também na noite de lua cheia, fica a noite inteira clara. E perto da minha casa tem uma linda Samaúma, lá moram algumas corujas.

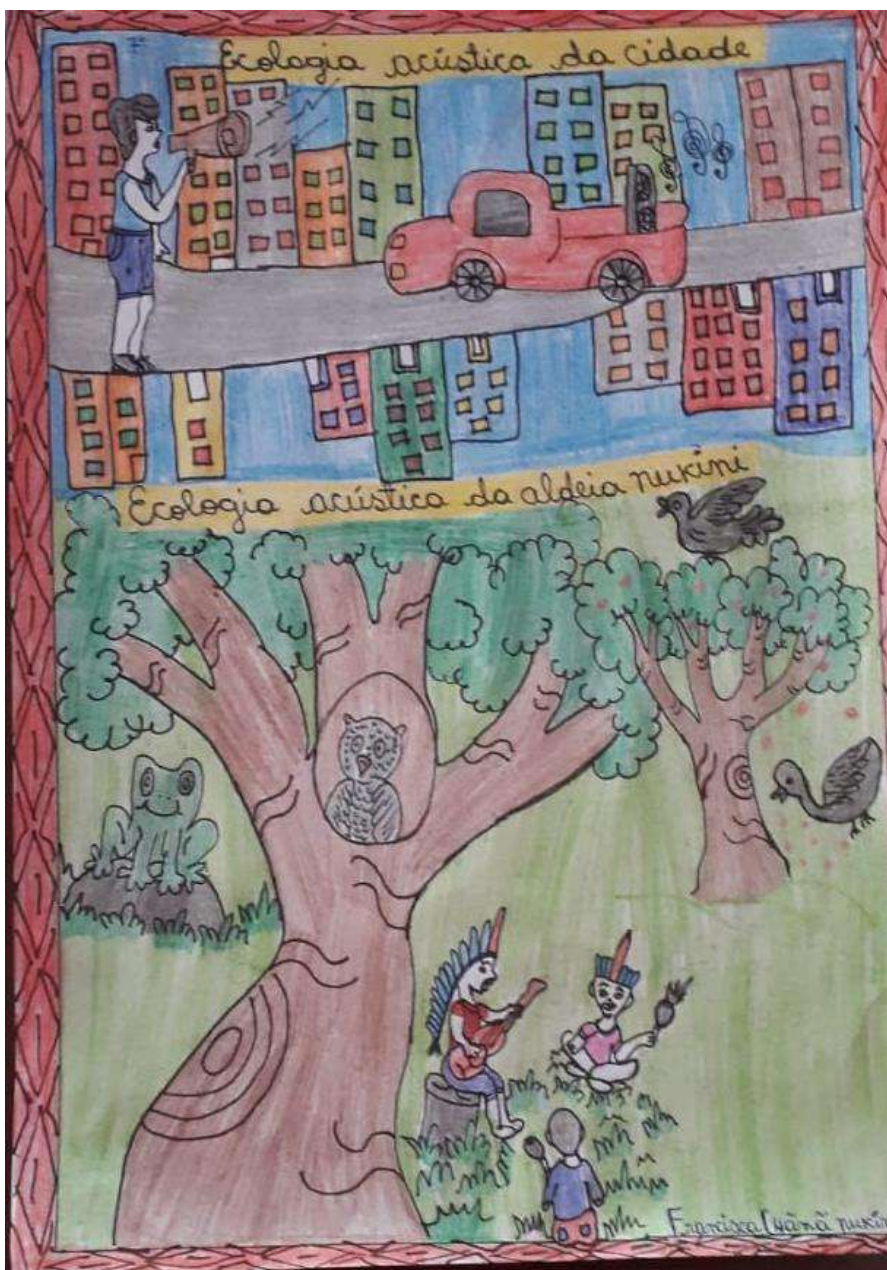




Todas as vezes que elas cantam eu me assusto e meus filhos têm muito medo do canto delas. Na aldeia onde eu moro, além dos sons naturais também ouço sons tecnológicos, industriais e humanos.

Os industriais e tecnológicos: rádio, televisão, caixa de som, Motor Serra, e roçador; Sons humanos: cantorias, gritos assobios, espirros e risadas.

Na cidade, a ecologia acústica é muito barulhenta, uma vez que envolve propaganda, música alta e são muitos poluidores para nossa mente. Na aldeia também ouvimos sons da natureza, mas são mais calmos. Tem as horas e os dias e assim conseguimos dormir e conviver com mais tranquilidade. Os sons da natureza trazem a paz interior, trazem mensagens..., mas pra nós que já somos acostumados às vezes se torna estressante.





A MUSICALIDADE TRADICIONAL NA MINHA ALDEIA

A musicalidade tradicional indígena do povo Nukini, na comunidade Sede da República (Isã Vakevu) acontece em torno da bebida sagrada, o Uni, e está evoluindo cada vez mais. Há alguns anos não se ouvia falar na bebida sagrada, o Uni. Só os mais idosos que falavam sobre isso. O índio mais velho da aldeia, Evaristo Pixta (*In memóriam*), ele bebia o daime que hoje chamamos de Uni, e o rapé só nos momentos de curas, para ver se eles estavam em perigo e quando iam enfrentar alguma batalha com outros índios. Segundo contaram, o ancião cantava várias canções lá do jeitinho dele, todas na língua indígena. Mais ninguém nunca se interessou de saber daquelas canções e o que elas queriam falar.

Há poucos anos atrás um parente Nukini foi nomeado para ser um Agente Agroflorestal



Indígena (AAFI). Então ele começou a fazer intercâmbio com outros povos, e em meio a esses intercâmbios ele trouxe a bebida sagrada (Uni) com mais frequência para dentro da aldeia. Formalizou um grupo de pessoas e assim foi espalhando por toda Terra Indígena. Isso aconteceu na comunidade vizinha **Recanto Verde**. No entanto, eles foram bastante criticados, mas hoje todos já entendem.

Então, na aldeia **Isã Vakevu** tem uma pessoa muito sábia, que desde pequeno os moradores da aldeia viam algo muito diferente naquele menino. E ele foi crescendo, crescendo e assim todos viram que ele tinha uma conexão muito forte com a espiritualidade e os ancestrais do povo Nukini.



Ele se empenhou bastante dentro da cultura, buscou novos conhecimentos sobre as crenças do povo Nukini, como: bebidas tradicionais, sagradas, rapé, tudo sobre o povo e então essa pessoa tornou-se curandeiro. Ele se tornou conhecedor das plantas medicinais. Em meio a esses conhecimentos, ele passou a ser a liderança do povo. Essa pessoa se chama Leonardo Nukini (Pistyani Nukini).

Leonardo Nukini vem desenvolvendo um trabalho muito importante na aldeia **Isã Vakevu**. Ele é o responsável por aplicar a bebida sagrada, o Uni. Ele consegue juntar várias pessoas da comunidade, incluindo jovens, anciãos para as rodadas de rapé, cantorias, danças e a bebida sagrada. Ele consegue concentrar várias pessoas ao mesmo tempo, ele é um verdadeiro pajé.



Eu, Francisca, nunca bebi o Uni com Leonardo Nukini, mas não é falta de interesse porque ele já me convidou várias vezes, mas sim porque não me sinto preparada. Apesar



disso, tenho tido oportunidade de presenciar momentos em que ele vem realizando esses encontros.

Portanto, a musicalidade sagrada é inexplicável, porque embora você seja só uma visitante, no momento das músicas você sente algo diferente com seu corpo. Uma conexão estranha com algo espiritual, é inexplicável!

Essas músicas são cantadas sem sons de nenhuns instrumentos somente na voz da pessoa. Isso acontece durante o início de uma rodada de conversa, defumações, e durante a ingestão da bebida sagrada. Tem músicas que são cantadas para curar, na miração, limpeza do corpo. A música sagrada é uma conexão com o corpo e a alma.

Na minha aldeia Nukini existem vários tipos de instrumentos tradicionais que são



usados em festas e também para outros fins. Temos Maracás, buzinas e tambores. Então vou falar um pouco sobre cada um desses instrumentos

MARACÁS

Na aldeia utilizar-se dois tipos de Maracás. Um é feito de coité raspadinha, com o Cabo de madeira serrada ou pau roliço, para o enfeite colocamos algumas penas de aves da floresta como: papagaio, pavão, Maracanã, Arara... As pinturas são feitas com a ponta de uma faca ou ferro. O outro Maracá é feito de kuta (coco). Para fazer o Cabo também é utilizado madeira serrada ou pau roliço. Para fazer os enfeites, é utilizado os mesmos materiais acima citados. Os Maracás são produzidos por homens e mulheres.



Eles são usados em festas tradicionais utilizado por homens e mulheres, para chocalharem durante as cantorias e danças. Dentre suas funções, está a de produzir sons durante as cantorias. E para que esse som zoe bem forte, quando os Maracás são



produzidos, são colocadas pedras de areia de vários tamanhos dentro deles.

Nos rituais sagrados (bebida do Unī, curas, banho de barro...) os Maracás também são utilizados. Mas aqueles que produzem um som mais tranquilo, mais baixo, porque as músicas sagradas são diferentes das músicas de alegria.

Então, a festa tradicional só fica animada e boa de se dançar quando é utilizado os instrumentos tradicionais musicais. Além do que temos na aldeia que não são tradicionais.

TAMBOR

Os tambores são de suma importância nas festas tradicionais do povo Nukini.





Temos duas qualidades de tambores: o primeiro tipo é o grande, que é colocado a Pele de animal só em um lado do rolo de cedro ou outra madeira que seja bem maneira. O segundo tipo de tambor é pequeno, e nele é colocado a Pele de animal nos dois lados do rolo.



Os tambores são produzidos pelos homens, que fazem todo o processo com a pele do Porco do Mato (Unu), da Queixada (Nawa) e do Veado (Xahu), para poder eles mesmos produzirem os tambores. A pele é amarrada nos rolos de madeiras com fibra de tucumã, que chamamos de tucum.



Os tambores são tocados por homens e mulheres. Em algumas festas de rituais, as músicas são cantadas somente com o som do tambor e mais nenhum outro instrumento.

BUZINA (BUNÃ)

O povo Nukini sempre usou a buzina. Antigamente, no tempo dos patrões, segundo minha mãe, eles usavam a buzina de garrafa de vidro (garrafas de cachaça), para se comunicar. Hoje, essa mesma buzina que chamamos de **Bunã** é feita de várias maneiras, como: Rolo de Bambu, Rabo de Jacaré (INÃ BUNÃ KAPE).

A **INÃ BUNÃ KAPE** é produzida do Rabo do Jacaré, o rabo seco. Depois de bem limpo, em seguida coloca-se um pedacinho de bambu no lado que se assopra, na parte fina do rabo.



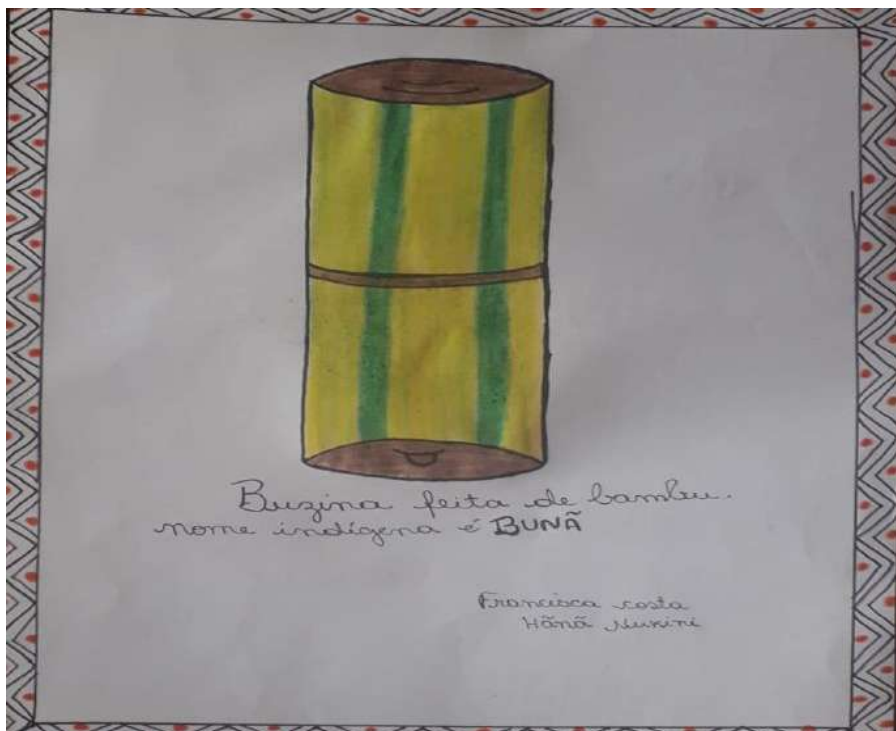
Até agora ela é produzida somente pelos homens da aldeia.



Já a BUNÃ DE BAMBU é feita somente de rolo do bambu, que depois de limpado é furado um pequeno buraco em uma das partes. Naquela parte que fica tampada e no buraco que é para



ser assoprado. Essa buzina tem várias funções na aldeia.



As funções da buzina na aldeia: A primeira é quando acontecem festas tradicionais na aldeia, quando o povo Nukini está bem animado tomando Caiçuma. Vários



homens começam a buzinar todos juntos, aí fica um eco muito legal, que chega até a arrepiar. Essa função é a da celebração!

A segunda função é a BUNÃ que também é assoprada pelas mulheres e também serve como um meio de comunicação tanto para a escola, como para os moradores da aldeia.

Na escola, a buzina é responsável pela organização do início e fim das aulas, ela comunica o tempo das aulas e seus intervalos entre alunos e professores. Ele buzina uma vez para os alunos e professores entrarem em sala para dar início a aula. Duas vezes quando chega a hora da merenda. Três vezes para todos irem para casa.

De tarde é a mesma coisa. Para os alunos de Ensino Fundamental, do 6º ao 9º Ano. Só altera as buzinas que são mais, porque cada vez que o professor vai trocar de horário,



a responsável da escola buzina e toca uma vez. Então, tanto o aluno quanto o professor têm que ficar bastante atentos no eco sonoro da buzina.

A terceira informação que trago são relatos de moradores da aldeia. Eles relatam que a BUNÃ também serve de orientação para aqueles que caçam e pescam. É como se fosse um relógio, pois eles, ao sair de suas casas já ficam atentos ao som da BUNÃ da escola, porque eles já sabem as horas em que a BUNÃ ecoa na aldeia.

Os horários são os seguintes: 7 e 30 da manhã; 9 horas da manhã; às 11 e 30 da manhã. Turno da tarde: 13: 30 da tarde; 15: 00 da tarde; 16 e 45 minutos da tarde. Ocorre que em meio a esses intervalos ocorre a troca de professores de cada disciplina. E isso marca a hora em que os trabalhadores que vão para



o roçado, pescar, caçar já saibam o horário de voltar para casa para almoçar ou descansar a tarde.

A quarta informação diz que a BUNÃ também serve para achar pessoas que vão para a floresta caçar e se perdem no meio da mata. Aí, os parentes da aldeia vão procurar aquela pessoa perdida, e levam a BUNÃ para irem assoprando no meio do pique. Até a pessoa que está perdida escutar. Então, quando ela escuta a buzina, ela vem ao encontro daquele eco e encontra o pique e os parentes que estão lhe procurando.

Portanto, esses instrumentos são de grande valia para o povo Nukini. Acredito que no futuro nós possamos produzir mais instrumentos tradicionais para a animação e a vida do povo, valorizando os que já temos



a cada dia mais. Essas práticas fortalecem nossa cultura, nossa identidade.

AS MULHERES NAS FESTAS TRADICIONAIS

Eu, Francisca Costa do Nascimento, na língua indígena (Hãñã Nukini), agora vou falar sobre as festas tradicionais que acontecem na aldeia Nukini, mostrando também a participação das mulheres Nukini dentro desse movimento.

Durantes as festas tradicionais, as mulheres ficam bastante envolvidas nas atividades, na dança, no tocar do Tambor, no Maracá. Também as mulheres têm funções bastante importantes. Durante a festa, são elas que dão a Caiçuma para os homens e os demais parentes e visitantes da festa.

Quando os homens vão fazer rodadas de cantoria a tardezinha, embaixo de uma árvore



ou na Xapana ao início da noite, o líder convida as mulheres, crianças, idosos e jovens todos para participar. Quando o líder começa a cantar as músicas, os homens acompanham e então as mulheres ficam dando suporte na segunda voz. Aí sim, fica uma música bem legal de se ouvir.

Também durante as rodadas de Unī tem momentos em que só se ouvem as vozes das mulheres (momentos em que elas estão na miração), pois, no grupo que bebe Unī na aldeia Isã Vakevu, são mais as mulheres que atuam.

Portanto, os homens da aldeia Nukini não desenvolvem nenhuma festa ou qualquer trabalho sem ajuda e a parceria das mulheres. Elas estão presentes em todas as atividades que acontecem na aldeia coletivamente. A presença das mulheres é muito forte em todas



as atividades tradicionais que acontecem na aldeia.”

POESIA DA ALDEIA ISÃ VAKEVU

Caminhando pela floresta
Ouço barulho de vários animais!
Continuo caminhando...

De repente, avisto um macaco!

Ele pula na árvore!

Meu Deus!!!

Ele me assustou!

Continuo meu caminhar pela floresta...
Ouço os sons das folhas secas sob meus pés!

E lá se vai!

Os assobios das xuri

Chamando as outras para comer frutinhas.

E assim vou continuando

Minha deslumbrante caminhada

Voando aos sons dos animais

Da minha aldeia Nukini

Autora: Francisca Costa (Hãñã Nukini)







**DEILIANE MUNIZ DOS SANTOS – POVO
NUKINI (ALDEIA MEIA DÚZIA)**



Foto do arquivo pessoal da acadêmica Deiliane Muniz, (2018).



“Eu sou Deiliane Muniz dos Santos, meu nome na língua indígena é VARI, que significa sol. Pertencço ao povo Nukini e moro na **Aldeia Meia Dúzia**, pertencente ao município Mâncio Lima/Acre. Sou filha do Denílson Monteiro dos Santos e de Evanilda da Costa Muniz. Tenho 30 anos, sou casada com Geizon Campos Nascimento e tenho dois filhos: Hana Vitória Muniz Nascimento, com 7 anos de idade e Carlos Henrique Muniz Nascimento, com 6 anos.

Sou professora na Escola Hermílio Generoso de Oliveira, iniciei no ano de 2013 trabalhando com o Ensino Fundamental II. Em 2004 tive a oportunidade de participar de um Curso oferecido pela Secretaria de Educação do Acre no município de Plácido de Castro. Era o Magistério Indígena, onde estavam



presentes vários povos Indígenas de etnias distintas.

Em 2017, ingressei na Universidade Federal do Acre, no Curso de Licenciatura Indígena, no mesmo ano fui convidada pelo professor José Alessandro Candido da Silva. Fui aluna do PIBIC, que foi realizado na minha comunidade. No ano de 2018, não trabalhei, e no ano de 2019 voltei novamente a trabalhar com o EJA no mesmo ano, novamente a convite do professor Alessandro, trabalhei com o PIBID, que foi desenvolvido na escola Hermílio Generoso de Oliveira. No ano de 2020 trabalhei com o Ensino Fundamental II, e nesse ano de 2021 comecei a trabalhar com o Ensino Médio, uma nova experiência na minha vida. Ao todo, trabalho há sete anos na Educação.



Me dedico muito a essa profissão e cada dia, vou adquirindo conhecimento para ajudar minha comunidade, pois quero que eles também tenham a oportunidade que eu tive de estudar e trabalhar, ou até mesmo exercer outras profissões.

Além da profissão de professora, sou conselheira de saúde local. Tenho um trabalho que gosto e onde posso reivindicar as melhorias da minha comunidade. Estou sempre com os profissionais da saúde de AISAN, AIS, MICROSCOPISTA e liderança trabalhando juntos buscando resolver as dificuldades que enfrentamos no nosso dia a dia. Sou bem participativa na minha comunidade em reuniões e comemorações coletivas.

Quero sempre está presente com minha comunidade ajudando no que for preciso,



reivindicando nossos direitos indígenas. Grata a Deus pois estou conseguindo realizar um dos meus objetivos que era fazer uma um Curso Superior. Hoje, estou quase finalizando o Curso de Licenciatura Indígena! Diante de todas as dificuldades estamos conseguindo! Minha mensagem para todos é que para conseguimos fazer o que queremos precisamos enfrentar todas as dificuldades que aparecem em nossas vidas, e não devemos desistir das primeiras dificuldades, devemos encarar com grandes sabedorias.

Porque não estamos fazendo só para nos beneficiar, mas sim para ajudar nossos parentes, em prol do coletivo! O próximo passo me fortalecer dentro da cultura, tenho buscado novos conhecimentos com os anciões e juntos com os professores e alunos da aldeia



Escola pequena com cinco professores. Tem agente agroflorestal, AISAN, AIS e microscopista. Esses são os funcionários que temos em nossa comunidade. E temos uma paisagem muito linda e verde e também com muitos animais domésticos e muitos animais selvagens. Tem bastante aves. Sou feliz nesse meu lugar. Sou filha, sou esposa, sou mãe, sou professora, sou conselheira da saúde local, sou estudante. Dedicção com todo amor ao que eu tenho conquistado nesse percurso.

Numa situação em que eu precisasse chamar a atenção dos meus alunos para as **paisagens sonoras**, eu iria explicar para os alunos o que é paisagem sonora. Em seguida pediria para eles fazerem uma pesquisa sobre as modificações ou mudanças do meio ambiente, se está diferente dos dias de hoje que



estamos vivendo. E também explicaria para meus alunos que devemos valorizar quaisquer tipos de sons que ouvimos em nossas florestas, que possamos valorizar cada detalhe.

PLANO DE AULA

Dados de identificação:

Endereço: Comunidade *Meia Dúzia*

Escola: Hermílio Generoso de Oliveira

Disciplina: Interdisciplinar (Artes e Língua Portuguesa)

Professora: Deiliane Muniz dos Santos

Serie: Ensino Médio

Turma: Única

Carga horária: 8 horas (Várias aulas, numa sequência didática)

Data: 01 e 02/ 08/ 2021

Tema: A paisagem sonora do lugar da vivência do aluno.

Conteúdo: desenvolvimento da compreensão musical e da consciência sobre ecologia acústica e paisagem sonora. Escrita. Leitura.

Objetivo Geral: Desenvolver escuta e a criação de Paisagens Sonoras para favorecer o desenvolvimento da compreensão musical e da consciência a respeito de ambientes acústicos.



Objetivos Específicos: Explicar, oralmente, os conceitos referentes à paisagem sonora, conscientizando os alunos da importância de conhecermos nosso ambiente sonoro. Desenvolver uma escuta consciente, o que nos possibilita ter uma visão mais crítica sobre o assunto e interferir na busca de um ambiente íntegro (sem destruição) e melhor qualidade. Escrever e ler a produção resultante da escuta do meio ambiente realizada pelo aluno.

Metodologia: Convidar os alunos a permanecerem parados por um momento em um caminho, fazendo silêncio e escutando os sons ao redor. Questionar o que foi possível perceber? Perguntar se os sons lhe pareceram irritantes ou agradáveis. Se os sons possibilitam imaginar o ambiente. Solicitar aos alunos que façam uma lista dos sons que os rodeiam e conduzi-los para uma caminhada pela escola, para ouvir os diversos sons. Neste momento, é interessante pedir a eles que fechem os olhos por um minuto e escutem os sons à sua volta. Por meio de questionamentos, conduzir o aluno a uma percepção pessoal dos sons que ele pode ouvir de dentro da sala de aula. Refletir sobre a importância da percepção sonora crítica, para que ele seja capaz de selecionar aqueles sons que deseja manter, e se opor àqueles que julgar prejudiciais à sua audição. É fundamental, neste momento, levar ao conhecimento dos alunos que os sons podem ser classificados em naturais, humanos e tecnológicos. Propor aos alunos que, considerando o passeio que já foi feito pela escola, relembrem os sons que ouviram no passeio sonoro e, de posse das listas que fizeram, analisem



os sons que foram ouvidos resolvendo, então, os exercícios.

Solicitar aos alunos que respondam aos exercícios, levando em consideração a paisagem sonora que observam no seu cotidiano, na escola e na sua comunidade.

Fechamento da aula: Fazer um breve comentário sobre o conteúdo trabalhado, de forma reflexiva, usando o poema de minha autoria.

Recursos: Quadro branco, lápis, caderno, borracha, folha sem pauta, folha com pauta, lápis de cor, pincel.

Avaliação: Os alunos serão avaliados de acordo com o envolvimento nas atividades propostas.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de política da educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, DF: MEC, 1998.

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons:** práticas criativas em Educação Musical. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente:** a ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.



MOLINARI, Paula Maria O. de Oliveira; FONTEERRADA, Marisa T. de Olivera. **Música e ecologia acústica na formação de professores:** cultura auditiva significativa e educação. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

Porém, para a gente ter uma paisagem bonita verde conservada com muito animais e aves, precisamos cuidar da nossa floresta. Não desmatar, não queimar, somente plantar para nós sobreviver e alimentar os animais que vivem ao nosso redor.”





Mas ao falar sobre sonoridade e meio ambiente temos um contraponto a considerar. E isso diz respeito aos sons quase ruídos, poluidores da natureza. Sim! Poluição sonora.

Alguns anos atrás não existia elementos tecnológicos era tudo bem natural. Mas com o passar dos tempos foram chegando muitas tecnologias em nossa aldeia, que facilitaram muito em nossas vidas hoje temos: o motor que realizamos viagem até a cidade e visitar parentes.

Temos canoas e remos que usamos para pescar, espingarda que os homens usam para caçar, quase todas famílias usam rádio para ouvem mensagens, avisos e músicas. Também quase toda família tem televisão. Celulares, tablete e notebook para se comunicar e ouvir música e vídeos.



Todos esses aparelhos tecnológicos fazem muito barulho. Temos que ter cuidado para que futuramente esses sons feitos pelos elementos tecnológicos não venha prejudicar nossa paisagem natural que temos em nossas aldeias. Mas ao mesmo tempo não elementos tecnológicos que hoje em nossas comunidades



são essenciais em nossas vidas nos ajuda muito, a relação à trabalho e comunicação.

A MUSICALIDADE NA MINHA ALDEIA *MEIA DÚZIA*

Minha aldeia fica localizada as margens esquerda do rio moa do município de Mâncio lima, na terra indígena Nukini. Na minha comunidade não temos instrumento musicais tradicionais, mas diante das aulas que tivemos, é de muita importância que a gente tenha esses instrumentos.

Em breve temos a intenção de realizar Oficinas de construção de Instrumentos Musicais na nossa escola. Vamos construir esses instrumentos juntos com os professores e alunos, para usamos nas nossas datas comemorativas que realizamos na nossa escola.



Com esses instrumentos musicais tradicionais indígenas os alunos vão valorizar mais sua cultura, ao invés de só valorizar os instrumentos tecnológicos. Esses instrumentos tecnológicos são importantes, mas os instrumentos da cultura são muito mais importantes, pois nossa cultura e identidade são as nossas raízes.

Vamos valorizar nossos instrumentos musicais para que futuramente os alunos aprendam a fazer, e usar, e repassando essas informações adiante.

Na minha comunidade precisamos fortalecer nossa cultura em relação a tudo, posso dizer que se tem alguns instrumentos seria pouquíssimo, não seria o insuficiente fazer os sons.



Na maioria das vezes, quando vamos comemorar as datas comemorativas tradicionais, usamos caixa de som para ouvimos as músicas indígenas. Resumindo, a cultura da minha aldeia está em processos de



revitalização. Quero que minha comunidade consiga fortalecer esses instrumentos musicais tradicionais, principalmente juntos com os nossos alunos porque é na escola que realizamos nossos encontros tradicionais.

AS CANTORIAS NA MINHA ALDEIA

As cantorias na minha aldeia não são cantadas apenas pelas mulheres, mas quando as músicas são cantadas quem puxa sempre e a professora Analice e acompanhamos junto com ela a música, incluindo homens, mulheres e crianças. E juntos com ela queremos nos fortalecer, mas ainda nas nossas músicas indígenas. Produzir músicas para cada momento específico. Temos que nos fortalecer a cada dia, mas, para gente deixar todos esses conhecimentos para os jovens que futuramente vão precisar e praticar também.



Nesta foto estou em outra comunidade, em um festival onde estavam presentes várias pessoas trocando experiências, na Aldeia Recando Verde com Iri (Romilson Nukini). (2018).



A gente não tem muitos esses encontros tradicionais, mas quando tem gosto de me vestir e participar dos momentos tradicionais.

E também gosto de vestir minha filha, e quando vamos em outros eventos na comunidade vizinha também vou vestida tradicionalmente, gosto de me pintar.

Acredito que dessa forma contribuo para a valorização das nossas tradições culturais. Quero me fortalecer mais no conhecimento e na vivência das músicas indígenas do meu povo.

De minha parte, sei que cabe a mim buscar a dedicação ao máximo, para que eu possa ensinar as crianças, jovens e demais membros da minha comunidade.



POEMA HOMENAGEM AO MEIO AMBIENTE

Por uma perfeita criação
O verde das matas abraça a natureza
Saindo de casa, os animais me acompanham
Pato, cachorro, gato e galinha
Até a beira do igarapé.
Os peixes pulando na água!
Saltitantes, dançam para todo lado!
Num remexer a água buliçoso
Vou à igreja caminhando!
Pela mata, os animais cantando!
Encontro pássaros cantando e pulando!
E assim vou caminhando!
Encontro macacos gritando! Quanta animação!
Chego à igreja sorrindo! Olho atrás!
Vejo animais!
Porcos, galinha e galo, cachorros!
Assim sou recebida por esses animais tão
especiais!
Cuide da natureza hoje! Para que o futuro
seja melhor!
E muitos vivas às árvores e aos animais!

De autoria da acadêmica:
Deiliane Muniz Nukini







**ALEXANDRA MARIA MUNIZ – POVO NUKINI
ALDEIA ISÃ VAKEVU**



Foto do arquivo da disciplina Musicalidades, 2019.



“Eu sou Alexandra Maria Muniz Nukini, conhecida pelo meu povo por Sandra ou Ayani. Sou filha de dona Arlete Muniz. Tenho 51 anos de idade, sou casada com Evilásio Alves de Oliveira Nukini e tenho três filhos: Alex Muniz, Francisco Muniz Rodrigues e Leonardo Muniz de Oliveira.

Sou uma das mais antigas das professoras da Aldeia Isã Vakevu, atuando em sala de aula desde 1988. Sou formada no Ensino Médio em Magistério Indígena. Sou uma mulher Nukini e gosto de valorizar muito os conhecimentos e saberes tradicionais do meu povo ancestral. Portanto, estou ainda aprendendo com os anciões e os jovens sobre as musicalidades e cantorias Nukini. Isso me dá coragem e inspiração, além de muita força de vontade para não deixar nossa cultura acabar, por



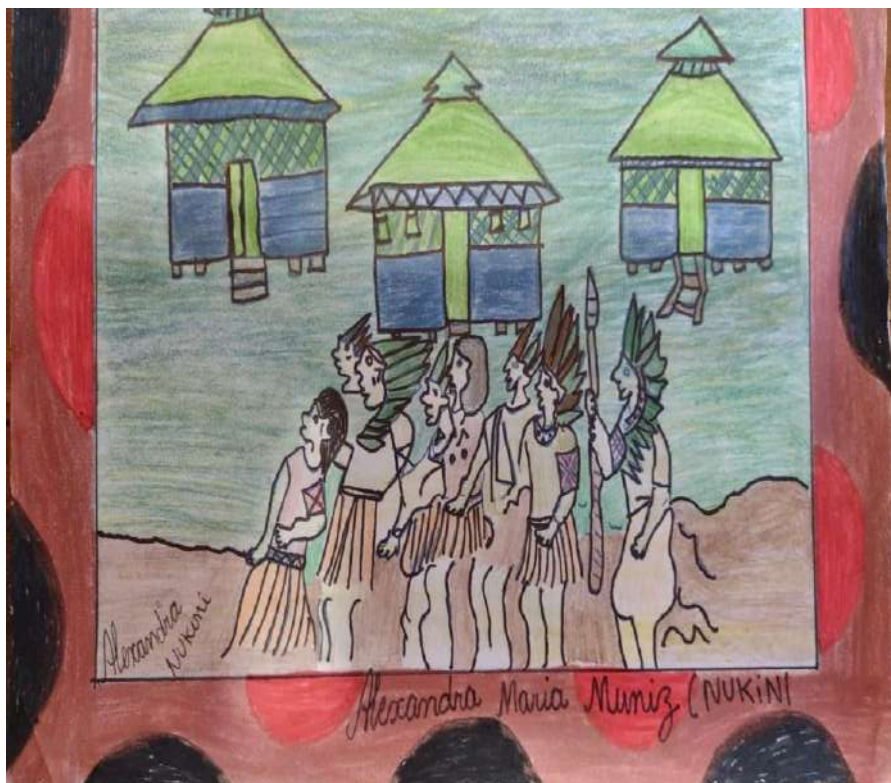
isso eu continuo meu trabalho como educadora de minha aldeia.

No entanto, devo esclarecer que esse trabalho com a musicalidade, um dos fundamentos importantes da nossa identidade, vem sendo desenvolvido por professores da língua indígena e pelos curandeiros.

Quando comecei trabalhar como educadora em 1988 não se ouvia falar sobre cultura. Então, foi a partir de 2017 que iniciei minhas pesquisas na comunidade com incentivo dos professores da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta de Cruzeiro do Sul/Acre. Então, comecei a fazer pesquisas com os anciões a partir da oralidade e na prática. Aí que fui aprendendo com eles sobre os mitos, histórias do meu povo e sobre a música cantada e tocada nas festas tradicionais Nukini. Com isso hoje eu estou



registrando, ou seja, colocando no papel as cantorias do nosso povo.



Este trabalho trata dos conhecimentos sobre a musicalidade indígenas do meu povo Nukini, pertencente à Terra Indígena Nukini, Município de Mâncio Lima/Acre. Ele aborda



especialmente os conhecimentos relacionados ao ritual da Caiçuma (Aya), Rapé (Nî). O estudo busca registrar e sistematizar estes conhecimentos através da linguagem escrita para a transmissão desses nas escolas indígenas.





AS PAISAGENS SONORAS DO ENTORNO DA MINHA ESCOLA E DA MINHA ALDEIA

“A escola indígena estadual Pedro Antônio de Oliveira, em Isã Vakevu fica nas margens esquerda do Rio Moa, no município de Mâncio Lima Acre e pertence a rede estadual de ensino. Nossa escola é uma instituição criada e mantida pelo poder público estadual, possui alunos matriculados nos dois turnos, atendendo toda a clientela da aldeia, circunvizinha da terra indígena Nukini.

Para trabalhar a **paisagem sonora** do lugar onde moramos com alunos de nossas escolas eu levaria nossos alunos para um lugar onde eles possam observar a paisagem sonora. Como desenvolver as habilidades auditivas do aluno e a partir da experiência acústica no meio ambiente da vivência dele, como por



exemplo no cantar como o sapo tucano latido
do cachorro o cantar do grilo o assobio ou
canto dos macacos prego no canto da coruja
os balançar das Árvores e o vento.





Nós conhecemos a natureza e isso é tão natural e por isso conhecemos o canto de cada espécie, conhecemos também as aves macho ou fêmea pelo canto.





Elementos naturais como a cachoeira, o canto do pássaro e outras aves como vento na mata... O som de cada um, em sua memória, é possível guardar o significado de cada sonho. Então a ave Arara significa fartura muito açaí na aldeia.





A FORÇA ESPIRITUAL DA CACHOEIRA

As cachoeiras com seu som agradável e repetido é o lugar sagrado para nós povos indígenas. O banho de cachoeira é a medicina que cura as doenças, pois tira o estresse e limpa o corpo e a mente.





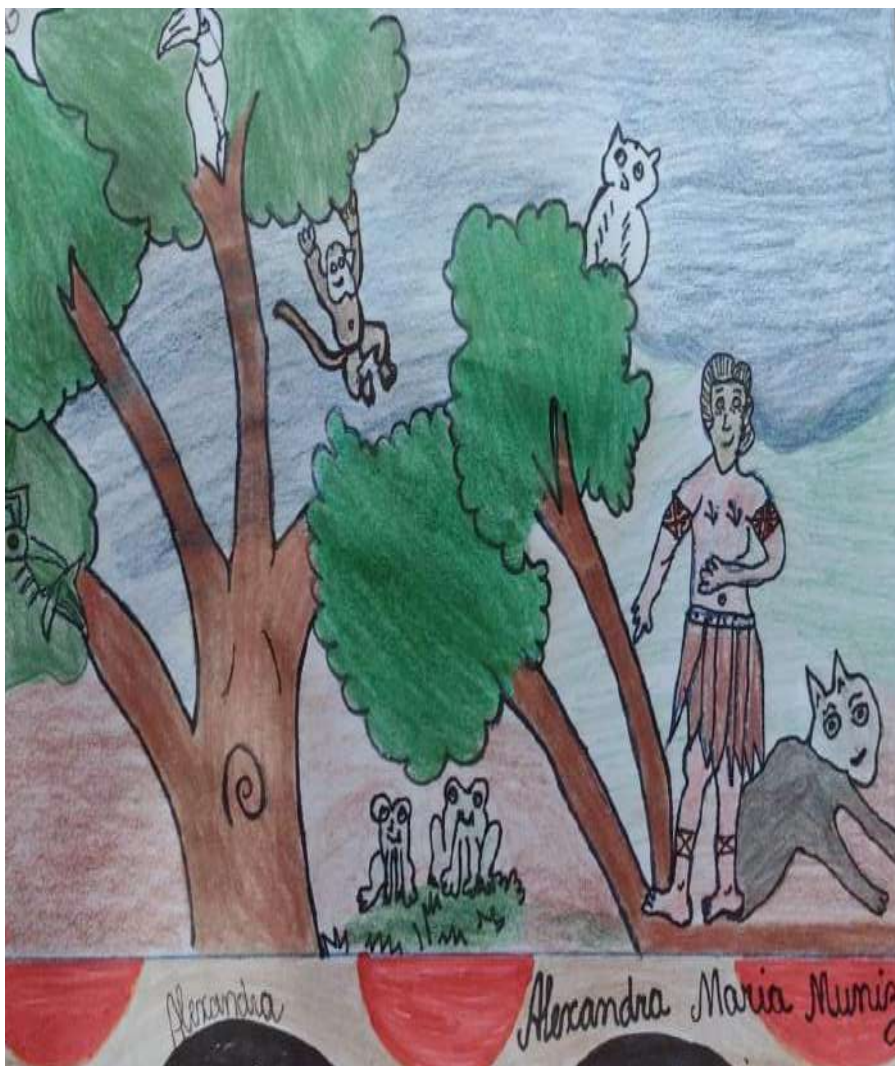
O Bem-te-vi cantando em um pau seco significa que não vai chover, fará um bom tempo. A dona Coruja quando canta na madrugada chega um parente em nossa casa atrás de fumar e tomar café e nesse dia todas as aves, como Periquito, o Bem-te-vi e o Pato vão poder cantar livremente. A Coruja é a Guardiã das aves da mata.

Mas temos também sons de origem tecnológico/industrial, como o som produzido pelo barulho do motor na polpa da canoa, o som da televisão e do rádio, dos motosserras e das roçadeiras.

Na pescaria temos o som feito pelo barulho das águas e na caçada temos o som do disparo da arma. Eu percebo que na minha comunidade não há tanta poluição sonora como na ecologia acústica das cidades, com o barulho das propagandas nos carros com



autofalantes, com muitas motos e carros....”.





Para fazer atividades com meus alunos sobre **paisagem sonora** eu desenvolveria as atividades através do seguinte Plano de aula:



PLANO DE AULA

1. Dados de identificação:

Escola: Escola Estadual Indígena Pedro Antônio de Oliveira

Professora: Alexandra Maria Muniz (AYANI)

Disciplina: Interdisciplinar

Turno: Tarde

Turma: Multisseriada/única

Ano: 2021

Carga horária: 10 horas (Sequência didática composta por várias aulas)

Data: 10 de outubro de 2021

2. Tema: Paisagem sonora do lugar de vivência do aluno.

3. Conteúdo: Identificar os sons da natureza na aldeia em aulas de campo, a fim de trabalhar a percepção sonora do aluno, seguida da escrita e da leitura dos textos produzidos.

4. Objetivo geral: Desenvolver as habilidades auditivas dos alunos, a partir da experiência acústica no meio ambiente da vivência deles.

5. Objetivos específicos: Analisar com os alunos cada som identificado nos momentos das aulas na hora da aula, de pesquisa em campo feita pelos alunos, dando ênfase à oralidade, à contação das histórias e aos sons que os alunos conseguiram identificar. Depois orientar a escrita dessa aula oral. Em



seguida, fazer com os alunos sessões de leituras de suas escrituras.

6. Metodologias: Apresentar o tema abordado em sala, sobre paisagem sonora; apresentação prévia sobre o texto a paisagem sonora; realizar aulas de pesquisa em campo com os alunos para identificar os sons da natureza (realizar uma expedição sonora); despertar os alunos para a percepção da diversidade de sons que a natureza oferece no seu lugar de vivência; fazer um levantamento com os alunos, quais os sons que foi identificado durante a aula de pesquisa em campo e de quem era esses sons? Você já conhecia esses sons? Propor aos alunos que durante a noite em sua casa ou em outro ambiente escutem os sons que seus ouvidos captam e anotarem no caderno para a aula do dia seguinte.

7. Recursos: Caderno de anotação, lápis, caneta, lugar, quadro branco, pincel, apagador.

8. Avaliação: A avaliação será feita no coletivo, cada aluno mostrará o que aprendeu na aula, quais foram as suas dificuldades: escuta, oralidade, escrita e leitura. Depois, a professora procura resolver as dificuldades indicadas pelos alunos.

8. Bibliografia:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de política da educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, DF: MEC, 1998.



CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em Educação Musical**. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. **Música e ecologia acústica na formação de professores: cultura auditiva significativa e educação**. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

“As músicas que são cantadas por nós Nukini, na **Aldeia Isã Vakevu** não tem dias específico para serem cantadas, embora em datas especiais elas sejam mais cantadas. Para nós, todas as músicas são sagradas. Elas são o canto dos nossos espíritos ancestrais, e através do canto nós nos comunicamos com eles e com todos os seres da floresta.



Há cantos específicos como canto para momentos de alegria, para momentos de cura. Nos cantos de alegria, eles são entoados na força do *Ekamawe*, a Caiçuma – que é uma bebida alcoólica a base de *atsa* (macaxeira).

Na abertura do servimento do *Ekamawe* são cantadas três músicas no vocal apenas. O homem puxa o canto e todo o grupo canta junto as canções que pedem aos nossos espíritos guardiões a alegria, a paz e a harmonia. Esses momentos acontecem na aldeia em festa, em celebração pelo nascimento de algum índio, ou uma vitória alcançada. Acontecem também nos festivais e no dia a dia da aldeia, quando às vezes também se faz a Caiçuma, canta-se e dança-se. Uma das músicas que se canta é:

Pawa pawa pawa né
Pawa pawa pawa né



Pawa pawa pawa né
Kui kui kui mahui
Kui kui mahui kui kui mahui
Yuraka há yuraka há há há há
Panã panã vakevu
Panã panã vakevu
Panã panã vakevu
Isã isã vekevu
Isã isã vekevu
Xanu xanu vakevu
Xanu xanu vakevu
Inu inu vakevu
Inu inu vakevu
Suy suy suymã
Suy suy Suymã

Essa música se canta pedindo ao pai da criança que dê muitas alegrias ao seu coração e leve embora toda as tristezas. E chama os espíritos dos nossos do clã para virem alegrar esse momento. Tem outras músicas que são cantadas com os instrumentos que aderimos dentro da aldeia, dentre eles o violão.



Há também as músicas que são cantadas para as curas. Isto porque uma das formas de realizar a cura é com o canto. Já essas músicas são mais cantadas porque através das práticas da cura se invoca a cura e elas não podem ser entoadas por todos. Estas são músicas muito fortes e sagradas. Muitas delas só são cantadas por esses praticantes. E tem as músicas que são cantadas dentro das rodadas da Uni (Ayahuasca).

Essas músicas são cantadas pelo grupo que está no momento, sempre puxada pela pessoa que está conduzindo o trabalho. No primeiro momento, elas são cantadas somente na voz pela pessoa dirigente do trabalho. Na sequência, elas também são cantadas por todos do grupo continuando somente na voz.

Em um terceiro momento, as músicas são cantadas por todos já com o violão. Vária



muito o tipo de música do momento que vai ser cantada. Se for um trabalho de cura, se canta naquele momento música de cura. Se for um momento de ensinamentos, se canta pedido os espíritos conhecimentos.

Esses momentos de cantos e musicalidades acontecem mais a noite, ocasião em que os participantes se caracterizam com artes e artefatos tradicionais, pinturas de *Nane* (Jenipapo) e *Maxi* (Urucum). Essas vestes corporais também se usam na festa de Caiçuma.

Então dentro da aldeia, quando se tem o Mariri é que cantamos com mais frequência essas músicas que são muito sagradas, porque elas são cantadas de dentro do espírito.

A cantos também são entoados nas rodadas de rapé, no final de tarde, sob o pôr do sol, ocasião em que os praticantes cantam para agradecer o dia.



Portanto as músicas são muito sagradas por é através do canto que nosso povo se comunica com os ancestrais e com toda a natureza ela é como se fosse uma oração.”

DEPOIMENTO PESSOAL DE ALEXANDRA MARIA MUNIZ SOBRE COMO VENCEU A COVID 19 COM O AUXÍLIO DA CURA ESPIRITUAL NA ALDEIA:

“Eu, Alexandra Nukini, venho aqui relatar aos leitores desse Diário e à Universidade Federal do Acre uma situação que aconteceu comigo durante a pandemia da covid 19:

Entre dezembro de 2019 e início de 2020 chegou no Brasil a doença cientificamente conhecida como Covid 19, popularmente chamada de cobrança vírus. O Brasil ficou em pânico devido a quantidade de vítimas fatais por causa desta doença. Aqui na aldeia, os agentes de saúde decretaram o uso obrigatório de máscaras e álcool em gel, além



de orientarem a população para ficarem em casa, como um meio de prevenção. Então aconteceu uma coisa na nossa aldeia: as aulas presenciais, os jogos e brincadeiras foram suspensos.

Na aldeia Nukini a Covid 19 demorou a chegar, mas quando chegou eu também fui contaminada. Mas encarei de frente em meio a vários problemas de doença: eu estava com malária, dengue, toxoplasmose e, também, com Covid.

Então nós povo da floresta temos uma forte ligação com os elementos da natureza. A chuva que mata a sede e molha terra, o ar que facilita a vida, o vento que sacode as folhas e espalha a sementes, a friagem que envolve a floresta e acalma o calor, o raio e trovão que acendem o medo, esses elementos



juntos favorecem a vida, o sol aquece o solo e ilumina a nossa mãe terra.

Portanto, eu estava sentindo muitas dores no corpo, febre alta e sem apetite para me alimentar. E era umas dez horas do dia. Eu estava deitada em uma rede debaixo de um pé de mangueira, no terreiro da minha própria casa, quando comecei a sentir uma sensação muito forte. Foi quando meu filho Leonardo (Pistyani) veio me ver eu estava com falta de ar, febre alta, dores fortes na minha cabeça, nas costas e dentro do peito.

Quando meu filho Pistyani chegou e me viu agoniada, me pegou e me levou para dentro da Maloca, onde ele faz a cura no povo. Chegando Lá, ele me sentou em um banco. Estava Lá também meu sobrinho e primo dele, que chamamos de Vanderlei. Com muita paciência Leonardo pediu para o Vanderlei tirar umas



folhas de bananeira. Ele foi e quando ele retornou com as palhas da bananeira forrou no meio da maloca e pediu que eu me deitasse sobre elas. E então Pistyani começou a cantar uma música espiritual de cura. O título da música é Kuramé e na hora da cantoria ele foi me banhando com água e argila por todo meu corpo. Durante alguns minutos a argila sobre meu corpo começou a secar, e quando a argila secou ele me deu um banho com água fria da cacimba, bem limpinha. A água corria por todo meu corpo e foi tirando toda a argila que estava no meu corpo. E eu permanecia em cima das folhas de bananas. Então, Pistyani fez um fogo e fez uma defumação ao redor de mim e começou a cantar novamente uma música de cura. Cantou, cantou, cantou, cantou... Depois do banho e da defumação ele tomou umas canudadas de



rapé, depois pegou seu cachimbo e começou a fumar soltando a fumaça sobre mim.

Esse tratamento de cura durou aproximadamente uma e meia. Quando terminou todo processo de cura eu já comecei a melhorar. Tinha passado a febre, as dores foram desaparecendo e fui para casa bem aliviada.

Esse momento foi de uma cura com medicina tradicional da floresta, tudo sem química e foi dentro da aldeia. Através da espiritualidade do líder Leonardo Muniz de Oliveira conhecido por Leo ou TXANE PISTYANĪ, que antes da pandemia chegar na aldeia ele já vem fazendo um trabalho de muita importância na aldeia como: fazendo cantos musicais nas tardezinhas no terreiro Lá de casa, fazendo remédios caseiros, chás, defumações, banho de barro e plantas



medicinais isso tudo para a prevenção das doenças.

Portanto, para mim foi um momento de muitas lutas e cura, que eu consegui viver com ajuda dos seres vivos da floresta, das folhas, das sementes, das palhas, dos galhos, fogo, defumação, água, o vento! Enfim, tudo que eu estar na natureza e ao nosso redor, as paisagem, as aves, os animais participam da cura pelas mãos e sabedoria de TXANE PISTYANĪ.

Hoje estou dando meu depoimento, estou viva, mas não foi fácil passar pela pandemia. Agradeço primeiramente a Pawané e em segundo lugar aos seres vivos da floresta e em terceiro lugar ao Léo TXANE PISTYANĪ NUKINI pelo dom recebido da espiritualidade e dos ancestrais do Unī, dos anciões que já se foram para outro lugar. Então foi muito



gratificante viver a cura em mim mesma e parece que isso não tem explicação. Não tenho palavras para descrever tudo o que eu vivi.

Foi uma grande vitória, hoje já estou vacinada, mas mesmo assim ainda faço minha prevenção de uso da máscara e álcool em gel, porque ainda não sabemos até quando essa doença vai parar. Vamos nos cuidar porque assim nós cuidamos estamos cuidando dos indígenas e não indígenas.

Agradeço a Deus de todo meu coração por esta oportunidade de estar viva materialmente e espiritualmente! Não estou ainda junto de meus colegas e professores, mas nos vendo virtualmente. Aqui deixo meus abraços, minha gratidão pela oportunidade de dar esse meu depoimento. (Acadêmica do Curso de Licenciatura Indígena, UFAC/Campus Floresta de Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil.



Alexandra Maria Muniz (Ayani Nukini) -
Aldeia *Isã Vakevu*, Povo da Onça Pintada).





A MUSICALIDADE NA MINHA ALDEIA ISÃ VAKEVU - OS SONS QUE SEM DA FLORESTA

Os instrumentos musicais tradicionais do povo Nukini são de vários tipos aqueles que costumamos usar nas festas do dia a dia.

TAMBOR





O tambor é feito com rolo de madeira de cedro ou mamoi, que são madeiras leves. Ou seja, madeira maneira que dê para cavar e fazer o buraco.

Para tampar o fundo e a frente desse buraco são usadas peles de animais como: porquinho da mata, macaco capelão, coró de arraia e coró de veado.

As cordas são feitas com fibras de tucum, que é uma palheira que se encontra na mata ou capoeira. A fibra é para prender o coró na madeira para ficar firme.

Então esses instrumentos são usados nas festas tradicionais e rituais de cura. As batidas dos tambores nos rituais de cura servem para nós nos comunicar com os espíritos ancestrais, para pedir cura e alegria.



MARACÁ

Os maracás são feitos de cuia de coco ou cuia de coité. Esses instrumentos são feitos artesanalmente, bem lapidados à mão. Dentro dessas cabaças são colocadas pedrinhas de areia ou sementes de mulungú pequenas. O Cabo é feito de madeira bem forte e o som é a Junção da cuia com as pedrinhas.





Então esses instrumentos e os violões são usados nos momentos de festivais, do Mariri, nos rituais de pajelança e festa da Caiçuma. Os instrumentos tradicionais servem também para invocar forças espirituais.

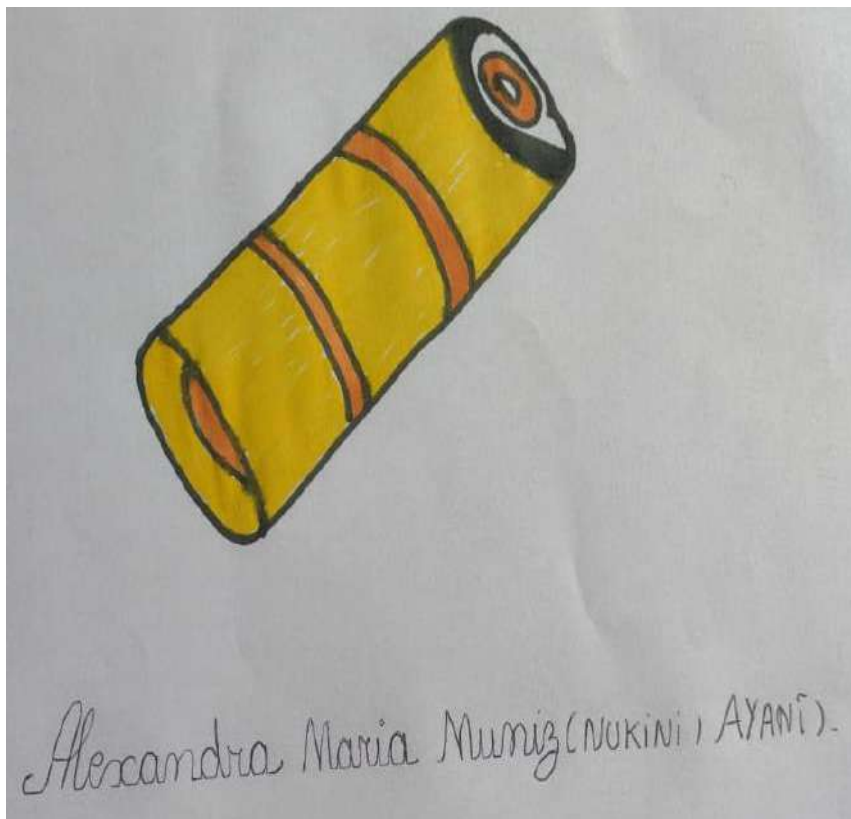
No momento em que se iniciam as cantorias, os maracás já vêm acompanhando na produção de sons com uma mensagem ancestral de cada povo indígena.

BUZINA

A buzina é um instrumento feito com bambu. Quando o bambu está bem maduro, a gente corta a astra, com um tamanho bem pequeno dividindo os nós. Para que não fique todos os dois lados abertos, aí se fura com um espeto de pau o lado do nó. Só pode ser usado depois de limpo.



Esse instrumento é usado na festa de Caiçuma. A Bunã é como se fosse o sinal de comunicação para enviar uma mensagem ou um anúncio de alguma hora de eventos é como se fosse um alarme ou um trovão.





Serve para comunicar os horários de aula na escola indígena, através de sopros e dos sons para se comunicar de um lugar para o outro.

BUZINA DE CHIFRE DE BOI



É um eficiente meio de comunicação sonora na escola indígena onde eu trabalho. Elas são feitas de chifres de boi. Para fazer o instrumento, pega os chifres, lava bem com



água e sabão coloca para secar no sol. Quando o chifre estiver bem sequinho, está pronto para ser usado como instrumento bocal e musical, transmitindo sons de um lugar para o outro.

A buzina é um instrumento de som usado para indicar os horários de aula, como na entrada, intervalo e saída. Cada buzinada ou cada sopro de cada som, produzem um significado.



**IONARIA COSTA DA SILVA – POVO NUKINI
ALDEIA MEIA DÚZIA**

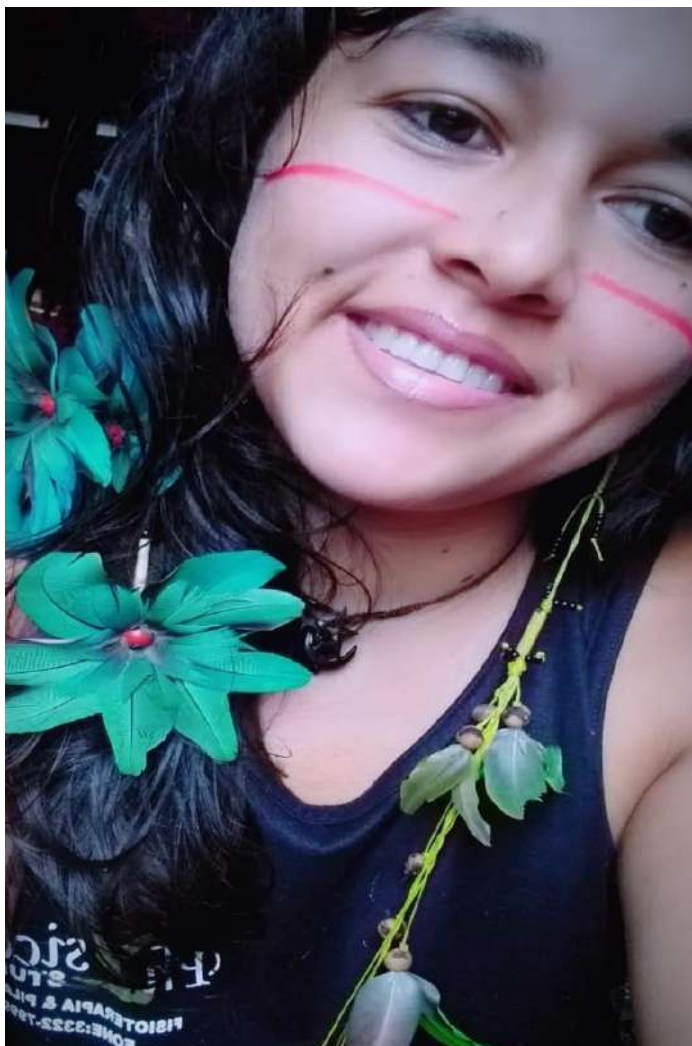


Foto do arquivo particular de Ionária Costa, (2020).



“Eu sou Ionária Costa da Silva (Hãni), tenho 26 anos, sou filha de Vicente Costa da Silva, que é Agente de Saúde Indígena na aldeia **Meia Dúzia** e Presidente da Associação e Liderança Indígena Local. Minha mãe se chama Lucileide Fernandes da Costa e ela não é indígena, só meu pai. Atualmente moro no município de Mâncio Lima com meu esposo Francisco Dias Antunes e minha filha Izabelle da Silva Antunes. Sou da etnia Nukini, da comunidade **Meia Dúzia**.

Eu nasci e me criei na aldeia junto com meus pais. Saí da aldeia pela primeira vez em 2006 para estudar na cidade, porque na comunidade só tinha até a quarta série, então precisei continuar meus estudos na cidade. Mas sempre levava a identidade do meu povo comigo. Quando chegava o Dia do Índio ou o Aniversário do Município de Mâncio Lima eu



sempre representava a etnia Nukini. Era muito bom, não escondia que eu era indígena e meus colegas nunca me trataram com indiferença.

Terminei o Ensino Médio em dezembro 2012. Em 2013 comecei a trabalhar como professora na escola Hermílio Generoso de Oliveira, na aldeia **Meia Dúzia**, na minha comunidade. Nessa época minha filha tinha apenas três meses.

Em 2014 participei do Curso de Magistério Indígena para professores atuantes em sala de aula em Rio Branco. Passei três anos prestando serviço como Educadora na comunidade. Em 2016 vim para o município de Mâncio Lima no meio do ano, uma vez que havia sido aprovada no Curso Técnico de Agricultura no Ifac. Quando faltava um ano para terminar, passei no vestibular indígena



da Universidade Federal do Acre. Então, tive que desistir do Curso Técnico porque não dava para continua fazendo as duas.

Minha família toda mora na aldeia, sempre estou lá em contatos com eles. Gosto muito de estar com eles participando do nosso costume tradicional. Estou na cidade no momento, pois não estou trabalhando, somente estudando. Minha filha também estuda na cidade, eu estou sempre buscando o melhor para mim e para minha família.

Quando estou na aldeia gosto muito dos alimentos naturais, gosto de participar das cantorias indígenas com os primos que estão sempre desenvolvendo seus trabalhos na cultura. Quero muito terminar minha faculdade para poder arrumar um trabalho para poder me estabilizar. Estou me formando no Curso de Licenciatura Indígena, área de



concentração de Linguagens e Artes pela Universidade Federal do Acre, Campus Floresta de Cruzeiro do Sul.

Como está na Constituição Brasileira, que reconhece aos Indígenas brasileiros o direito a diferença, isto é, interculturalidade de conhecimentos educacionais que nos possibilita levar esses conhecimentos e pôr em prática de acordo com os princípios da comunidade, escrevi a parte do meu Diário Pedagógico pensando no Ensino da Arte e da Língua Portuguesa na perspectiva da Interculturalidade e do Ensino Diferenciado.

Esta é a realidade de cada escola indígena, que emprega a pedagogia diferenciada, como a gente está fazendo atualmente com os programas do PIBID e da Residência Pedagógica ofertadas através dos



Cursos de Licenciaturas das Universidades Federais. E esta é uma forma de nós, acadêmicos, termos mais experiência no campo da Docência junto às nossas comunidades indígenas.

AS MUSICALIDADES DA MINHA ALDEIA, PROPOSTA DE PLANO DE AULA

Nessa segunda parte do meu trabalho vou expor sobre as musicalidades da minha aldeia **Nukini Meia Dúzia**, localizada à margem esquerda do Rio Moa, próximo ao Parque Nacional da Serra do Divisor. Ela fica a um dia de viagem de barco. Existem 27 famílias aldeadas, tem também a Escola Hermílio Generoso de Oliveira, que fica situada na entrada do igarapé **Meia Dúzia**. Nela são trabalhadas desde as Séries Iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.



Atualmente são 5 professores que trabalham nesta Escola. Lembrando que existe uma sala anexa em outra comunidade, mas que fica distante.

Próximo da casa do meu pai foi construído um restaurante para os turistas e para as pessoas próximas do município que queiram encomendar um café, almoço ou jantar. Nesse lugar são oferecidas comidas típicas da região. É um espaço bastante agradável para se descansar depois de uma longa viagem. Também tem um local de concentração que fica debaixo de uma árvore de Sumaúma, aonde os visitantes vão lá para conversar e passar rapé.

Nas proximidades da comunidade existe uma diversidade de flora e fauna, marca da paisagem visual e sonora da minha aldeia. Há diversos sons, tem os cantos dos Bem-te-vi,



das Araras, dos Macacos, dos animais domésticos como a Galinha, o Pato, o Boi, dos Nambus que cantam ao anoitecer.

Tem também os sons dos barcos que passam no rio, por ser esta a única estrada e meio de tráfego de pessoas a irem até a cidade. É uma **paisagem sonora** que é composta por diferentes sons que compõem o ambiente onde eu vivo.





A importância de trabalhar esse conceito de **paisagem sonora** dentro da sala de aula, pois faz com que os alunos despertem o interesse em observar os variados sons naturais que existem ao nosso redor. Esta ação leva os alunos a refletirem sobre as paisagens sonora do teu seu cotidiano.

Como eu poderia trabalhar as musicalidades da minha aldeia? Fiz um Plano de Aula, uma proposta que pode ser melhorada. Eu faria assim:

PLANO DE AULA

Dados de identificação;

Escola: *Hermílio Generoso de Oliveira*

Aldeia: *Aldeia MEIA DÚZIA Terra Indígena Nukini*

Série: *6º ao 9º ano*

Turma: *A e B*

Turno: *Tarde*

Disciplina: *Interdisciplinar*

Data: *16/07/2021*

Professora: *Ionária Costa da Silva*



Duração: 10 horas (*Organizar uma série de Sequência Didática sobre o tema*)

- **Tema:** Paisagem sonora do lugar de vivência do aluno.
- **Conteúdo:** Identificar os sons da natureza na aldeia a fim de trabalhar a percepção sonora do aluno, a imaginação criativa, a oralidade, a escrita em língua portuguesa e na língua indígena, seguido de leitura, na perspectiva da Arte e da interculturalidade.
- **Objetivo geral:** Desenvolver habilidades auditivas dos alunos a partir da experiência acústica no meio ambiente da vivência deles, desenvolver as habilidades da oralidade, de escrita e leitura.
- **Objetivo específico:** Analisar com os alunos cada som identificado no momento das aulas de campo feito pelos alunos, dando ênfase à oralidade, à contação das histórias dos sons que eles conseguiram identificar. Depois, orientar a escrita dessa aula oral. Depois, fazer com os alunos sessões de leitura de suas escritas, despertar os alunos para a percepção da diversidade de sons que a natureza oferece no seu lugar de vivência.
- **Metodologia:** Apresentar o tema paisagem sonora aos alunos, bem explicado, ênfase na oralidade, depois na escrita e leitura.
- Apresentação prévia sobre um texto sobre a paisagem sonora;



- Realizar aulas de campo com os alunos para identificar os sons da natureza (Realizar uma expedição sonora);
- Fazer um levantamento com os alunos, quais os sons que foi identificado durante a aula de campo, e de quem eram esses sons? Você já conhecia esses sons? Propor aos alunos que durante a noite, em suas casas, escutem os sons que seus ouvidos captarem e anotem no caderno, para a aula do dia seguinte;
- **Recursos:** Caderno de anotações, lápis ou caneta, quadro branco, lápis de cor etc.
- **Avaliação:** Avaliação será feita no coletivo. Cada aluno mostrará o que aprendeu na aula, quais foram as suas dificuldades: escuta, oralidade, escrita ou leitura? Depois, a professora procurará sanar/resolver as dificuldades indicadas pelos alunos de forma coletiva, com a participação de todos.
- **Referências:**

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons:** práticas criativas em Educação Musical. São Paulo: UNESP Digital, 2015.



FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora.** São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. **Música e ecologia acústica na formação de professores: cultura auditiva significativa e educação.** Revista Educação & Fronteiras, 2018.

Esta seria minha proposta para começar a trabalhar com os alunos as musicalidades na escola da aldeia. Depois de afinados seus ouvidos, poderíamos fazer aulas de confecção de instrumentos musicais. Na parte do chamamento dos alunos para a acústica do seu entorno, eu chamaria a atenção deles para o canto dos passarinhos que nos faz lembrar que somos livres e que a felicidade depende de cada um para ser feliz.

Quando os passarinhos cantam nos trazem uma harmonia mental e espiritual. É por isso que eles precisam viver soltos, não presos



em gaiolas. Gosto de prestar atenção quando ouço algum pássaro cantar. Fico tentando adivinhar o que vai acontecer, se é um aviso que vai chover ou fazer sol ou se é verão ou inverno, porque os mais velhos contam que antes eles se baseavam nos cantos das aves e dos animais para identificarem alguma mudança no tempo.





Se refletirmos bem sobre isso, chegaremos à conclusão de que esse era uma forma de calendário que os anciãos usavam.

No caso do som dos ventos, me faz lembrar sempre em chuva, porque na maioria das vezes venta antes de chover. Só que percebi que os sons dos ventos mudam dependendo do lugar onde a gente estar. Lembro que uma vez eu estava dentro da mata quando de repente começou a ventar muito forte. As árvores balançavam muito, então aumentava mais o barulho do vento. Lugar aberto venta mais forte. Diferentemente, quando você está em um lugar aberto, a gente não consegue ouvir direito, só consegue ver a poeira e as folhas voando, não faz tanto barulho.

Mas também existem sons industriais/tecnológicos em minha aldeia. Como já falei antes, nos outros comentários



acima, o nosso rio que é o único meio de tráfego fluvial, ele separa a aldeia do Parque da Serra do Divisor, ou seja, a Comunidade **Meia Dúzia** fica de um lado e o Parque do outro.



Hoje temos o Parque Nacional Serra do Divisor como um local de turismo pois oferece



suas belezas, cachoeiras e grandes serra naturais também um lugar onde mora muitas famílias com outros igarapés.

Por esse rio passam muitos barcos todos os dias, tanto subindo o rio como também descendo, e ouvimos os sons dos motores das embarcações. Existe também os sons da roçadeira, do motosserra, da máquina de arroz porque facilitam o trabalho do homem.

Mas os sons muitas vezes acabam incomodando aquele ambiente. A gente já está se acostumando porque não é um barulho que dura o dia todo. Quando não se está precisando dessas ferramentas, o silêncio toma conta do nosso lugar. Silêncio com os sons naturais que dão tranquilidade e paz para a vida da gente.

Os sons que existem na aldeia, são sons naturais que não prejudicam muito o



ecossistema natural da comunidade. São sons de vento que trazem uma suavidade no ambiente, os cantos dos pássaros que ficam nas árvores próximas de casa, o som dos macacos que ficam cantando na beira do rio pela manhã. O som das folhas secas que caem das árvores, dos bois que ficam no campo e de vários outros sons que estão presentes no nosso dia a dia e que a gente nem presta mais atenção.

Na comunidade onde eu vivo sentimos uma tranquilidade nessa questão de barulho. Lá não é como está na cidade, que são completamente diferentes os sons da cidade, de forma que chegam a incomodar a ponto de a pessoa se estressar. É zuada dos carros, das motos, dos caminhões trabalhando nas estradas, fogos de artifício, sons muito altos, zuada de muitas pessoas reunidas



esses tipos de sons são constantes quando estamos na cidade. São chamados de poluição sonora que na maioria das vezes acaba afetando a nossa saúde em geral.

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA SAGRADA NA ALDEIA NUKINI

Uma das pessoas importantes da aldeia Nukini, que desde muito cedo vem mostrando um bom trabalho diferenciado nas comunidades indígenas Nukini é Antônio Romilson Muniz da Conceição, cujo nome na língua se chama (Iri Nukini). Ele tem 33 anos, é junto em uma união estável com Maria de Fátima de Almeida Cardoso e tem dois filhos. Iri é filho de dona Olga Evaristo Muniz, umas das matriarcas da aldeia **Recanto Verde** e do senhor Expedito Lima da Conceição.



Atualmente Iri Nukini é professor de Língua Indígena na Escola Pedro Antônio de Oliveira. Ele conta que sempre vem aprendendo com seus pais sobre a cultura indígena.



Foto de *Antônio Romilson (Iri Nukini)* 31/ 06/2019.



Segundo ele, o que sabe hoje é graças a seus pais e avó que estava sempre ensinavam alguma coisa para ele e que em 2005 foi quando ele realmente começou a trabalhar na cultura e na espiritualidade. A mãe dele também passou uns tempos morando na comunidade **Meia Dúzia**. Ela fazia cantorias, danças de rodas com as pessoas que ali queriam participar. Eu, Ionária, era umas das pessoas que estava presente. Foi aí que a professora Analice também aprendeu muito sobre os costumes da aldeia.

DEPOIMENTO DE ANTÔNIO ROMILSON (IRI):

*- Eu comecei a trabalhar em 2010 na comunidade **Meia Dúzia**, com o grau de escolaridade bem baixa, tinha somente o Fundamental Completo. Fiquei trabalhando no fortalecimento da cultura na comunidade e*



com a língua indígena na escola Hermílio generoso de oliveira com as series iniciais do pré ao nono ano, os dois turnos o Ensino Fundamental I pela manhã e, a tarde, com o Fundamental II.

Tentei também fortalecer a cultura na aldeia Timbaúba junto com os outros membros da escola levando a música, dança, língua e as brincadeiras tradicionais.

Passei 2011 e em 2012, tive que trabalhar na MEIA DÚZIA e estudar na República então ficou muito difícil pra mim por quer ficava duas horas de distância e também eu estava construindo uma família aí tinha que estudar, trabalhar, e cuidar da minha família.

As pessoas criticavam muito sobre isso, de estudar numa escola e trabalhar em outra. Um dia fui na Secretaria e optei que não



queria mais trabalhar na comunidade MEIA DÚZIA, pois queria terminar meus estudos, aí eles me perguntaram; você prefere perder o emprego?

Eu disse sim, eles falaram que ia dar um jeito aí me colocaram pra mim trabalha na escola Pedro Antônio e na escola João Batista Diniz, melhorou um pouco por ser mais próximo da minha Aldeia, mas não tanto. Mas quando eu saí da escola Hermílio Generoso de Oliveira me pediram para indicar uma pessoa da própria comunidade para dar a continuidade no fortalecimento da cultura principalmente na língua indígena que era muito raro na aldeia MEIA DÚZIA.

Então fiquei na República trabalhando no fortalecimento da cultura na escola Pedro Antônio e na comunidade participando das reuniões dos projetos da comunidade. Em 2014



terminei o Ensino Médio e fui selecionado para participar do magistério indígena em Plácido de Castro, quando cheguei na aldeia não quis, mas trabalhei na escola José Batista de Diniz e fiquei somente trabalhando na cultura só na Pedro Antônio a escola matriz.

Antes eu já tinha trabalhado como professor substituto quando a alguns professores estava doente ou quando precisava ir na cidade, mas não com a disciplina da língua indígena, quando eu comecei a trabalhar eu tinha muita força de vontade tinha muitas ideias relacionado a cultura foi uma lição de vida de muito aprendizado que vou guardar para sempre.

Desde pequeno já era envolvido na história e nos conhecimentos tradicionais com minha mãe e minha avó principalmente sobre a língua, medicinas, músicas e as



comidas tradicionais, eu passava, mas tempo com minha avó ela me ensinava as partes do corpo na língua ela puxava minha orelha e me perguntava na língua.

Nessa época aqui na aldeia recanto verde não tinha trabalho de espiritualidade de uni foi só em 2004 que começou a ser praticado e quem começou foi meu irmão Érison.

Desde quando comecei a entrar profundamente na cultura e no universo espiritual a música tem sido uma fonte muito sagrada por quer dentro dos estudos que busco na força do uni, as músicas sagradas trazem o conhecimento das raízes ancestrais Inuvakevu.

Ela abre um novo horizonte de como trabalhar, de expressar de como viver no nosso universo. A música pra mim é um



instrumento muito importante na minha vida, na minha carreira e para meu povo.

Isso porque elas nos transmitem alegria, reflexão, cura, e os conhecimentos de como viver na vida social, a música tem um norte está sempre indicando algo para nos refletir, as vezes ela conta uma história as músicas são sagradas por isso não devemos cantar em qual quer lugar, todas tem o seu momento e o local que pode ser cantada.”

XXXXXX

Antônio Romilson (Iri) hoje exerce um trabalho de elevada referência na Aldeia Recanto Verde, juntamente com seus parentes. Ele está sempre buscando novos conhecimentos com outros povos. Procura zelar por um bom trabalho pedagógico diferenciado ofertado na Escola Indígena Pedro Antônio de Oliveira.



NA MINHA COMUNIDADE EXISTEM ALGUNS INSTRUMENTOS MÚSICAIS TRADICIONAIS UTILIZADOS PELO POVO NUKINI

A **BUZINA** - instrumento feito de bambu. Na língua ela é chamada de (Bunã), uma espécie de pau que é oca e tem uma semelhança muito próxima de uma cana de açúcar por ser muito agrupadas juntas. Por isso facilita a construção desse instrumento.

Antes, a Bunã lá na comunidade era usada para buzinar quando tinha uma dança tradicional ou uma apresentação. Mas hoje em dia, a Bunã não está sendo muito praticada nessas ocasiões, por falta da dedicação própria de cada um que convive naquele local.

E também por conta do que aconteceu com o povo no passado. Hoje, eu vejo a Bunã de Bambu sendo usada mais para passar um aviso, para anunciar alguma coisa. Por exemplo, o



meu pai usa a Bunã quando quer se comunicar com meu primo que mora próximo da sua casa.



Por conta da mata que os separa, não dar de ver quem chega. Então, eles usam a buzina para se comunicar. Outro instrumento importante é o **Chocalho**.

CHOCALHO – Minha avó conta que quando ia pescar no igarapé com sua amiga Olga, elas



costumavam ajuntar tudo que viam de interessante e que lhes chamava atenção.

Um das coisas que ela encontrava muito na beira dos igarapés eram as ostras, que são um tipo de marisco encontrados em ambientes aquáticos quanto terrestres.



Então ela levava as cascas de ostras para casa, lavava bem lavado e colocava para



enxugar. Com essas ostras ela fazia pulseira ou tornozeleira para dançar, uma vez que elas produziam uns sons agradáveis.

Hoje ela ainda tem esses acessórios, que eram muito usados pelas mulheres quando iam dançar nas festas tradicionais Nukini.

MARACÁ - é o instrumento dos mais comuns na comunidade. Costumamos utilizar o coco para fazer esses instrumentos, por causa da facilidade de encontrar na aldeia. O coco tem que estar seco.

A gente limpava bem o coco para que eles ficassem bem lisos. Depois, fazia dois buracos que era para pôr o cabo de madeira para segurar, e colocavam enfeites como pena e caroço de milho dentro que era para fazer o som.



O maracá é usado no momento da cantoria, muito mais pelas mulheres, que ficam chacoalhando quando estão dançando nas rodadas de Mariri. Ou até mesmo nas reuniões que existem na comunidade, que muitas das vezes dão início sempre com uma música tradicional.



A partir dessa compreensão que eu tive na disciplina de *Musicalidade II*, vi que é muito importante que nós os povos indígenas trabalhem nas nossas comunidades sobre a músicas e os instrumentos tradicionais usados na aldeia.





Vimos que muitos costumes estão fragilizados e que os trabalhos de revitalização estão acontecendo dentro da escola indígena. A escola está sendo a mãe terra que recebe as sementes para que elas cresçam e construam a história que lhes foi arrancada pelos não índios, fazendo com que os indígenas abandonassem sua própria cultura.

Sabemos que não é tão simples fazer voltar os costumes que nossos antepassados tinham. Houve uma grande mudança no decorrer da nossa história que afetou o nosso comportamento na sociedade. Mas os povos indígenas originários nunca deixaram de lutar pelos seus direitos conquistados na Constituição Federal de 1988.

Apesar disso tudo, os indígenas estão superando as dificuldades. Tem gente



estudando como nós, que saímos da comunidade para estudar o ensino superior. Dessa forma, levamos um reforço no sentido de ajudar na percepção de nossa identidade, que precisa ser continuada e trabalhada cada vez mais dentro das aldeias.

FALA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA MÚSICA INDÍGENAS

Na comunidade **Meia Dúzia**, Terra Indígena Nukini, a música não está tão presente como em outros lugares indígenas, onde tem grupos de mulheres que são preparadas para as cerimônias tradicionais. Na nossa comunidade existe uma professora que trabalha na escola com a língua materna. Ela canta junto com os alunos, e é uma pessoa que sempre está na luta junto com a liderança. Ela foi a primeira professora indígena a trabalhar na



comunidade. No início encontrou muito preconceito por ser indígena, na comunidade mesmo tinha pessoas que falavam que índio não sabia ler, foi um processo de adaptação tanto na escola como na comunidade.

Já vi uns dos trabalhos que ela fez na escola onde os alunos produziram sua própria música, quando tem reuniões ou alguma data comemorativa, são feitas em modo tradicional as danças, cantorias, brincadeiras, jogos etc.

Hoje temos a participação dos outros professores que também estão envolvidos nessa trajetória de manter e continuar a cultura do povo NUKINI. Agora vou descrever um pouco da fala da nossa homenageada, a professora Analice Ferreira da Costa, 38 anos, moradora da Comunidade *Meia Dúzia*, Terra Indígena NUKINI.”



Analice Ferreira da Costa - “A música indígena Nukini começou a surgir na minha aldeia, foi a partir do ano de 2021, quando iniciei meu trabalho na educação, no primeiro momento ouvi muita resistência, principalmente de um senhor não indígena chamado seu Leondinha, que ele dizia assim, a escola é minha não permito que dance, que cante música, porque isso não faz parte do ensinamento escolar, isso ele dizia que era dança de macaco. Mas eu não desisti não eu persisti por muito tempo, aí as vezes não tinha muito aprendizado mas aí com isso ne, por não ter muito com quem desenvolver e as vezes quando eu não tinha como saber cantar as músicas eu ia buscar uma senhora né, a mãe do Romilson, a dona Olga, dona Olga ela me ajudou muito a fortalecer essa parte da música, me trouxe também outros conhecimento



sobre a questão da fala além da música ela me ajudou muito na parte da fala, ai com tudo isso eu me tornei assim uma pessoa bastante envolvida nessa parte cultural nessa questão da música ne, quando de tudo não conseguia gravar na oralidade eu gravava e depois ficavam ouvindo daí eu levava para escola que era o canto que dali ela ia abrangi a aldeia que até hoje a gente faz desse formato, e também eu ia busca por que a gente também tinha essa necessidade de conscientizar aquelas pessoas que ali morava, na aquela época que não era indígena, que na época só quem era indígena era eu meu irmão e minha prima ninguém mas era ne assim de reconhecimento as pessoas nenhum diziam que era Nukini, então por isso que a resistência era muito maior, então meu objetivo era conscientizar eles fortalecer,



e através disso fortalecer minha identidade própria mesmo, como indígena como Nukini. Hoje eu tenho um pouco de entendimento que existe música de alegria, outra que é só pra chama força, outra que são cantadas no momento de concentração. Então hoje eu sei diferenciar que existe música que não pode ser cantada por todo mundo, existe música que não pode ser cantada em qualquer canto eu tenho esse entendimento né, diante disso a nossa organização musical indígena ela acontece por mim por parte do meus alunos, os alunos hoje eles constrói músicas, quando eles constrói eles sabe o significado das músicas que eles constrói, então tudo isso veio de um trabalho muito arrastado com muita dificuldade para chegar o dia de hoje, as mulheres elas vem participar assim mas dessa questão das músicas mais forte no momento de



festividade mesmo festividade culturais
aquele momento que a gente dança de dois a
três dias e o nosso dia a dia mesmo fazendo
os trabalhos de casa cantando para nos
alegrar. Os instrumentos como os maracas as
buzinas também são usadas muito nos tempos
das festividades, já os nossos instrumentos
corporais como bater palma, bater pé, nossas
cordas vocais elas são usadas no nosso dia a
dia em casa no roçado, no porto onde nos
estejam nos canta para alegria nossa alma para
alegrar a natureza. Durante todo esse
percurso de trabalho que eu venho tendo a
minha maior conquista que tive junto com
minhas professoras e junto com os alunos,
liderança local foi poder fazer em 2014 o
primeiro festival a primeira olimpíada
escolar, então a nossa aldeia foi pioneira,
ela foi a primeira aldeia a levantar essa



questão das olimpíadas escolar que nesse tempo não se dava nome nos colocamos como competição e aparte daí ela fluiu para outras aldeias maiores que hoje em dia tá firmado no calendário escolar. E aí me deixou muita satisfeita e assim hoje se for preciso cantar eu canto, se for preciso levar uma festa de cantoria, eu levo sabendo diferenciar muito bem essa parte da música. (Fala de Analice Ferreira da Costa, FEITA NO DIA 9 DE JULHO DE 2021. Analice é professora da Escola Hermílio Generoso de Oliveira, Aldeia Meia Dúzia, Terra Indígena Nukini, Acre, Brasil).

POEMA À NATUREZA VIVA

Autora: Ionária

Estou pescando, de repente
Vejo vários macacos gritando! Eles passam
Na beira do lago!





O tempo está nublado
E começa a trovejar! Eu
Continuo pescando quando
Ouço a Nambu cantar!

Fico em silêncio, prestando
Atenção! Ouço as folhas secas
Caírem no chão!

Eu continuo pescando com
A linha na mão, admirando a
Paisagem e todos que ali estão!





**EDIGAR DA SILVA SERENO (SIÃ) KAXINAWÁ –
ALDEIA JACOBINA**





“Eu sou Edigar da Silva Sereno Kaxinawá, conhecido pelo meu povo (Siã Hunikuin). Sou filho de José Felipe Sereno e de dona Evanilde Carlos da Silva Kaxinawá. Tenho 45 anos e sou casado com dona Ivanira Medeiros Sabino Kaxinawá e tenho 08 filhos, que são Messias Sabino Sereno (Bane) Kaxinawá, Solângia Sabino Sereno (yãka) Kaxinawá, Evangila Sabino Sereno (Pãteani) Kaxinawá, Patrícia Sabino Sereno (Bismaní) Kaxinawá, Mawapay Sabino Sereno Kaxinawá, Bane Sabino Sereno Kaxinawá, Elian Sabino Sereno (Tené) Kaxinawá, José Victor Sabino Sereno (Isaka) Kaxinawá. Eu moro na Terra Indígena Kaxinawá/Ashaninka do Rio Breu. Eu era professor da aldeia Jacobina.

Mas atualmente eu moro na Comunidade Pensamento (Aldeia Xinã Bena), onde trabalho na sala de aula desde 2004. Eu vinha



participando do Curso da Comissão Pro-Índio do Acre/CPI/AC. Eu tive minha formação nessa ONG até o começo de 2008, quando foi encerrado o projeto. No final de 2008 fui convidado a participar curso de SEE em Plácido de Castro. No ano de 2010 fiz o último curso de formação continuada no Município Plácido de Castro, na Pousada da Floresta.

Na minha vida cotidiana, eu sempre fui trabalhador agricultor e professor. Eu gosto muito de artes e trabalho um pouco de tudo: eu serro madeira, faço construção de casa, trabalho no barco, como carpinteiro, e motorista. Eu tenho uma comunidade própria criada por mim só com as minhas famílias filho, nora, genro, netos, cunhado, sogro e sogra etc. Trabalho na vice-liderança, e conselho de saúde local. A arte para mim é



minha inspiração, como conhecer bem de perto e entender melhor a palavra Linguagens e Artes.” Edigar da Silva Sereno (Siã) Kaxinawá.





Como podemos aplicar as habilidades auditivas prestando atenção ao som que sai da ecologia ambiente ao redor das nossas casas? Já somos filhos da floresta e nós temos conhecimentos com os sons naturais na Mata já. Isso facilita para trazer atividades de musicalidades para nossos alunos. Eles têm a todo momento em sua paisagem as sonoridades ou os sons ecológicos, como os gritos das várias espécies de macacos Capelão, soim, zoguizogui, macaco prego, macaco preto e vários outros.

Tem também os assovios dos vários pássaros como o Sábua, o Japiim, o Japó, a Arara, o papagaio, os periquitos. Também podemos levar os alunos nas cachoeiras, nos igarapés, para desenvolver habilidade auditiva dos alunos.



Essa é uma experiência acústica que pode ser realizada dentro do nosso meio ambiente, no lugar em que nós vivemos. Podemos pedir para os alunos analisar cada som, identificar esses sons no momento das aulas de campo.



Dessa forma estamos dando ênfase à oralidade, à contação das histórias dos sons que eles conseguiram identificar. Depois orientar a escrita dessa aula oral nos cadernos, na língua indígena e na língua portuguesa. Depois, pedir para os alunos fazerem a leitura de suas escritas.

Plano de aula

Data 14 de Julho de 2021

Professor: Edigar da Silva Sereno Kaxinawá

Disciplina: Língua Hãtxakuin

Série: 6º a 9º anos

Escola: Anexa Jacobina

Turma: Multisseriado seriado

Turno: Tarde

Duração: 04 Horas

Tema: Paisagem sonora e Musicalidade Katxanawá da minha comunidade. Conceito fundamental: É de extrema importância que o aluno conheça e perceba o seu espaço sonoro vivido.

Objetivos: Mostrar e ensinar aos alunos as músicas tradicionais katxanawá; trazer nossas canções e mostrar como são as regras do festejo, ensinar sempre o nosso costume tradicional na prática, ensinar as danças, cantorias das canções no decorrer dos tempos. Compreender a construção histórica e



reconhecer os elementos naturais e artificiais impressos na paisagem sonora, interação com a natureza, isto é, mostrar as formas de interação entre o humano e os demais elementos da Natureza.

Conteúdos: Realizar aula sobre a Festa tradicional Katxanawá, o estudo da paisagem sonora, os elementos sociais e o tempo histórico na formação da paisagem. A paisagem muda com o tempo e com o uso do espaço geográfico.

Recursos didáticos: Giz, quadro, Caderno, Lápis, papel A4 Borracha, máquina de fotografia etc. Outros recursos são: palhas de palmeiras, Tinta de jenipapo, Tinta de urucum cocares de penas, vestuários etc.

Metodologia: Conversar com o ancião da comunidade que conhecer a tradição da música de katxanawá e trazer também para dentro da Escola, e contar as histórias e um pouco das danças e das cantorias.

Avaliação: Verificar a compreensão dos alunos quanto à apresentação das conversas sobre a Festa Katxanawa (atividade de escrita da língua Hãtxakuin sobre a Festa do Katxnawa, com produção da exposição dos textos e dos desenhos feitos pelos alunos).

Referências: Bibliotecas vivas: Um ancião conhecedor das canções katxanawa, José Pereira Sabino (Txana, Hashka), pajé da música tradicional. Uma senhora conhecedora da festa katxanawa Ivanira (Bimi), Hunikuin.

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso



ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em Educação Musical.** São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora.** São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. **Música e ecologia acústica na formação de professores: cultura auditiva significativa e educação.** Revista Educação & Fronteiras, 2018.

Além dos sons da natureza, bons de ouvir, que nos dão paz e serenidade, temos também os sons da cidade.

Sim, na Cidade os sons são muito diferentes da ecologia acústica da paisagem sonora ambiental do lugar onde eu moro com minha família. Lá também tem os sons dos motores dos mais diversos tipos de embarcações passando pelo rio. Os rios são as nossas estradas.



Mas na cidade escutam os vários estilos musicais que tocam nos bares e clubes da cidade. Até mesmo nas casas das pessoas, e sem falar dos sons barulhentos das motos e carros que rodam pela cidade. Além disso, observamos a utilização de equipamentos eletrônicos como: Celular, computador, TV, Rádios, caixa de som e entre outros maquinários tecnológicos.





Eu trabalho também com sons, musicalidades e festa na minha pesquisa. Eu pesquiso o Katxanawá. A festa tradicional verdadeira dos legumes, ela sempre envolve como de costume da tradição, ela une e mistura os homens e as mulheres e fala sobre a fartura de alimentos.

Katxanawá é uma festa comum para nós, povo Huni Kuin, por isso que é o povo o organizador dessa importante atividade de festejo. Na hora de dançar, as mulheres se misturam, quando tem marido já fica com marido. Quem não tem marido, fica no meio dos rapazes com diferentes clãs (Rua bake com Inani bake, Inu bake com Banu bake). Isso é par completo para festa de mareré (Mariri). Nessa festa se pode brincar dançar e pular, a noite toda, até amanhecer o dia. É muita animação!



Edigar da Silva Sereno Kaxinawá (2021).

A MUSICALIDADE NA MINHA ALDEIA

KATXANAWÁ é uma festa sagrada. A espiritualidade Katxanawá é de muito significado para o povo Huni Kuin, por isso



que respeitamos as regras e mantemos os costumes da tradição.

A musicalidade é sagrada dentro da visão das transformações das espécies de todos os legumes trazidos através das canções, para dar uma boa safra, fartura. Pedimos ao espírito dos legumes a fartura para a comunidade. Desde muito tempo, nosso povo sempre se concentrava no tempo do plantio do roçado novo para festa Katxanawá. Como a regra da tradição, todos devem ser pintados para não prejudicar a sua vida material ou espiritual. A pessoa que não participa do evento onde a atividade está acontecendo até final da atividade de festejo não pode entrar.

A preparação e organização do festejo têm canções específicas: para caçadas, onde pode matar caça com abundância e facilidades. No



local de concentração da festa, o povo coloca um bucho de paxiubão.



Dentro dele é colocado todos os tipos de legumes, e finalizando acontece a festa a noite toda. As cinco horas da manhã todos querem pegar os legumes que estão pendurados. Da outra aldeia não pode levar



os legumes, senão você fica na escassez. Por isso, os legumes batizados não podem ser levados para outra aldeia.

Para nosso povo Huni Kuin a musicalidade é sagrada. Falando um pouco da tradição, os mais novatos de hoje não respeitam a cultura porque querem fazer do jeito deles, mas não é bem assim. Por isso está acontecendo muito problema, porque é vingança. Edigar da Silva Sereno Kaxinawá.”



**AURORA DA CRUZ MACHADO NAWA –
COMUNIDADE ZUMIRA (7 SETEMBRO)**



Foto de Aurora Machado, 2019.



“Eu sou Aurora da Cruz Machado, sou do povo NAWA, sou filha de Eufrásio Rebouças Machado e de dona Rosamélia Abreu da Cruz. Tenho 34 anos, sou casada com Ágabo Herculano Uchôa, tenho dois filhos: Kalil Fabrício, de 15 anos, e Yarley Lohan, de 10 anos. Trabalho na escola Francisco Militão de Melo como auxiliar de serviços diversos, mas já atuei como professora dessa escola.

Atualmente participo do Programa Residência Pedagógica nessa escola, onde atendo 14 alunos de primeiro ao quinto ano. Acho importante dizer que eu fui aluna dessa escola desde meu primeiro ano do Ensino Fundamental, por isso tenho uma relação especial em relação a ela. Lá eu estudei no passado e hoje eu trabalho. No entanto, para estudar o quinto ano, na época, foi preciso eu me deslocar até a sede do município de



Mâncio Lima para dar continuidade aos meus estudos e assim concluir o Ensino Médio.

Terminei o Ensino Médio muito jovem, aos dezesseis anos de idade, mas não tive a oportunidade de ingressar em um curso superior, pois não tinha oferta na época. Passando um intervalo de treze anos sem estudar, finalmente tive a oportunidade de participar do seletivo para o Curso de Licenciatura Indígena.

Aprovada, graças a Deus, estou em fase de conclusão do Curso e espero ser aprovada em concurso e um dia poder ajudar a minha comunidade, principalmente auxiliar a escola que tem grande carência de professores licenciados e comprometidos com a educação das crianças da comunidade.”



Para chegar até a minha comunidade são exatamente 9 horas de viagem em barco pequeno, saindo da sede do município de Mâncio Lima. Nossa Terra ainda não foi demarcada. Por conta disso, perante as autoridades do meio ambiente ainda é considerada como Parque Nacional da Serra do Divisor e não como Área Indígena. Para



chegarmos até lá passamos por inúmeros igarapés. Passamos ainda por um outro rio que é o Rio Azul. Passamos também pela área indígena NUKINI, que fica na outra margem do rio Môa, antes de chegar a minha comunidade de residência.

Na minha comunidade vivem 22 famílias e é situada no igarapé Zumira afluente do Rio Môa. Lá existem muitas variedades de animais e vegetais, além das aves e dos peixes. As árvores existentes da região são; o cumaru, cedro, amarelinho, jatobá, angelim, copaíba, arara-rosa, pau-d'arco, sumaúma, seringueira, embiridiba, canela -de-velho, pajeú, mulateiro, e nas capoeiras existem muitos lacres e goiabeiras entre outras mais.

A variedade das espécies de animais são as mais diversas possíveis, já que estamos



falando da Amazônia. Temos o queixada, o porco da mata, a anta, o veado, a cutia, o tatu, a paca, o jabuti, temos também diversidades de macacos como o guariba, macaco-prego, zog-zog, macaco-de-cheiro, soinho, irara, quati, quati-puru, macaco - preto, macaco-da-noite.

Existem também muitas cobras, as mais comuns são a surucucu e a jararaca, além da papagaia, cobra-preta, salamanta, pico-de-jaca, surucucu-de-fogo, coral, entre outras.

As aves também são as mais diversificadas possíveis como as inhambus, galinha, surulinda, macucau, preta, relógio, temos a saracura, a coruja, a arara amarela e a vermelha, o papagaio urubu e o estrela. Temos ainda os periquitos da cabeça grande e o menor que é mais comum, o gavião real e o pen pen. Temos a garça, jaburu, pato -da-



mata, a curica, maracanã, aracoan, jacú, mutum, cujubim, o tucano, o jacamin, além de muitas variedades de passarinhos como a rolinha, a juriti, as pipiras, os sanhaços, o galo campestre e muito mais.





E nos igarapés temos também muitas espécies de peixes de couro e escama como piau, piranha, traíra e outros mais e de couro temos o surubim, jaú, tora, juruá, bico-de-pato, bocão, entre outros temos também os jacarés preto e amarelo. Existe também uma enorme quantidade de sapos como gia, rã, canoeiro, campum e outros mais.

A minha **Comunidade Zumira** leva esse nome por conta da primeira moradora de lá ter esse nome, na verdade, Jesumira, passando apenas para Zumira, por ser mais fácil de falar.

Eu, como professora trabalhando a temática da musicalidade dentro da escola iria, em primeiro lugar, fazer uma prévia com os alunos do que seria **paisagem** para sondar o conhecimento dos alunos, dando



exemplos de várias paisagens. Em seguida perguntaria o significado da palavra **sonora**.

Logo depois, juntaria os nomes e explicava que paisagem sonora é todo os tipos de sons que nos rodeia em qualquer lugar que estejamos, tanto naturais como artificiais que de certa forma foram desenvolvidas pelo homem direta ou indiretamente.

Em seguida, eu ia pedir que observassem ao redor não só com os olhos, mas também com os ouvidos de preferência de olhos vendados, para que pudessem identificar melhor a paisagem sonora. Logo depois, eu pediria que representassem através de desenhos os sons capturados pela audição de toda a paisagem sonora existente do lugar que pudessem identificar naquele momento.



Para o bom desenvolvimento das habilidades auditivas dos alunos, eu procuraria tirá-los do meio em que vivem onde transita muitas pessoas. Os levaria para o meio do mato em um caminho de um roçado por exemplo, parando para refletirmos e assimilarmos que existem muitos sons ao nosso redor. Ou ainda pediria que fizessem o exercício da hora das seis da noite, horário em que começamos a ouvir muitos e diferentes sons.

Durante esse horário, e muitas vezes não nos damos conta, ocorrem sons diferentes. Eu pediria que fossem anotando todos os sons que ouvissem para reflexão da aula seguinte. Pediria também que fizessem o exercício de observar que em cada momento do dia, a gente escuta sons naturais diferentes.



Então eu utilizaria o Plano de aula abaixo especificado:

PLANO DE AULA DE MUSICALIDADE NA ESCOLA DE MINHA COMUNIDADE

1-DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA; FRANCISCO MILITÃO DE MELO
ENDEREÇO; ALDEIA ZUMIRA RIO MÔA
PROFESSORA; AURORA MACHADO
DISCIPLINA; INTERDISCIPLINAR
SÉRIE; 3º AO 5º ANO (MULTISSERIADO)
TURMA; ÚNICA
TURNO; MATUTINO
DATA; 08/2021
DURAÇÃO; 4 HORAS

2-ACOLHIDA;

BOAS-VINDAS AO ALUNOS, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E ORAÇÃO.

3-TEMA;

PAISAGEM SONORA DO LUGAR DE VIVÊNCIA DO ALUNO

4-CONTEÚDO;

AULA SOBRE IDENTIFICAÇÃO DOS SONS DA NATUREZA

5-OBJETIVO GERAL;

LEVAR OS ALUNOS A COMPREENDER O QUE É MUSICALIDADES



6-OBJETIVOS ESPECÍFICOS;

- FAZER O ALUNO ENTENDER QUE CERTOS SONS SÃO ROTINEIROS QUE NÃO NOS DAMOS CONTA.
- COMPREENDER A EXISTÊNCIA DOS SONS NATURAIS
- IDENTIFICAR TODOS OS SONS QUE ESTÃO EM VOLTA

7-METODOLOGIA

Em primeiro lugar, fazer uma conversa com os alunos em relação ao tema, se já tinham ouvido falar na temática a ser trabalhada. A partir de então explicar um pouco, mostrar o que é uma paisagem e em seguida paisagem sonora, para uma melhor compreensão do assunto. Explicar que paisagem sonora são todos os sons que nos rodeia, tanto os sons naturais produzidos pelos animais e aves, como os sons artificiais que são produzidos pelo homem diretamente (músicas gravadas) ou indiretamente (som do motor, do machado, do terçado etc.). Como exercício do assunto, pedir que os alunos fechem os olhos e se concentrem na paisagem sonora existente no lugar, em seguida pedir que façam uma lista de cada som identificado pela audição de cada um, logo após leitura da lista produzida por cada aluno, depois pedir que represente os devidos sons identificados pela audição de cada um, através de desenhos. Para melhor desenvolvimento da habilidade auditiva dos alunos, levá-los rumo ao caminho que dar acesso a escola para que saiam do lugar onde no momento encontramos mais pessoas e assim poder compreender melhor o assunto em questão, para que venham a concluir que os sons naturais são tão comuns que muitas vezes não nos damos conta dos sons existentes daquele lugar. E como tarefa para casa,



pedir que façam o exercício de buscar ouvir a paisagem sonora do horário das seis da tarde, fazendo anotações para na aula seguinte fazermos a comparação de cada horário do dia, onde cada aluno irá relatar os sons que escutou na hora das seis.

8- RECURSOS DIDÁTICOS;

Caneta, caderno, papel A4, lápis de cor, cartolina, giz de cera, quadro-branco, pincel para quadro branco.

9-AVALIAÇÃO

A avaliação será feita de acordo com as atividades propostas pelo professor, através da participação ativa do aluno, tanto nas atividades escritas ou de desenhos, como na oralidade de forma qualitativa e quantitativa.

10-BIBLIOGRAFIA

CAMEU, Helsa. **Introdução ao Estudo da Música Indígena Brasileira**. Rio de Janeiro; Conselho Federal da Cultura, 1997.

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em Educação Musical**. São Paulo: UNESP Digital, 2015.



FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente**: a ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Olivera. **Música e ecologia acústica na formação de professores**: cultura auditiva significativa e educação. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

A partir do Plano de aula acima destacado, eu trabalharia alguns sons naturais nos trazem muitas emoções por exemplo, o som do vento na floresta. Começamos a imaginar que o verão está chegando e com ele a época de plantios para o ano em curso.

Então começamos a nos planejar para os trabalhos daquele verão, alguns cantos de pássaros ou outros animais nos faz referência ao calendário, nos dizendo que é chegado a um determinado tempo do ano, ou que no dia seguinte irá chover ou ainda fazer



sol. Alguns sons naturais também nos trazem tristezas, nos fazendo imaginar que algo ruim pode acontecer, como por exemplo o canto da coam e o canto da rasga-mortalha.

Existem também os sons tecnológicos ou industriais que nos chamam atenção e que muitas vezes desperta em nós uma grande alegria, nos remetendo a alguma lembrança boa, como por exemplo alguma música que marcou um momento de nossa vida. Mas há também os sons que são chatos de ouvir, mas que são necessários, como o som do motosserra, da roçadeira, do motor e outros mais.

Por mais que nas aldeias existem muitos e diversificados sons, a maioria deles são sons naturais e nos acostumamos ao ponto de não nos apercebermos ou incomodar ao ouvi-los. Isso porque para nós, que moramos nesse



lugar, faz parte da nossa vida cotidiana, do nosso ambiente, do meio em que vivemos e mesmo pessoas que vivem lá na mesma aldeia, mas em lugar diferente já estranha ao vir nos visitar. Além disso, são sons que não agradem o nosso ouvido.



Já na cidade muitas vezes ouvimos até as conversas dos vizinhos, sons muito altos que



as vezes atrapalham até nossa comunicação dentro de casa.

Diferentes barulhos que chegam a nos irritar, principalmente agora nas aulas remotas, onde tiram nossa concentração das aulas. Digo isso porque precisamos vir para a cidade para ter acesso à Internet e assistir as aulas remotas.

Nas cidades as pessoas não têm limite de volume das suas paisagens sonoras. Os sons da ecologia acústica da aldeia são totalmente diferentes da ecologia acústica da cidade.”

DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS DE FABRICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS NA MINHA ALDEIA

“O tambor é um dos instrumentos que um dia já foi usado nas aldeias do povo NAWA,



nos tempos mais antigos. Digo isso, baseado em uma entrevista com dona Francisca Nazaré, a NAWA mais antiga do povo que hoje mora na cidade de Mâncio Lima.

“Como o povo NAWA sofreu alguns impactos chegando a quase perder sua identidade, atualmente temos dificuldade de nos encontrarmos novamente dentro dos costumes. Acredito que um caminho para a retomada da nossa identidade e costumes é através da escola. Só através dela será possível retomar essa situação.

De acordo com os conhecimentos de alguns indígenas do povo, vou descrever o material de que é feito esse tambor. O mesmo pode ser feito do couro de vários animais como o couro da onça, da ariranha e até da cutia.



Para fazer o tambor, a gente tira o couro do animal bota para curtir, isto é, bota ele para secar no sol para cair o cabelo e não apodrecer a pele. Fica assim por vários dias, até que se perceba que já é possível construir o tambor. Caso o rolo de pau não



seja ocado (tenha buraco), é necessário fazermos o acabamento. Ao final amarramos com cipó sem escapamentos para que o som saia bem expressivo e bonito.

Esse tipo de instrumento deve ser utilizado nas festas, nas cantorias e atualmente como já citado, dentro das escolas como forma de revitalização dos costumes tradicionais. Além disso, esse instrumento serve para animar as festas do povo.

Segundo a nossa colega Lucila, o maracá pode ser feito do coco ou ainda com coité, que é uma espécie de fruta da mata que tenha a casca grossa. Lembrando que se for grossa tem um som, se for grande outro som, e dependendo do que se coloca dentro outro som. Por exemplo, posso colocar milho, chumbo, mulungu, cada um terá o som diferente. Todos



esses instrumentos são usados para animação das festas do povo NAWA.



Atualmente usamos o violão, que é um instrumento mais industrializado, mas que se inseriu na comunidade e já faz parte da nossa história. O violão é usado nas rodas de



conversa à tardinha e também nos momentos sagrados e serve para acompanhar as músicas nos momentos das festas.

A MUSICALIDADE SAGRADA DA MINHA ALDEIA

Na minha aldeia, infelizmente, não temos o ritual das músicas sagradas de cura. Contudo, no povo estamos em processo de revitalização das músicas indígenas nas comunidades, onde as mulheres estão à frente do movimento de criação das músicas, principalmente através da escola. Como professoras, são as mulheres que conduzem as cantorias. Uma das pessoas que fazem frente ao movimento de resgate das músicas tanto nas criações como para cantar é a professora e acadêmica do Curso de Licenciatura Indígena Lucila da Costa Moreira.



Ela tem tomado a iniciativa de puxar as músicas de agradecimento às boas colheitas do milho, da macaxeira, dentre outras farturas. Porém, não são músicas de rituais sagrados como cura e outros rituais, como a gente vê em outros grupos étnicos da nossa Amazônia acreana.

Uma outra mulher também que faz parte da linha de frente é a professora conhecida como Nália, que também é professora da língua indígena e autora de algumas músicas do povo. Boa parte dessas músicas cantadas pelo grupo de mulheres NAWA já existem no registro do papel. São músicas reconhecidas pelo povo já.” **Aurora da Cruz Machado.**

Por fim, fiz meu próprio poema sobre esse tema dos sons dos animais, ou seja, da acústica do meu meio ambiente, que ficou assim:



VERSOS SOBRE OS SONS DO MEU LUGAR

Ao amanhecer me levanto e
vou para o roçado trabalhar
Nesse percurso ouço muitos animais a
cantar:

periquito, papagaio,
macaco guariba, nambu, e outros mais.

De repente, observo que a chuva
estar para chegar,
pois são animais que com
seu canto nos dizem isso lá.
OBA! Vou deixar a chuva me molhar!

(Aurora da Cruz Machado)



**ISABEL NONATO NASCIMENTO KAXINAWÁ
- ALDEIA NOVA LIBERDADE**

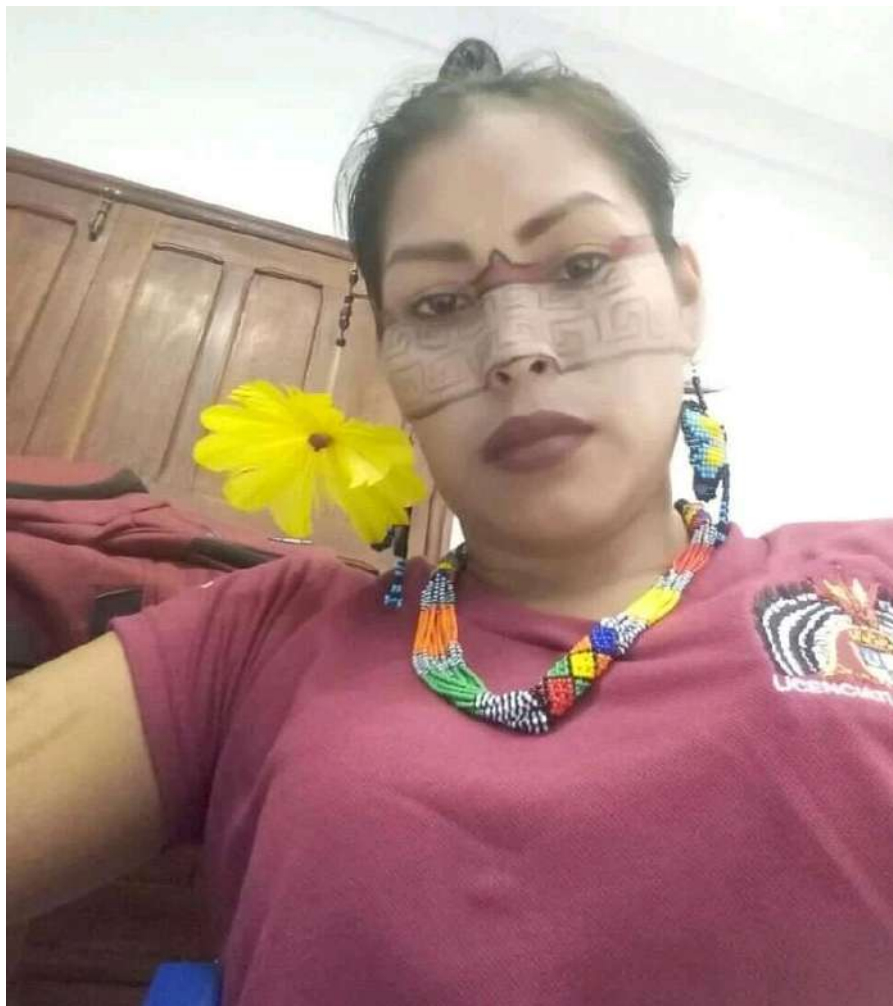


Foto do arquivo pessoal de Isabel, 2019.



“Eu sou Isabel Nonato Nascimento Kaxinawa e meu nome indígena é Nete. Sou da região do Purus, município Santa Rosa do Purus, Acre. Sou da comunidade **Nova Liberdade**, descendo rio Purus na margem direita. Sou conhecida pelo meu povo como professora da minha aldeia **Nova Liberdade**. Sou a filha do senhor Roberto Feitosa Nascimento Kaxinawa, na língua indígena (Ixã), e de dona Margarida Nonato Kaxinawá, nome indígena (Shekuani). Tenho 30 anos de idade e sou casada com Hulicio Moisés Kaxinawa (Isaka). Tenho três filhos: Jeniffer Moisés Nonato Kaxinawá (Bata), Jecielly Moisés Nonato Kaxinawá (Shekuani) e Jhefferson Moisés Nonato Kaxinawá (Tuín). Fui professora desde os anos de 2014 e até 2016. Depois, em 2017, eu entrei para o Curso de Licenciatura Indígena com o objetivo de aprimorar os conhecimentos ocidental para



ensinar meu povo Huni Kuin. No momento não estou na sala de aula por esse motivo de estudo, na minha aldeia **Nova Liberdade**.

Sou uma indígena Huni Kuin que valoriza muito as minhas culturas indígenas e conhecimentos tradicionais, como os costumes tradicionais do povo e principalmente as musicalidades que fazemos em nossas aldeias. As nossas rodadas de cantorias e também as pinturas de jenipapo, as nossas comidas típicas tradicionais. Também sou falante da minha língua indígena materna, o Hatxa Kuin, que é a minha verdadeira identidade e estou atuando como discente no Curso de Licenciatura Indígenas oferecido pela Universidade Federal do Acre, Campus de Cruzeiro do Sul.

Este é meu Diário do bordo musicalidade na escola da minha Aldeia (Nova liberdade).



As aulas da disciplina de Musicalidades II começaram no dia 02 de julho de 2021 na sexta-feira às 7:30 horas da manhã. A proposta dada de início nos incentivava a trabalhar com nossos alunos, no meu caso, com meus alunos na minha comunidade Nova Liberdade, escola Vitória Torres, com temáticas de musicalidades. No meu caso, primeiramente eu apresento o tema paisagem sonora para os alunos. Em seguida, fazer perguntas, o que é paisagem para eles. E o que é som, os sons dos ventos, os sons das aves em diferentes horários.

Depois dessas perguntas, explicar para os alunos sobre o que é **paisagem sonora**, para que as crianças compreendam a paisagem e os sons da natureza. São importantes essas coisas para nossas vidas.



Foto do arquivo pessoal da Professora Isabel Nonato N. Kaxinawá (2020).



Fazendo isso na sala de aula, já na outra aula convidamos os alunos para um passeio na floresta para mostrar o que é paisagem sonora. Também eu posso pedir para eles levarem um caderno, lápis para que os alunos e alunas anotem tudo o que estão olhando e ouvindo em silencio dentro da Mata, durante o passeio.

Os alunos podem identificar os sons de cada pássaro, podem identificar os animais que rastejam, que andam e que voam, como papagaios e arara. Identificam os ventos e outros animais e as árvores, pois têm árvores pequenos e grandes. Então, depois desse passeio, na próxima aula, peço para eles socializarem uns com os outros com sua fala, dizendo, pela oralidade, o que eles viram e olharam durante o passeio.



Dentro da sala de aula, junto com os colegas, depois da socialização, peço para os alunos relatarem e ilustrarem, isto é, fazerem os desenhos de todos os animais vistos, seja pelos sons escutados ou vistos pela visão, quer dizer, observados durante o passeio. Depois, vou trabalhar individualmente com cada aluno.

Para as crianças indígenas dentro da comunidade tudo é natural para eles, e assim não percebem os sons variados que a natureza ao lado deles faz, porque já se acostumaram. Eu já presencio durante o crescimento deles, convivendo com essa naturalidade em relação aos sons. Mas se chamamos a atenção desses mesmos alunos para os sons que a natureza faz, ouvindo e olhando tudo ao seu redor, os sons dos ventos, o canto dos pássaros, dos



macacos, os alunos passam já a reconhecer o que acontece em sua volta no seu dia a dia.

Qual pássaro que canta cedo? Qual o pássaro que canta durante a noite? Aí os alunos passam a perceber o canto dos pássaros diferentes. As diferenças das aves diferentes, que tipos de sons elas fazem. Pode observar os outros animais, os da noite, os do dia, os sapos e suas variedades, os grilos, as corujas, os vários tipos de macaco da noite, a nambu, os tipos de galinhas e outros animais. Todos eles produzem sons bonitos e variados.

E assim os alunos vai relembando quais são os pássaros que cantam de manhã cedo, e ao meio de dia e de noite. Então, as crianças já compreendem tudo bem, cada som dos animais, pois elas já sabem, apenas não tinham prestado atenção. Vou explicar para



eles que esses animais fazem parte da paisagem sonora do lugar em que vivem.

Dados de identificação

Escola: Vitória Torres

Aldeia: Nova Liberdade

Série: 1º ao 5º Ano

Turma: Multisseriado

Turno: Manhã

Disciplina: Arte e Língua Portuguesa e Língua Indígena

Data: 14 e 15/07/2021

Professora: Isabel Nonato Nascimento Kaxinawá

Duração: 16 horas

Tema: A paisagem sonora do lugar de vivência do aluno

Conteúdo: Identificar os sons da natureza na aldeia a fim de trabalhar a percepção sonora do aluno, a escrita e a leitura nas línguas portuguesa e Língua Indígena, dando ênfase à imaginação criativa, de acordo com a interculturalidade.

Objetivos

Geral: Desenvolver as habilidades auditivas dos alunos a partir da experiência acústica no meio ambiente da vivência deles; desenvolver as



habilidades de escrita e leitura, em língua portuguesa e língua indígena.

Específicos: Analisar com os alunos cada som; identificar no momento as aulas de campo feito pelos alunos e observar a natureza dos sons diferentes do seu redor; a conotação das histórias dos sons que eles conseguirem identificar. Depois, orientar a escrita dessa aula oral, e depois com os alunos fazer as leituras de sua escrita. Desperta os alunos para a percepção da diversidade de sons que a natureza oferece no seu lugar de vivência.

Metodologia: Fazer a apresentação do tema, trazendo pequenos textos e explicar sobre a natureza da paisagem sonora; desenvolver o trabalho de campo, ou seja, a pesquisa sobre sons da natureza. Pedir aos alunos identificar cada sons de animais, dos ventos, das folhas aos ventos e fazer um levantamento com alunos, quais os sons que foi ouvindo. Depois, fazer a apresentação do trabalho para os pais.

Recursos didáticos:

Cadernos, lápis, borracha, lápis de cera, lápis de cor, papel A4 ou cartolinas.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados através de participação das aulas na leitura e escrita, e através dos desenhos e do comportamento e atenção de cada aluno, na oralidade. A avaliação também será feita a partir



da organização do trabalho, apresentação da leitura e das dificuldades dos alunos.

Referências:

CAMEU, Helsa. **Introdução ao Estudo da Música Indígena Brasileira**. Rio de Janeiro; Conselho Federal da Cultura, 1997.

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em Educação Musical**. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Olivera. **Música e ecologia acústica na formação de professores: cultura auditiva significativa e educação**. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

O que eu vejo é que nosso conhecimento dos sons e da nossa natureza é simples. Mas também tem as palavras técnicas dentro desse



campo da audição dos sons do nosso lugar. A nossa paisagem sonora ou acústica é muito rica, muito mais do que a das cidades. Vamos apresentar isso aos alunos, aprender e explicar essas palavras dentro da nossa realidade, explicar também que cada lugar tem sons diferentes que a gente observa quando atenta nossos ouvidos ao movimento das matas e florestas.

Também dos animais, cada animal ou bicho pequenos ou grandes tem sons diferentes, porque de acordo com o tipo de canto ou de som identificamos cada espécie. Dentro da aldeia e na floresta a gente sabemos que tem som diferentes que fazem barulhos, porque dentro da comunidade tem pássaros diferentes que cantam perto de casa. Tem também aqueles pássaros pequenos e tem animais da aldeia



domésticos (os cachorros, as galinhas, os pintinhos e outros).

E também dentro da Mata perto de casa ouvimos a nambu e o macaco da noite e os ventos fortes, ventos suaves e som da beira dos rios nos caminhos, nos igarapés e nos lagos, entre outras coisas têm sons próprios.





Todos esses sons nos fazem sentir diferentes, porque alguns desses sons nos faz sentir medo, outro nos faz sentir alegria. Mas tem sons que dão informações, como saracura: quando esse animal canta diz que vai chover entre outras. Por isso devemos preservar a natureza e não destruir a floresta.

Os sons dos animais que vivem dentro Mata já são diferentes. Eles são animais que a gente não vê perto de casa, como macaco pregos, macacos sagui de bigode, as araras. Todos esses destaques lembraram muito bem todos os cantores que ouvi e que conheço e não esqueço jamais! Toda vez que ouço eles cantarem, eu já identifico cada espécie de animais pela minha memória auditiva.

Portanto, os elementos tecnológicos industriais dentro da comunidade como armas,



motor, os rádios, caixa de som, televisão produzem sons diferentes, feitos pelo homem. Antigamente, o povo Huni Kuin não utilizava esses equipamentos. Só eram arco e flecha para caçar e também para pescar. Também usamos ainda embarcação a remo, as canoas, como a canoa da pescaria.





Agora nos dias de hoje são usadas as armas para a caça. Para pescar são usados os anzóis e tarrafas, e os sons da caixa de som e da TV. Quando a noite chega, eles ligam a televisão para assistir. Então tudo acontece dentro da comunidade, mas tudo são diferentes movimentos de sons que conseguimos captar.





Quando na cidade já é totalmente diferente porque não só ouvimos os cantos dos pássaros. Já interfere na sonoridade das cidades outros movimentos, já são diferentes, como o som da moto, da bicicleta, dos carros e som das televisões e dos ventiladores. Também os sons das caixas de som que fazem muito barulho. E na beira rio, quando os marreteiros trazem mercadorias fazem transporte com caminhão até no comércio, também os motores das embarcações que andam no rio.

A diferença entre a comunidade para a cidade a gente não ouvimos mais os sons natural até na forma de conviver, não tem aqueles silêncios da noite som ouvindo os cantos dos pássaros e animais, e dia os barulhos fica mais forte, porque a gente não



relaxa mais sem sentir aqueles cantos e sons dos pássaros e de animais e dos bichinhos.

Mas para a criança é muito mais diferentes porque o costume da aldeia para a cidade é tudo diferente tudo é novo para eles. Na comunidade não tudo bem natural ali já conhecer tudo porque durante crescimento já aprendeu ouvindo e olhando para a natureza. Vou falar sobre o Mariri nas festas e cantorias das mulheres.





A comunidade **Nova Liberdade** cultiva muito as músicas e musicalidades tradicionais, através de festas em que participam homens e mulheres. A participação da mulher quando na rodada de cantorias, as mulheres são as segundas vozes. E no Mariri, os homens e as mulheres dentro da musicalidade fazem cantorias na aldeia. Nós gostamos muito das musicalidades animadas na aldeia.

Quando fazemos mariri, as mulheres são importantes. Para começar o evento, você vai para a Mata cortar o pé de paxiubão.

Você corta com a ajuda do homem e traz e coloca na casa da sua cunhada ou da sua prima, ou seja, qual das duas você quer fazer pra ela. Mas se você e Inu Bake tem que fazer para Rua Bake, não pode fazer Rua Bake com Rua Bake e nem Inu Bake com Inu Bake. E outra



coisa, você não pode falar para a pessoa que você vai desafiar ou está fazendo para ela.



Ela vai saber quando você colocar esse tronco de paxiubão na casa dela. Porque esse mariri é para desafiar sua cunhada. Para saber se ela sabe cantar as músicas de mariri e também as regras dos nomes dos clãs que é



na língua indígenas. Falamos Inu Bake e Rua Bake, então seguindo essa regra você tem que fazer. Se você é Inu Bake, tem que fazer para Rua Bake. E outra coisa, você quer desafiar sua cunhada, que é Inu Bake ou Rua Bake, como por exemplo, se vou Inu Bake todos Inu Bake estão sendo desafiados pelo Rua Bake.

Você tem que preparar suas músicas, e esse evento também já acontece quando nas rodadas de cantorias de músicas para chamar as faturas de legumes, pra chamar a força da natureza e da terra, para dar mais alimentos na comunidade. Essa regra serve tanto para os homens e as mulheres. Em seguida, depois de fazer isso, seus maridos vão caçar para passar uma semana ou menos dia para terem mais carne durante esse dia na Mata.

Nessa caçada, os homens se organizam para se dividir. Se tem dez homens, a metade vai



pra pesca e outra metade vão caçar, e também eles combinam o dia de chegada para não tem problema na chegada. E também eles vêm de caçada faltando um dia para acontece o evento. Enquanto seus maridos caçam, as mulheres preparam seus legumes como macaxeira, banana entre outros alimentos para cozinha no dia e também preparam suas lenhas de fazer seus fogos para cozinha.

Então seus maridos chegam da caçada trazendo as carnes, os peixes já prontos, como por exemplo, carne assados e peixes assados ou moqueados. E quando chegar o dia, o Rua Bake que fez o evento que é mariri para Inu Bake, vai dar início, dando bem-vindo para Inu Bake.

Para dar bem-vindo você deve reunir com todos os Rua Bake para se enfeitar com palha e de folhas de bananeiras. É uma forma de



avisar que esse mariri foi feito para elas e também os maridos vão acompanhar as suas esposas, eles se vestem de mulher para participar com elas. Então começa a festa e a brincadeira, os Inu Bake ficam esperando na casa, e preparando e se pintando, e lá os Rua Bake todos juntos e mãos dadas uma das outras, com forças e vêm pulando e dando gritos de alegria. E o grupo dos Inus vão também juntos, mais não de mão dadas e vão ver as suas cunhadas e primas para tirar do grupo dos Rua Bake. Quando elas tiram do grupo dela vão levar e fazendo ela pular junto com elas. Assim, todos vão pular até chegar no lugar preparado. E depois de fazer isso, até chegar no lugar preparado, elas vão servir as comidas que também já foram preparadas para elas.



E na hora de dar as comidas ou servir, elas vão servir as suas cunhadas e primas, cada pessoa vai fazer assim com todos. Depois de servirem todos, vão sentar e comer junto com elas. Depois de fazer isso de manhã, vão deixar a tarde para continuar a festa. Então pela tarde é a vez dos Inu Bake fazer suas festas. Às 03:00 horas, os Inu Bake vão se reunir para se organizar, ou seja, transformar enfeitando seus corpos com palhas e folhas de bananeiras. Os Inu Bake vão fazer o mesmo procedimento que Rua Bake fizeram. Quando terminar suas brincadeiras de puxar e pular até chegar aonde está o tronco para festejar. Elas param e rodeiam o tronco e começam cantorias.

A pessoa que foi feita para ela, ela começa a puxar a música, quando ela canta na última estrofe a sua cunhada ou a sua prima



vai tirar da roda. Assim vai continuando a música, fazendo isso até ficar duas últimas pessoas ficam com música elas param. Os Rua Bake vão servir as comidas para as suas cunhada e primas, quando servir todo mundo, elas juntam as comidas e vão comer junto.

E às 07:00 hora começam as cantorias, agora vão todos juntos na roda. Os Inu Bake e Rua Bake e fazem suas músicas até meia noite para terminar a festa de mariri finalizar com música sagrada. E depois de terminar, corta com Machado o tronco que na língua indígena e (katxa) e terminar a festa de mariri; então esses tipos de festas todos participam, as mulheres, as crianças, os jovens, assim celebramos nosso mariri dentro da nossa comunidade **Nova Liberdade.**”



**JUEÂNIAS COSTA DO NASCIMENTO – POVO
NUKINI COMUNIDADE PARANÁ DOS BATISTAS
(VAKA VISU)**



Foto do arquivo pessoal de Jueânias Costa (2021)



“Eu sou jueânias Costa do Nascimento, moro na aldeia República na Terra Indígena na comunidade Paraná dos Batista VAKA VISU. Sou filha de Elina Costa do Nascimento e José Lopes do Nascimento. Tenho trinta e sete anos de idade, sou casada com Ebissom da Silva Braga e tenho três filhos: Faina do Nascimento, Bruno Nascimento Braga e Léo Nascimento Braga Nukini. Sou formada no Ensino Médio e fui professora no do Ensino Infantil nos anos de 2010. No ano de 2017 entrei na Universidade Federal do Acre.

Valorizo tudo que existe na minha comunidade, gosto de dança, de me pintar, gosto de ouvir as músicas feitas pelos próprios Nukini, gosto de participar das festas tradicionais dentro da comunidade. Isso é de grande valor, de muita importância para mim!

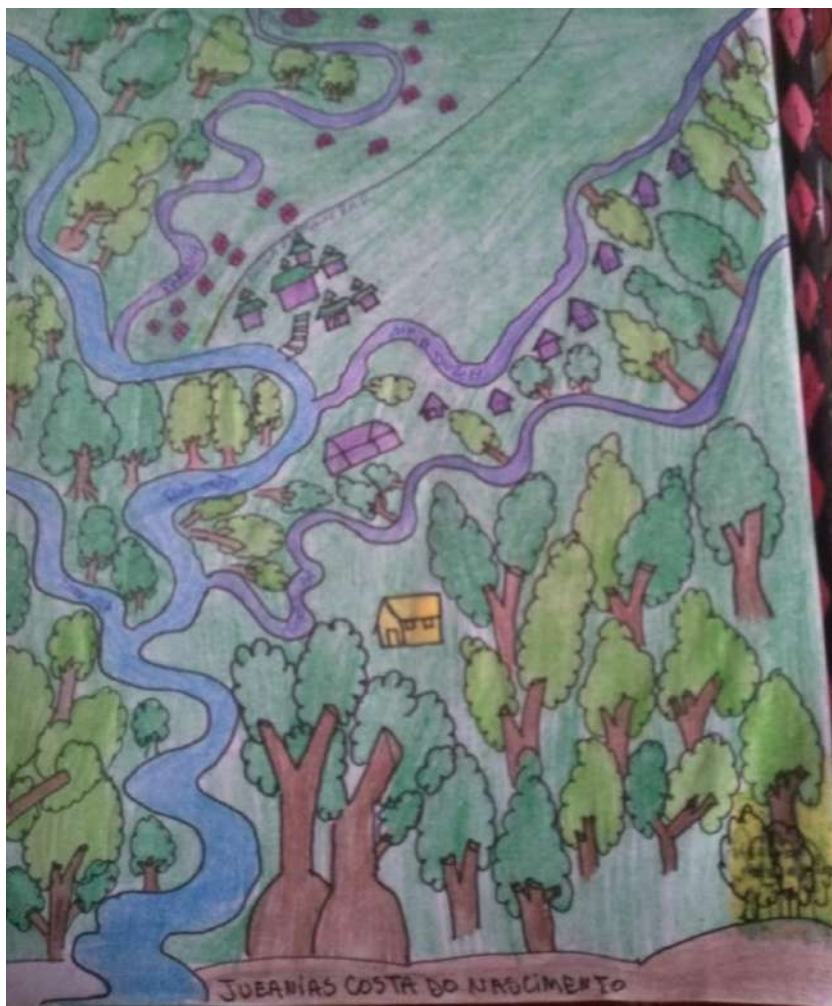


A musicalidade na comunidade Nukini está sendo bastante revitalizada cada vez mais. Ela está tendo a participação dos jovens e da escola, e isso é passado de geração para geração. Ainda temos pouca participação dos idosos, mas eles fazem presença nas curas, na oralidade, na musicalidade sagrada do povo Nukini. Hoje ele está dentro das cantorias, das rezas, nas mirações, nas festas tradicionais. As cantorias se especificam dentro de cada modalidades, ou seja, depende de cada ocasião que se esteja festejando.

Nas cantorias, nos momentos que estão tomando o chá, a oralidade está nos momentos das rezas, tem também as músicas que recebem dentro das mirações, que é uma coisa que não tem explicação. Dentro da miração, só quem participa e que entende o significado da



letra da música, da cura são as pessoas especiais e isso é uma coisa da pessoa mesmo, vem das gerações passadas.





Cada música, que é cantada pelas pessoas que fazem esses trabalhos, são cantadas em estilo de voz diferente, ou seja, depende da situação que eles se encontram. Ouvir e praticar os sons vem de cada um vem muito incentivo universal, espiritual, assunto dentro das bebidas e das músicas sagradas, sempre feito ali no momento na musicalidade sagradas.

Como eu disse no início, o lugar onde moro fica na Terra Indígena Nukini, no município de Mâncio Lima, Acre. A Terra Indígena foi demarcada em dezembro de 1991. Atualmente a população Nukini é estimada em mais de 600 habitantes, que vivem em aldeias ao lado dos igarapés Timbaúba, Meia Dúzia, Sede República, Recanto Verde, Abacateral, Maluquinha, Paraná dos Batistas, VAKAVISU. É



nas imagens do Rio Juruá, pois os Nukini pertencem a família linguística pano.



Hoje os Nukini falam uma língua que tem semelhança com várias pelo Estado. Atualmente, a língua falada pelos mais velhos da aldeia é necessário um grande



empenho por parte de todos, especialmente dos mais novos, dos alunos, dos professores para que nossa língua não venha desaparecer. Por isso a necessidade do empenho de cada um, e esta é minha contribuição com o estudo das musicalidades da minha rica paisagem sonora.

Por menor que seja o esforço, é fundamental para a língua continuar a ser falada e transmitida de geração para a geração futura. Conhecer a língua faz parte do esforço para valorizar o que os antigos e os mais velhos transmitiram e continuam transmitindo, que é o conhecimento tradicional das danças, das músicas, dos remédios, da cultura e do jeito de ser Nukini.

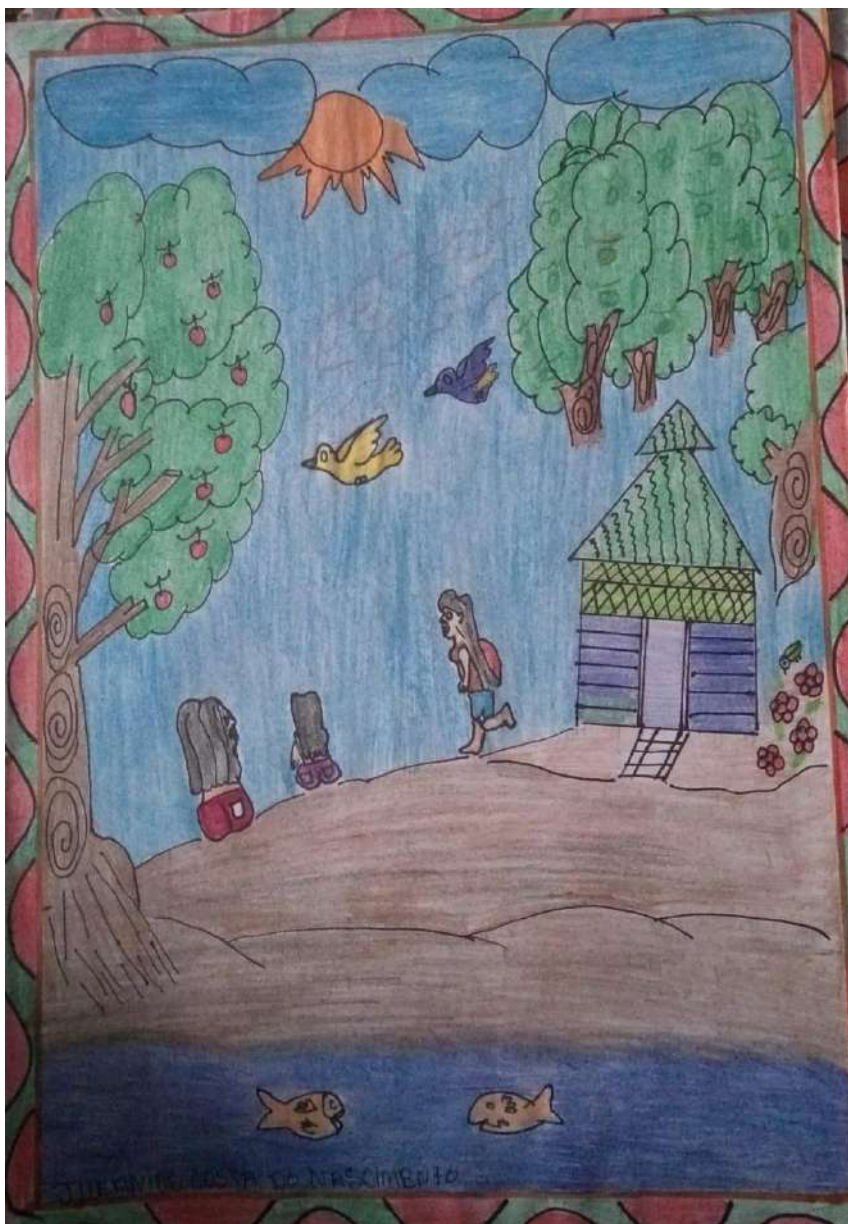
Enfim, na comunidade **Paraná dos Batista VAKA VISU** temos várias espécies de animais



na mata como porco, anta, veado, paca, temos também bastante espécie de peixe como Surubim, Piau, olaia. Nossa floresta também é rica em árvores frutíferas, madeiras de leis e entre outras. Portanto, o nosso povo tem que preservar para que as futuras gerações conheçam a nossa riqueza que existe na floresta.

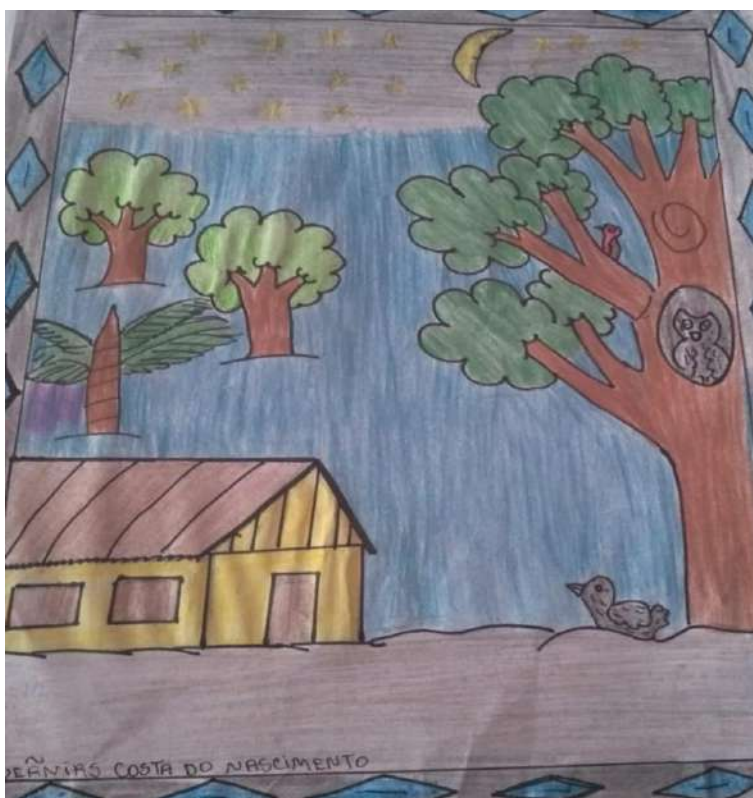
Para trabalhar com essa ecologia com nossos alunos, podemos tirar eles de sala de aula, e levarmos eles até um canto onde eles possam ouvir a natureza. Pediremos a eles que afinem seus ouvidos e ouçam os sons da natureza com muita tranquilidade, de forma que eles possam identificar os sons de cada ser vivo que existem ao seu redor.

Dessa forma cada um dos alunos vai poder valorizar a cada dia a nossa riqueza que temos na natureza.





Para fazermos o desenvolvimento dessas habilidades auditivas junto aos alunos, passamos uma atividade para fazer em casa, com perguntas que possam levar eles para um canto em que consigam ouvir e estudar os sons do entorno de sua casa.





Cada aluno vive num ambiente próprio, mais na beira do rio ou mais dentro da mata, lugares diferentes uns dos outros. Isso pode gerar uma boa discussão de conscientização da preservação ambiental dentro da sala de aula.

Exponho agora o meu plano de aula para a abordagem dessa temática que é a musicalidade na minha aldeia Nukini.

Plano de Aula

Dados de Identificação:

Aldeia: República Terra Indígena Nukini

Escola Estadual: José Batista Diniz

Turma: 4º Ano

Turno: Manhã

Disciplina: Multisseriado

Data: 16 e 17-08-2021

Professora: Jueânias Costa do Nascimento

Duração: 08 horas

Tema: Paisagem sonora do lugar de vivência do aluno



Conteúdo: Identificar os sons da natureza na aldeia a fim de trabalhar a percepção sonora do aluno a imaginação da criativa a escrita e a leitura.

Objetivo Geral: Desenvolver as habilidades auditiva dos alunos a parte da experiência acústica no meio ambiente da vivência deles. Desenvolver as habilidades de domínio da escrita e da leitura.

Objetivos específicos: Estudar sobre a importância das paisagens sonora da aldeia Nukini; incentivar os alunos a ouvirem os sons natural da paisagem sonora da aldeia Nukini.

Metodologia Utilizada: apresentar o tema paisagem sonora ao aluno; fazer as chamadas dos alunos, conversa informal sobre a aula; apresentação do tema a ser trabalhado, organização e explicação do passo a passo do desenvolvimento do trabalho na lousa, para que todos compreendem como o trabalho será feito.

Recursos: Lápis, lápis de cor, caneta, caderno de anotação, borracha, natureza, quadro branco, pincel.

Avaliação: Avaliação será feita no coletivo no decorrer das aulas aplicadas e durante todos os desenvolvimentos das atividades, mas principalmente no acompanhamento e resolução das atividades decorrentes da oralidade e da escrita. Observaremos na avaliação a participação, interesse e o comportamento dos alunos pois trabalharemos ações



especiais no campo da audição, então toda a atenção é importante.

Referências:

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** – uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2ª. Ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons**: práticas criativas em Educação Musical. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente**: a ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Oliveira; Fonterrada, Marisa T. de Oliveira. **Música e ecologia acústica na formação de professores**: cultura auditiva significativa e educação. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

Sabemos que dentro da Amazônia a natureza tem diferentes sons, porque os sons do dia não são os mesmos que os sons da noite. Então, o som que admiro são os dos pássaros que cantam em sonoridades diferentes. Esses



são os sons da minha paisagem sonora, do lugar lindo em que habito!

Sabemos que hoje a tecnologia está muito avançada e isso tem influenciado o nosso meio. Hoje na aldeia tem vários tipos de sonoridades que polui os nossos ouvidos e a nossa mente.





Temos a televisão, a motosserra, a roçadeira, o motor de popa de canoa, a máquina de costura, a máquina de lavar roupa, tudo isso é bem diferente da ecologia da natureza, esse som e que traz energia, força e paz. As outras sonoridades são muito irritantes às vezes. Conseguimos entender o canto de cada um, ou seja, a mensagem e a função de cada um deles no dia a dia da nossa aldeia.

A sonoridade calmante da aldeia é bem diferente dos sons da Cidade. Na cidade, os sons da cidade são muito irritantes e ruim. É um som em todos os momentos, que estressa. Nas aldeias é um som calmo. Moramos muito distante da cidade.

Lá só tem paz, tem os dias que ouvimos o som do vizinho, ao amanhecer o que ouvimos são sons dos pássaros. Na aldeia só encontra



paz e Harmonia uns com os outros. Fiz um desenho para exemplificar isso!





A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS CANTORIAS/MUSICALIDADES DA MINHA COMUNIDADE

As mulheres têm participação forte e importante em relação às cantorias/musicalidades na minha comunidade. A voz da mulher ocupa um lugar central na cultura indígena de modo geral, aqui na Amazônia. Principalmente quando as mulheres fazem parte dela, da musicalidade, com a voz feminina tudo muda no modo de cantar, tocar, quando elas fazem a segunda voz tudo fica mais bonito!

As Cantorias para nós mulheres nos momentos de festividades alegram nosso cotidiano e a vida da comunidade Nukini. E isso traz união, força e alegria no nosso caminhar, fortalecendo nossa cultura e nossos saberes tradicionais. Enfim, as mulheres buscam os conhecimentos da cultura



dentro do seu espírito feminino, e os homens conseguem envolver tudo que existe ao seu redor dentro das musicalidades.

INSTRUMENTOS MÚSICAIS USADOS NA MINHA COMUNIDADE

Passo agora a falar sobre alguns instrumentos musicais que são fabricados de forma artesanal dentro da minha aldeia. Como eu já afirmei, a musicalidade na minha aldeia é de fundamental importância, e cada material feito é usado dentro da aldeia com muito orgulho nos momentos festivos.

Há um grande incentivo para cada um se dedique na produção desses instrumentos musicais e penso que podemos fazer oficinas de fabricação de instrumentos musicais dentro das nossas escolas.



Este é um lindo instrumento de som, a **Buzina feita do chifre de boi**. Ela serve como instrumento de aviso dentro da escola. O diretor buzina e os alunos sabem o que tem que ser feito.



A quantidade de buzinas é o código que avisa aos alunos sobre a hora de entrar para a sala de aula e de sair da sala, bem como as buzinas avisam sobre os horários de intervalo entre uma aula e outra ou avisam sobre a hora de ir para casa.



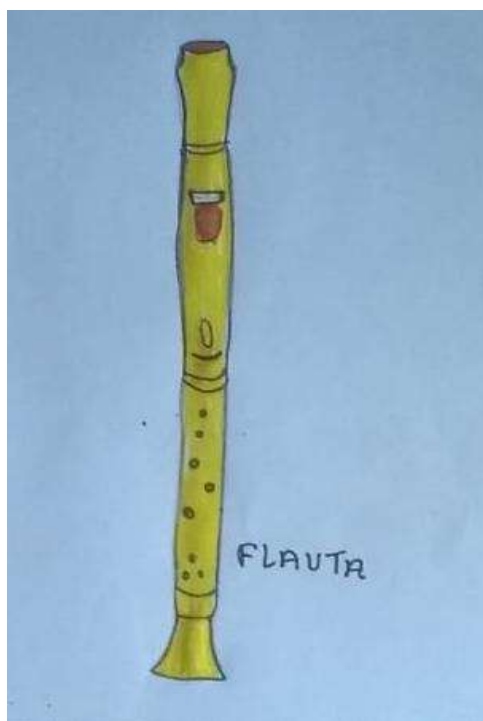


Temos também a buzina feita do bambu, desenhada acima. Usamos essa buzina como um meio de comunicação na escola. Mas não só na escola. Usamos também nas danças e nas festas tradicionais. Usamos também os maracás, que fazem um som alegre e que são feitas de coco, coité pequena e também de jamaru.





Esses instrumentos também são usados nas cantorias e nas festas tradicionais. Seus sons são fortes e penetrantes. Conforme a quantidade de pedrinhas que contém ali dentro dos maracás sai um som muito ótimo de se ouvir. E usamos flautas e tambores nas festas tradicionais também.





Enfim, cada instrumento usando na aldeia Nukini é de grande importância pra todos nós, que praticamos as musicalidades de nossos costumes e valorizamos nossa cultura.



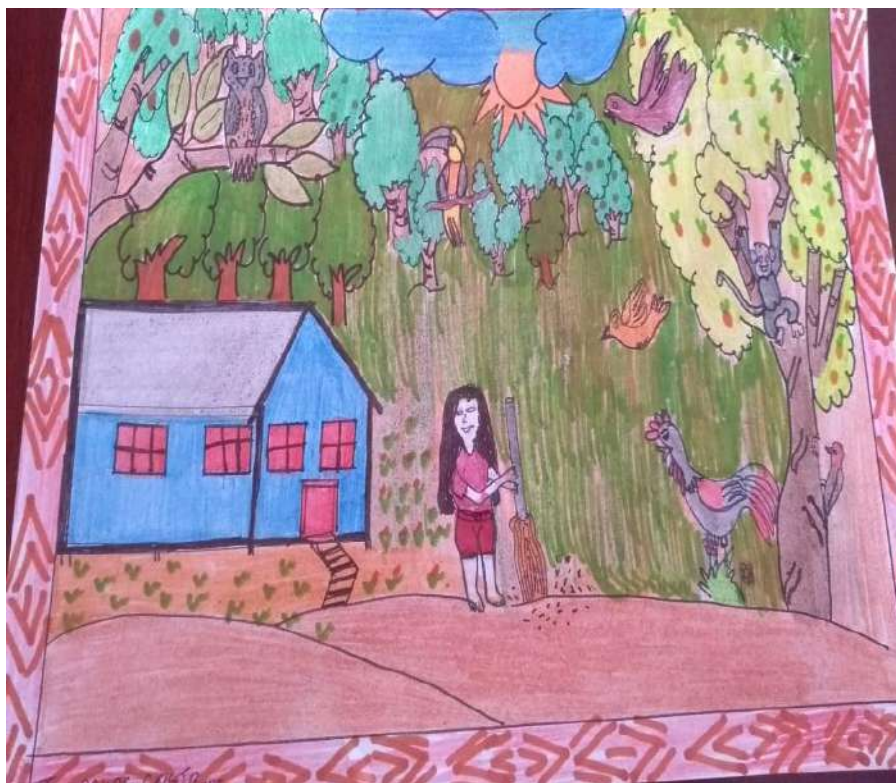


Nas festas e cantorias nos divertimos e usamos também as batidas das nossas mãos, e dos pés, com isso nosso corpo fica mais a vontade, com esses instrumentos citados. Fiz o desenho dessa prática musical que utiliza o corpo na produção dos sons. É muita animação, gente!





Não conseguimos deixar o nosso corpo parado quando estamos dentro de uma comemoração dentro da aldeia. A cada momento estamos batendo da mão e os pés. Nosso corpo precisa está sempre em movimento, com boa energia que essas musicalidades trazem.





Cada som é diferente um dos outros. Eles nos trazem força, alegria para cada um que ali está presente nesses momentos de valorização da cultura e da nossa identidade. As batidas dos instrumentos que ali estão sendo usadas mexem com todos.

SONORIDADES POÉTICAS DO MEU LUGAR

Ao amanhecer escuto o galo cantar! Levanto,
Pego a vassoura pra varrer meu terreiro!
Olho do lado e vejo a saracura cantar!
Ao amanhecer na mina aldeia Nukini!
Escuto o sabiá cantar!
Pego a vassoura pra varrer o meu terreiro!
Olho pro lado e vejo o bem-te-vi voar!
Ao amanhecer na aldeia escuto o macaco a
cantar!
Pego a vassoura pra varrer meu terreiro!
Olho do lado e vejo os pássaros a cantar!
E com imensas alegrias me vejo a trabalhar
e cantar!

Jueânias Costa





LUCILA DA COSTA MOREIRA – POVO NAWA







Eu sou Lucila da Costa Moreira Nawa, tenho cinquenta anos, trabalho há vinte anos na área da Educação. Eu tenho seis filhos e quatorze netos.

Com meu povo trabalho na escola João Bernardo Rodrigues. Tenho sessenta alunos do Pré (Educação Infantil) ao Ensino Médio completo, tenho um bom relacionamento com todos da minha.

Respeito suas decisões, venho lutando há mais de vinte anos pela demarcação da Terra Nawa desde o começo da luta de reconhecimento do nosso povo.

Eu só tinha a Quarta Série, comecei a formação de professores indígenas fazendo o magistério em 2000. Foi minha primeira formação, não desisti.



Só em 2008 formei no primeiro grau do Magistério e Segundo Grau do Magistério, nunca tinha tido outra oportunidade.

Em 2017 teve o seletivo para a Licenciatura Indígena na Universidade Federal do Acre e eu passei em sétimo lugar. Tenho mais de 20 certificados uma vez que participei de tudo que tinha para formação indígena.

Eu sempre estava junto com os parentes, lutei muito na minha vida, me casei com 14 anos de idade, com 15 tive meu primeiro filho, com 27 anos já tinha seis filhos: 2 mulheres e 4 homens. Com 27 também separei do pai dos meus filhos onde já tínhamos vivido juntos por 12 anos.

Criei meus filhos com a ajuda da minha família, meus pais e irmãos, essa é a minha vida.



Para mim, Lucila da Costa Moreira Nawa, chegar em minha aldeia, saindo da cidade de Mâncio Lima até minha aldeia demora um dia pra chegar até lá, em meu local natural. Moro na Aldeia **Boca Tapada**, Terra Indígena NAWA.



DIÁRIO DE BORDO MUSICALIDADES

A Escola da minha **Aldeia Boca Tapada**, as 7 horas e meia, entrei na sala de aula, a professora começou as explicações das atividades que nós tínhamos que fazer sobre os sons e paisagem.



Primeiro foi explicado como trabalhar a paisagem sonora do lugar, onde eu moro com



meus alunos. Pedi que meus alunos descrevam os sons que eles estão ouvindo. Depois, que fizessem os desenhos dos animais que têm aquele tipo de som. Pedi que os alunos identificassem o tipo de animal que faz aquele som, se macaco, se nambu, tucano, arara ou papagaio, sapo...

Como desenvolver as habilidades auditivas dos alunos a partir da experiência acústica do meio ambiente de suas vivências. Conversamos muito na nossa comunidade perguntando para os alunos que sons eles escutam em seu local de moradia. Minha certeza é a de que eles irão falar que existem vários sons de grilo, coruja, passarinhos, rasga mortalha, sapo, vento, água da cachoeira.

Então, para desenvolver as habilidades auditivas dos meus alunos, eu farei o



seguinte Plano de aula para aplicar na escola com meus alunos:

PLANO DE AULA DE MUSICALIDADE NA MINHA ALDEIA(LUCILA)

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: JOÃO BERNARDO RODRIGUES

ALDEIA: BOCA TAPADA

SÉRIE: 6ºAO 9º ANO

TURMA: MULTISSERIADO

TURNO: MANHÃ

DISCIPLINA: INTERDISCIPLINAR

PROFESSORA: LUCILA MOREIRA

DATA:15 e 16 DE SETEMBRO DE 2021

DURAÇÃO: 8 HORAS

TEMA: MUSICALIDADE SONORA NA FLORESTA, AULA DE CAMPO.

CONTEÚDO: MÚSICA NA FLORESTA INSETOS E ANIMAIS

OBJETIVO GERAL: Fazer com que os alunos aprendam a cantar as músicas naturais e saibam identificar cada canto que eles irão ouvir na floresta, identificando os respectivos animais cantantes.

OBJETIVO ESPECÍFICO: Mostrar aos alunos a importância dos sons existentes na natureza, levar os alunos a aprender a valorizar os sons de cada espécie que existe na floresta; incentivar a oralidade e a escrita da língua portuguesa.



METODOLOGIA: Conversa informalmente sobre o assunto. Apresentação do conteúdo com as devidas explicações sobre paisagem sonora. Fazer aula de campo com os alunos, levando os mesmos para a mata em um lugar mais reservado. Voltar para a sala de aula e pedir que cada aluno relate (oralidade) os sons que ouviram durante o momento em que estiveram na floresta. Em seguida, fazer os desenhos dos animais que emitem esses sons. Pesquisar com os anciões sobre os sons dos seres vivos da floresta. Falar sobre a importância desses animais na fauna brasileira. Expor os desenhos para que cada aluno fez e seu respectivo texto (escrita) sobre os animais representados.

RECURSOS DIDÁTICOS: Caderno, caneta, quadro, giz, lápis, celular, lápis de cor.

AValiação: Através da participação e a atenção dos alunos durante a aula e o bom desempenho nas atividades proposta.

REFERÊNCIAS:

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2ª. Ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons:** práticas criativas em Educação Musical. São Paulo: UNESP Digital, 2015.



FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente**: a ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Oliveira; Fonterrada, Marisa T. de Oliveira. **Música e ecologia acústica na formação de professores**: cultura auditiva significativa e educação. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

A aula acima estruturada pode seguir uma sequência didática, de forma que a temática possa ser explorada de forma ampla. Elementos naturais, canto de pássaros e outras coisas têm sons diferentes, por exemplo, cada animal tem sua música. Todos eles expressam sua música e como nós vivemos em lugares diferentes uns dos outros, ouvimos sons diferenciados, desses animais do ar, os pássaros e os da terra, como as rãs, das águas, como o esturro dos jacarés, por exemplo.



A PARTICIPAÇÃO DOS HOMENS E DAS MULHERES NA MUSICALIDADE (LUCILA)

A música dentro da minha terra é uma prática mais executada por parte das mulheres e crianças. Na escola, as mulheres têm suas próprias músicas de sua autoria. Como a música é muito importante em nossas vidas, eu vinha incentivando nosso povo NAWA a cantar na nossa própria língua há algum tempo. Os homens participam das cantorias só nas festas e brincadeiras.

Nos eventos culturais, juntos com as mulheres, crianças e homens, os NAWAS trabalham todos juntos: mulheres homens e crianças, assim é mais gostoso e divertido todo mundo junto. Na minha comunidade a música do povo NAWA tem sido muito incentivada por mim. Eu, Lucila NAWA fiz



pesquisa com Mariruni, com os mais velhos e trouxe de volta nossa cultura tanto as músicas como a própria língua.





Até 1999 dizia-se que o povo NAWA não tinha mais músicas e nem a língua indígena. Eu fiquei muito preocupada e comecei a fazer minhas pesquisas com os mais velhos, principalmente com o meu pai e minha mãe.

Em 2001 quando eu fui para um encontro de professores indígenas e eu via todos cantando, eu disse: vou cantar nossas próprias músicas na língua indígena NAWA.

Foi então que comecei a pesquisar sobre nossa cultura e identidade NAWA e a cada ano eu melhorava mais, junto com alguns do povo.

Depois, trouxe para dentro da escola esses elementos de nossa cultura, especialmente a música e expressões da língua e hoje em 2021 canto e falo junto com o meu povo NAWA. Para nós, todas as músicas são sagradas.



VERSO (LUCILA)

Estou caçando, escuto uma arara cantando
Continuo caçando chego pra perto
Tem um bando de queixada esturrando
Meto bala nas queixadas!
Venho pra casa feliz e pensando...
O papagaio quando canta fora de hora
Está adivinhando algo de ruim dentro da comunidade
Ele tem seus cantos de alegria
Mais também tem seus cantos de tristeza.





**TAIRES SILVA DE OLIVEIRA – ALDEIA
PORTO RICO (MAE MEMA)**





“Eu Taires Silva de Oliveira nasci no ano de 1994, sou indígena da etnia Nukini. Sou filha de José Francisco Ricardo de Oliveira Nukini e Maria José Henrique da Silva Nukini. Cresci na Aldeia República, Terra Indígena Nukini. Gosto de ser chamada Taires. A Aldeia fica localizada na margem esquerda do rio Mõa. Conclui meus estudos no ano de 2015, no Ensino Médio. No ano seguinte fui chamada pela comunidade para dar aula no EJA, Educação de Jovens e Adultos. Tive muitas experiências e oportunidades, foram bons momentos que irão ficar na minha memória.

Depois que saiu a inscrição para fazer o Curso Superior de Licenciatura Indígena pela Universidade Federal do Acre fiquei feliz por ter conseguido entrar.

Na Universidade, tive o privilégio de conhecer vários amigos de outras regiões e



também o meu esposo Jovelino Nonato Lopes Kaxinawá. Hoje somos casados e temos dois filhos, uma menina e outro menino, Sophia e Txana-Hur.

Atualmente moro na aldeia **PORTO RICO**, no município de Santa Rosa do Purus. Lá conheci várias pessoas de um jeito diferente, cada um com seu modo específico de viver e hoje vivo várias experiências. Hoje sou feliz, fico triste quando estou distante da minha família, quando estou perto é uma alegria e haux haux.

Como já disse, moro na comunidade **Porto Rico, Terra Indígena Alto Rio Purus**, situado no município de **Santa Rosa do Purus - Acre**. A minha comunidade fica 1 (um) dia de descida do município Santa Rosa e 2 (dois) dias de subida da comunidade para o referido município. Lá tem 38 famílias residentes,



uma área demarcada para os povos indígenas da região, e fica à margem esquerda do Rio Purus. Nessa comunidade existem vários seres na natureza que produz e reproduz as belas paisagens sonoras do ambiente. Como as florestas, as plantas, os animais, os insetos, os passarinhos e peixes, dentre outros, com suas diversas cores, sons, saberes e conhecimentos riquíssimos que deixam o meio ambiente mais bonito e harmonioso.

O meio ambiente da comunidade tem lago grande onde é tirado o sustento família com diversas qualidades de peixes. Na floresta existem muitas coisas boas que chamam nossa atenção com as belas paisagens naturais como: os macacos diferentes de outras regiões, passarinhos de todas as cores,



flores e árvores diferentes, tem sabores e aromas maravilhosos.

Há muitas ervas medicinais para várias curas de doenças, os mananciais e riachos, todas elas e entre outros, que se identificam com múltiplas razões da realidade e da ciência da natureza. A terra é firme e arenosa, bom de cultivar os legumes tradicionais.

A principal característica dessa beleza de lugar da comunidade é a margem do Rio Purus. Lá tem belas praias cheia de luz, onde plantamos as melancias e outros legumes. A água é meio barrenta na época de inverno e clara no verão, cheia de peixes de várias espécies da região.

Tudo que está em nosso entorno é bonito, até o vento que toca as plantas e produz os sons acústicos do ambiente. Tanto quanto a



natureza e os seres vivos, eles fazem parte de nós. Dentro dessa natureza existem os sons de cada espécie de animais e de plantas.



Dessa forma, dentro da proposta do ensino da experiência auditiva dos sons da natureza queremos direcionar os alunos nesse meio de



conhecimentos riquíssimos, para que possam compreender e entender as diversas maneiras diferentes de comunicação entre as espécies e a natureza de um determinado lugar. Dependendo do horário, cada animal emite seu som e isso é algo tão natural que nos passa despercebido, às vezes.

Nesse cenário, o desenvolvimento das habilidades auditivas dos alunos, podemos trabalhar com os alunos, levando-os em lugares diferentes para prestarem atenção aos sons acústicos da natureza. Através das experiências auditivas, ensinando passo a passo, como a natureza introduz a comunicação com os demais seres em seu entorno com os sinais, cantos dos passarinhos, sopro do vento, grito de animais, barulhos de folhas secas, das



cachoeiras, dos insetos, dentre outros. Nossos alunos poderão captar assim com mais facilidade os sons acústicos da natureza, tendo conhecimento a manter relacionamentos com a natureza em seu ambiente.

PLANO DE AULA

Dados de identificação:

Aldeia: Porto Rico TI Alto Rio Purus

Escola: São João Batista

Disciplina: Português

Série: 6º a 9º ano

Professora: Taires Silva de Oliveira

Turma: Multisseriados

Turno: Vespertino

Data: 07 de fevereiro de 2020

Duração de aula: 12 horas

1 - **TEMA:** Identificar os sons da natureza na aldeia e trabalhar a escrita e a leitura dessa sonoridade com os alunos.

2 - **CONTEÚDO:** Identificar o som da natureza na aldeia, a fim de trabalhar a percepção sonora do aluno, a imaginação criativa (Arte/Desenhos), e a escrita e leitura de acordo com a interculturalidade.



3 - **OBJETIVO GERAL:** Trabalhar a percepção do aluno na paisagem sonora auditiva, leitura e a escrita e a arte/desenhos.

4 - **OBJETIVO ESPECÍFICO:** Identificar os sons dos animais na paisagem sonora, orientar a escrita dessa aula oral, fazer com os alunos façam seções de leitura e escrita; despertar os alunos para percepção da diversidade de sons que a natureza oferece no seu lugar de vivência.

5 - **METODOLOGIA:** Apresentar o tema paisagem sonora aos alunos de forma bem explicada; realizar aula de campo com os alunos numa expedição sonora dentro da comunidade; fazer um levantamento dos sons que captaram durante a aula de campo, dizendo de quem eram esses sons.

6 - **RECURSOS:** Caderno, canetas, lápis, borracha, lápis de cor, pincéis, quadro negro e giz.

7 - **AVALIAÇÃO:** A avaliação será feita com os alunos, cada aluno mostrará o que aprendeu na aula e quais foram suas dificuldades, escutar o som da natureza escrita e leitura em coletividade e depois a professora levantará as dificuldades dos alunos.

8 - **REFERÊNCIAS:**

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.



FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons**: práticas criativas em Educação Musical. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

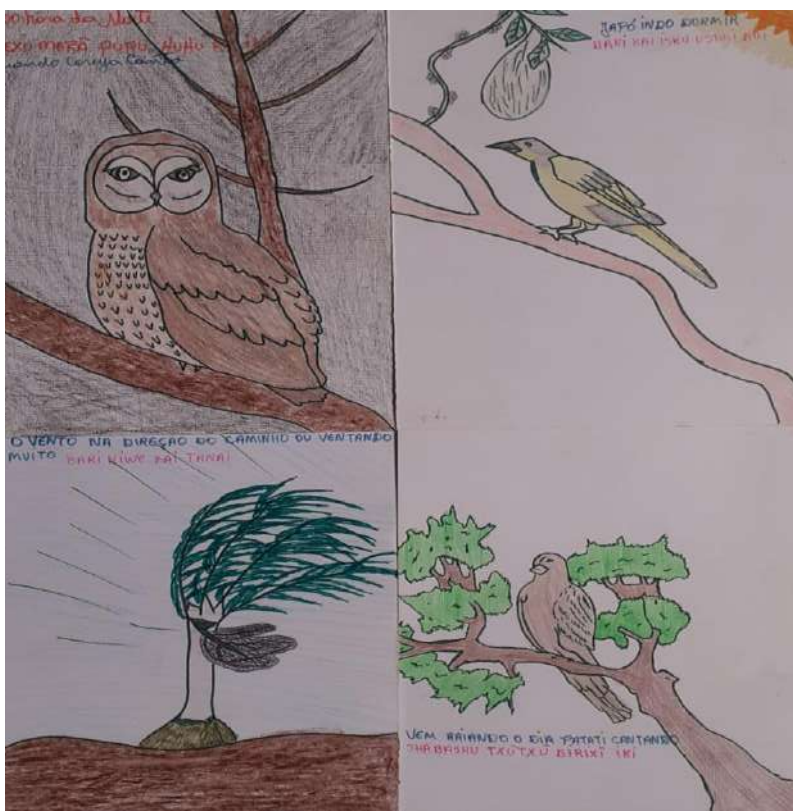
FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente**: a ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. **Música e ecologia acústica na formação de professores**: cultura auditiva significativa e educação. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

As paisagens e os elementos naturais é símbolo que expressa as belas artes de memória que um ser possa guardar, o conhecimento vivido junto ao seu pensamento. Podemos guardar as boas lembranças em nossa memória sim, pois com ela podemos lembrar e sentir paz e felicidade em momentos difíceis e bons na vida. No momento em que escrevo esse meu Diário estou ausente da minha aldeia.



As lembranças que trago neste momento, são os cantos dos pássaros da manhã com os lindos sons diferentes de cada espécie, como Japinin imitador (TXANA) que me vem à lembrança quando penso na paisagem da minha casa.





Lá, quando amanhece o dia, eles ficam na árvore em frente à minha casa, daí eles começam imitar os outros tipos de pássaros da floresta, imitar maracanã, periquito, japó, acaroam, bem-te-vi e macaco zogue-zogue etc. E também os sons e os barulhos das Palmeiras, quando o vento bate forte ao chegar meio-dia.

O mais interessante é a água fria do igarapé da alegria que fica na descida do roçado. Com aquele calorão do dia, depois de algumas atividades de casa me lembro da água para aliviar o calor. Ao entrar naquela água transparente e refrescante que me traz o equilíbrio da superação de energias positivas. Os sons que guardamos em nossas memórias, fazem parte do arquivo das experiências em um lugar vivido.



Os elementos tecnológicos/industriais poluentes que nos acercam ao entorno da comunidade, são os barulhos de motores da embarcação/moto serra, avião, barulho da música do rádio, do disparo da arma, barulho de machado ao cortar a lenha.

Todos esses elementos nos trazem poluição sonora que possa nos afastar, dos seres vivos que ali habitam com medo de barulhos estranhos que vem manifestando em nosso meio. Assim, os elementos industriais são um avanço de conhecimentos tecnológicos, que nos trouxe a melhoria das atividades humanas a ser desenvolvido com mais rapidez, ao mesmo tempo que nos prejudica a saúde auditiva, com sons estressantes desses objetos.

De acordo com as diferenças da ecologia acústica do ambiente, a paisagem sonora da comunidade, ela tem a pureza da natureza,



tudo é natural e traduz o conhecimento milenar entre seres e a natureza de maneiras simples e admiráveis. Os sons acústicos do ambiente natural ilustram a paisagem lindo do lugar com os cantos dos pássaros, grilos, cigarras, gritos dos animais, barulhos das folhas etc. No entanto, a ecologia acústica natural ela não traz poluição sonora que prejudicar o ambiente da comunidade, só traz alegria e felicidade que expressa os sentimentos através do ar livre da natureza.

O silêncio da noite leva a consciência para tranquilizar o estresse do dia, sem barulhos estressantes salienta os sonhos profundos e os sons acústicos da noite são os cantos dos pássaros da noite que é a coruja, bacurau e entre outros grilos da noite, sapos e cobras.



Porém, a ecologia acústica do ambiente da cidade é totalmente diferente, não é comparável à do ambiente da comunidade. Na rua existem vários tipos de poluição sonora e sujas, que os sons acústicos industriais introduzem na paisagem sonora que prejudica o ambiente, como automóveis, máquinas de construção, barulhos de motores, rádios, televisão etc.

No desenho acima eu comparo as sonoridades da minha aldeia com a sonoridade da cidade. Como são diferentes! Assim, descrevo o ambiente sonoro da cidade, ilustrando os diversos fatores que prejudicam o meio ambiente, através das minhas próprias experiências e conhecimento vivido na cidade.



Nesse contexto, não é confortável descansar. Dia e noite, não dá para descansar com tantos barulhos estressantes dos carros e motos, som de televisão dos vizinhos etc.,



Contudo, as diferentes ecologias acústicas da natureza são tudo que os meus olhos alcançam ver e sentir, que é a conexão com a paisagem.

Com atenção, utilizando os métodos comuns iniciais de experiências e conhecimentos adquiridos dentro do ambiente, para expressar o aprendizado dos alunos com o reconhecimento do lugar com as paisagens sonoras da comunidade. Também para manter esse relacionamento com a natureza, levando os alunos no campo para apreciarem as maravilhas do ambiente, ensinando os nomes dos seres que ali habitam. Assim, o ensino dentro da escola indígena nos traz educação diferenciada.

As belas paisagens naturais que acercam do lugar lindo, onde eu vivo juntos com os demais seres existentes da região, traz as



traduções dos sons que descrevem a realidade
imagem do ambiente através da paisagem
sonora.”



OS INSTRUMENTOS MÚSICAIS DA ALDEIA PORTO RICO?

Na minha comunidade, existem vários
instrumentos musicais tradicionais, que



utilizam em diversas festas culturais para agitar mais as danças, as cantorias, as rezas sagradas e rituais com sons encantantes, como: violão, pandeiro, teclado, maraca, flauta e rabo de tatu, dentre outros.





O mais utilizado na comunidade pelos mais velhos e jovens é a flauta, maracá, rabo de tatu e o violão. Esses instrumentos radicais são usados para chamar a força dos espíritos para dar energia positiva na festa.

Então, a flauta é mais utilizada pelos pajés espirituais, nos trabalhos de pajelança para chamar a força dos seres encantados, ou seja, YUXIBU em língua materna para entrar em conexão com a natureza. Por exemplo, na época de plantação de legumes tradicionais como: milhos e amendoins, não é permitida tocar nesse período de plantação até o ponto de coletar o produto, para não trazer o prejuízo de trabalho dos parentes e familiares, com tanto esforço no cultivo da produção alimentar.



No entanto, o maracá, ele é usado na dança do mariri, na bebida sagrada NIXI PAE e entre outros, para o ritual. Nesse exato, traz força positiva e ao mesmo tempo negativa em outros momentos mais difíceis.

A buzina feita do rabo do tatu é usada nos momentos especiais, em reunião da comunidade, para chamar para uma alimentação coletiva dentro da comunidade. Também é usada para avisar se tem alguém doente e se está precisando de ajuda, entre outras. Então a buzina, ela serve para esses momentos difíceis e especiais, tristes e alegres!

O conhecimento dos instrumentos tradicionais que são praticados pelos pajés e jovens, instrui a valorizar a identidade viva do povo. Pois, sem instrumentos musicais para trazer a alegria do dia e a noite, a comunidade fica triste e sem direção



dos trabalhos. OBSERVAÇÃO: Desenhei todos os instrumentos, mais especifiquei somente três, o mais utilizado dentro da comunidade Porto Rico nas festas tradicionais. (Taires Silva de Oliveira).

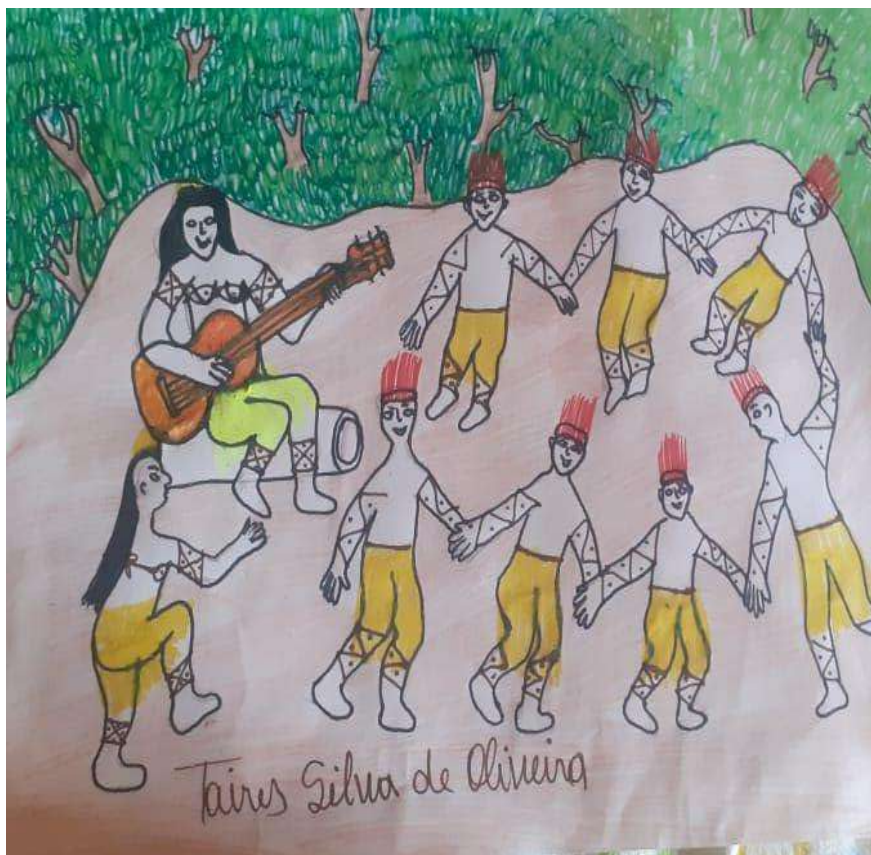
A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES DENTRO DA MUSICALIDADE

Nas festas tradicionais, a participação das mulheres é essencial para preencher a alegria e felicidade no momento de dança, cantorias, rituais juntos com os homens. Isso porque as mulheres produzem uma ciência mágica nas toçadas de instrumentos em diferença aos homens. As belas vozes cantadas com sons harmoniosos, traz a força feminina para somar a energias positivas nas festas.

As mulheres são as flores que enfeitam o ambiente de festa, com as belezas naturais encantadoras. Porém, sem a participação das mulheres, a festa fica sem direção, sem



animação e acaba a festa com tristeza”.
(Taires Silva de Oliveira)







POEMA PORTO RICO (TAÍRES)

Na aldeia PORTO RICO,
a praia começa a surgir!

Aldeia PORTO RICO,
Terra que escolhi viver!

Água e terra mãe que
sustenta meu viver!

Nela consigo me influir!

Alimenta as plantas e
os seres viventes!

Nela vive um povo que
a água fez nascer!

Em um parto de dor e emoção!

Foi nessa aldeia
que escolhi MEU AMOR viver!



**VALDOMIRO SAMPAIO PINHEIRO KAXINAWÁ –
ALDEIA NOVA ALIANÇA**





“Eu sou Valdomiro Sampaio Pinheiro Kaxinawa. Meu nome Huni kuî é MURU. Eu moro na comunidade Nova aliança, Terra Indígena Alto Rio Purus, Município de Santa Rosa do Purus, Acre.

A paisagem sonora lá na minha Aldeia Nova Aliança tem vários tipos de sons na natureza. Nossa natureza é muito bonita, tem muitos animais de vários tipos. Os papagaios, por exemplo, emitem sons e também os periquitos e outros pássaros. Além disso, tem o som do capelão, que é uma espécie de macaco.

Também temos Araras, passarinho, e galinhas, pintos e galos que cantam de madrugada. Para dar aula sobre o assunto musicalidade eu ia com os alunos andar pela mata para ouvir a som de sonora de cada animal e dos ventos batendo as folhas.



Para desenvolver os alunos na aprendizagem e vivência sobre musicalidades, eu ia Junto com eles ouvir a natureza. Ela fala, a natureza tem vida. Os elementos naturais são, por exemplo, o som de cachoeira, som de pássaro, som de macaco, som da onça, som de bambu, som de ventos na



mata, som de Japinin, som de chuvas e outras aves.



Os elementos tecnológicos/industriais são o barulho de motor de serra, barulho de motor de Honda, barulho de arma, barulho de músicas, barulho de rádio, barulho de telefone, barulho de televisão, barulho de celulares, barulho de relógio, barulho de



geladeira, barulho de carros e barulho de avião.

OS INSTRUMENTOS MUSICAIS DA MINHA COMUNIDADE NOVA ALIANÇA

Na minha comunidade **Nova aliança**, a gente usa instrumentos musicais de tradição que nós mesmo fazemos, usando material que está presente em nossa terra amazônica. Para usar esses instrumentos, o primeiro passo, a gente tem que fazer uma festa tradicional pra usar nossos instrumentos. Segundo passo para começar com a festa de ayahuasca, pois cada final de semana todo mundo tem que pegar seus instrumentos, como o maracá, o violão, tambor, a flauta de taboca, de rabo de tatu ou a de rabo de jacaré. É assim que nós utilizamos os instrumentos musicais na minha comunidade Nova Aliança. Também tem festa de



mariri, é mesma coisa de ayahuasca no sentido dos instrumentos que alegram a todos. Cada tarde nos juntamos na maloca e ou no terreirão para nos divertir com nossas musicalidades.





Nós utilizamos só no final de semana o Mariri, tanto de manhã e tarde e noite. Assim que nós utilizamos nossa cultura tradicional na aldeia. Esses são muito importantes para nós e para a fabricação dos nossos Instrumentos Musicais.

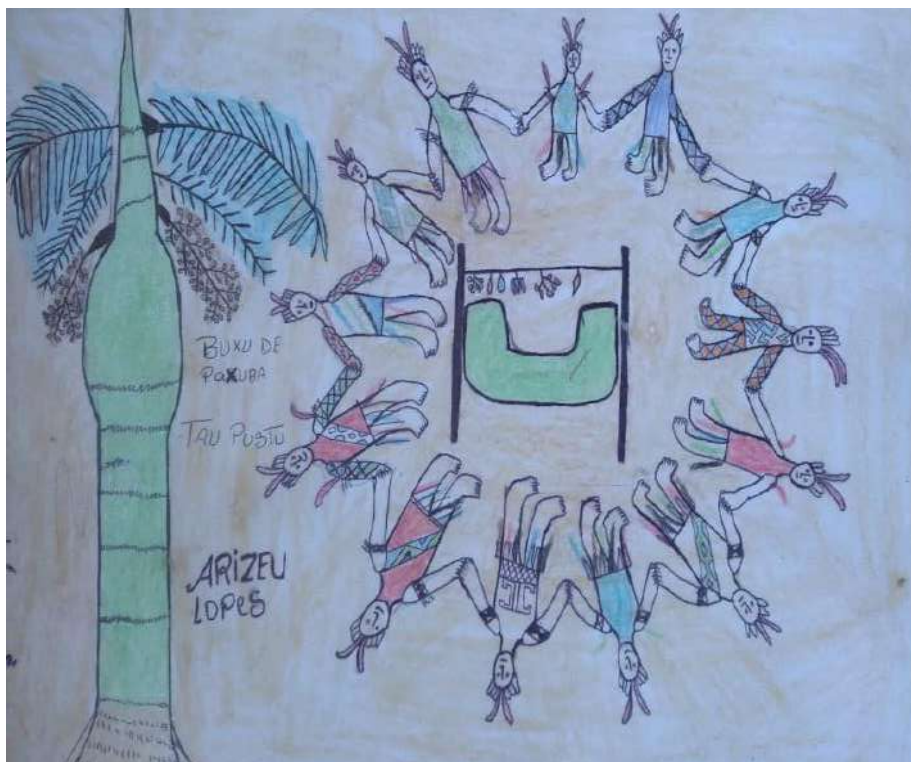




Fale sobre as cantorias / musicalidades na sua participação das mulheres. Na minha comunidade Nova Aliança. As músicas de cantorias de Mariri e Katxanawa:

Primeiro passo: grupos das mulheres organizando a participação das cantorias, só mulheres participam: nós Huni Kuî temos nossas culturas próprias desde nossa origem da cantoria, Katxanawa. Para fazer a festa de Mariri é necessário a organização de um plano de comunidade acompanhando o TUXAWA para realizar uma festa tradicional, de acordo com a nossa realidade.

Essa nossa festa tradicional, agora nós dividimos com dois grupos, tem grupo de Inani, tem grupo de Banu. Todas as mulheres cantando pra chamar faturas de legumes, uma organização completamente bem planejada desde a preparação da alimentação.



Como homens e mulheres participam das cantorias e musicalidades

Nossa festa tradicional dentro da música Katxanawa. Dividindo todos em dois grupos, temos o grupo de Dua Bake. Temos também o grupo de Inu Bake é homem, esse são tantos



mulheres e homens para cantar juntos com as comunidades das mesmas formas. Existem os grupos das mulheres com a divisão de dois grupos. Esse são mulheres temos o grupo Inani Bake, temos também grupo de Banu Bake. Cantando todos Juntos para chamar significa para cortar pé de paxiubão e fazer a festa e música da Katxa Nawa. Agora quando eles faziam bem-feito, juntar todos da comunidade a partir da tarde até a noite para fazer uma roda de cantoria, para fazer bebida caiçuma, no Katxa Nawa. Isso significa boa festa com música da Katxa, primeiro ancião vai cantar música chamar se Paêwâ segundo voz é geral. Valdomiro Sampaio Pinheiro Kaxinawá. Como tem muita musicalidade no Katxanawa, então eu vou fazer uma aula na escola sobre essa importante festa para nós, Huni Kuin.



Plano de aula de musicalidade na escola da minha aldeia

Dados de identificação

Escola: Nova Aliança

Aldeia: Nova Aliança

Professor: Valdomiro Sampaio Pinheiro Kaxinawá

Série: 5º ao 9º Ano

Turma: Multisseriados

Turno: Manhã

Disciplina: Língua Portuguesa, Língua materna, Artes e Musicalidades.

Data: 12, 13 e 14/10/2021

Duração: 08 horas

Tema: Musicalidade (Artes), Língua Portuguesa

Conteúdo/assunto: Música Katxanawa

Objetivo geral: Ensinar o significado da música das Katxanawa, esse o tema central da pesquisa sobre as culturas tradicionais Huni Kuin. Esse foi o tema de conclusão por mim escolhido na área de linguagem e artes, dentro do Curso de Licenciatura Indígena oferecido pela UFAC. Pesquisa em fase de conclusão dentro da comunidade Nova Aliança, região do Purus, Acre. Os povos huni kuî vivem e usam seus instrumentos e culturas tradicionais de forma intensa, forte.

Objetivo específico: Apresentar as letras da música do katxanawa em sala de aula para os alunos.



Explicar como iniciar a música do katxanawa. Mostrar uma apresentação e seu significado de música e dança do katxanawa dentro da sala de aula.

Metodologia procedimento: Primeiro passo: enfatizar aos alunos a importância da cantoria do katxanawa e como utilizar a música na hora da cantoria e para que serve a música dentro do ritual. Segundo passo: levar os alunos para conhecer a pesquisar músicas do katxanawa dentro da comunidade junto dos anciãos. Pedir que os alunos escrevam no caderno a letra da música do katxanawa, em português e na língua indígena. Terceiro passo: fazer uma roda de conversar e refletir a pesquisa realizada sobre música da katxanawa, que deve ser praticada e preservada. A pesquisa será desenvolvida na minha área de trabalho.

Avaliação: Para avaliar os alunos conversaremos juntos sobre a importância das nossas tradições. Exercício de aprendizagem das cantorias katxanawa.

Recurso didático: Caderno, lápis, caneta, cartolina, pincel, papel A4, quadro e giz, violão e outros instrumentos musicais, para o exercício de cantorias Katxanawa.

Fichamento: Roda de cantoria katxanawa retomada de objetivo e conteúdo.

Referência:

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo



atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons**: práticas criativas em Educação Musical. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente**: a ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. **Música e ecologia acústica na formação de professores**: cultura auditiva significativa e educação. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

Na minha aldeia Nova Aliança, a gente tem também festas sagradas onde há muitas cantarias sagradas. Lá nós temos o grupo de **INU DUA MUKAWA TXANABUS** (União dos pajeres).

Isso significa a união dos pajés da aldeia. Primeiro passo: se prepara ayahuasca sagrada, a gente utiliza o chá sagrado na comunidade junto com os grupos.

Nossa bebida tradicional sagrada, essa bebida ayahuasca temos um preparo muito



forte. As pessoas que participam, eles têm conhecimento, para respeitar a miração. Quando as pessoas tomarem ayahuasca, elas podem ver as coisas que acontecem, pode se ver o presente, o futuro e as coisas que aconteceram no passado. Muita sabedoria.

Agora vou contar um pouco de história do nosso povo.

Um homem que se chama YUBE JIBOIA, ele aprendeu com três tipos de conhecimentos, anta machu namorado com a jibóia encanta mais bonita no fundo do lago, pela fruta de jenipapo. O YUBE Huni Kuî, ele viu lá dentro da tocaia a hora da tarde. Outro dia, o YUBE vez a mesma coisa, que ele viu anta Machu, o YUBE conseguiu se juntar com a jiboia encantada.

Foi assim que o YUBE conheceu a ayahuasca no outro mundo com a jiboia encantada. Ele



morou alguns tempos com a mulher bonita, com a jiboia encantada, ele aprendeu e conhecer um preparo de ayahuasca. Depois, o YUBE fugiu, voltou pelo seu povo Huni Kuî, que levou esse conhecimento pra nossa bebida sagrada. O YUBE ensinou o que é cipó e o que é a folha de rainha para fazer um preparo de ayahuasca. No final da história o YUBE viu a miração mal na sua vida, na verdade que aconteceu e morreu. Os pajés sempre deixam as histórias, e os novos sempre continuam usando a nossa música tradicional. Que faz mal e que cura as doenças. Hoje ainda nós respeitamos a nossa bebida sagrada.

Quando o YUBE morreu foi transformar os cinco tipos de ayahuasca.

1- O braço direto, foi a miração vermelha.





- 2- O braço esquerdo, foi a miração azul.
- 3- A perna direita, foi a miração verde da floresta.
- 4 - A perna esquerda, foi a miração amarelo normal.
- 5- O tronco inteiro, foi a miração mais respeitado.

E isso foi a transformação do YUBE. Foi assim um pouco de história. Agora na minha comunidade nós temos dois grupos: grupo de mulheres e grupo de homens. A cada final de semana, a gente combina para fazer regra junto com os dois grupos.

Dentro do terreirão, depois daí a gente conversa sobre música. Primeira regra, o pajé vai falar a respeito de organização e sobre a responsabilidade do grupo.



O Pajé vai iniciar cantando na língua tradicional. Depois daí cada aluno vai cantar também, e assim que vai.

Poema (Valdomiro)

Eu sou um índio da floresta
Daqui eu não saio não
Aqui tenho liberdade
Que o branco não tem não.

Sou amigo dos animais
Não destruo a floresta
Nado no rio, pesco peixinho
A minha vida é uma festa
Cantando e dançando.





**ANTÔNIA DAMIANA MARQUES AVELINO –
APOLIMA-ARARA ALDEIA**



Foto arquivo pessoal de Antônia Damiana Marques Avelino, 2019.



“Eu sou Antônia Damiana Marques Avelino. Na língua indígena [Ayaní] sou conhecida pelo meu povo pelo nome de Baita. Tenho 27 anos, sou casada desde 2010 com Antônio Augusto Bezerra de Oliveira, de 28 anos, que é indígena Apolima-Arara como eu. Tenho três filhos: Antônio Acassio Avelino de Oliveira de 10 anos, Maria Gabriely Avelino de Oliveira de 8 anos e Antônia Kemilly Avelino de Oliveira, de 3 anos.

Resido na **Aldeia Novo Destino**, Terra Indígena Arara do rio Amônia, município de Marechal Thaumaturgo, às margens esquerda do rio Amônia. Desde criança nasci e me criei na luta pelos nossos direitos em ter um lugar que é nosso garantido por lei.

Os meus pais são Amélia Alves Marques, de 47 anos é Agente de Saúde (AIS), da Aldeia



Novo Destino, e José Ângelo Macedo Avelino, de 50 anos. Ele é cacique da mesma aldeia já citada acima. Eu tenho 9 irmãos.

Iniciei a estudar o Ensino Médio no ano de 2010 na minha comunidade, na Escola Indígena Chave da Cultura, com a professora Antônia Alcelina Mourão dos Santos, e sempre estudei na aldeia.

Já trabalhei como professora na aldeia Novo Destino, Escola Indígena Chave da Cultura no ano de 2010 a 2017. Nesse período trabalhei com séries diferentes desde a Educação Infantil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trabalhei também com o 6º e 9º Ano do Ensino Fundamental e em duas disciplinas de Língua Portuguesa e Ciências. Por isso acho que trabalhar na escola é uma grande experiência de vida e também de grande aprendizado. Chegou um momento em que tive



muita dificuldade pra trabalhar como professora, porque nosso povo estava precisando de pessoas com mais estudo.

Então quando eu comecei a lecionar foi com os alunos do 4º e 5º Ano, estava com 16 alunos. No ano de 2010 eu ainda estava estudando o 1º Ano do Ensino Médio. Para mim, trabalhar e estudar foi muito difícil, mas consegui com a ajuda de Deus, do meu esposo e familiares.

Durante toda essa jornada participei de alguns cursos no município de Marechal Thaumaturgo. Estudei também em Plácido de Castro no ano de 2012, fazendo o Magistério Indígena, décimo primeiro Curso de Formação de Professores em Magistério Indígena, com aproximadamente 300 docentes indígenas. Lá eu pude obter bastante conhecimento relacionado à Educação Escolar indígena.



Por sua vez, tive o privilégio de conhecer vários professores novos, de perceber a importância de um curso para nós professores, principalmente porque tem poucos indígenas com o Ensino Médio completo. E menos ainda com o Ensino Superior na comunidade para ensinar nossos alunos.

Foi assim que no ano de 2017 saiu o edital para seleção de candidatos ao Curso Superior para Docentes pela UFAC. Eu me inscrevi no processo seletivo. Entreguei meu memorial, fiz a prova e por final a entrevista e foi a minha maior alegria. Consegui me classificar para fazer o curso de LICENCIATURA INDÍGENA NA UFAC!

Hoje estou aqui me qualificando, fazendo um curso superior na busca de conhecimento para levar para meu povo. E quando eu sair



vou estar capacitada, vou poder ajudar e dá o retorno para a minha comunidade.



DESCRIÇÃO DA ALDEIA NOVO DESTINO

Agora vou falar do meu lugar. A Terra Indígena Arara do Rio amônia do Povo Apolima Arara, município de Marechal Thaumaturgo Acre, fica localizado a Aldeia Novo Destino,



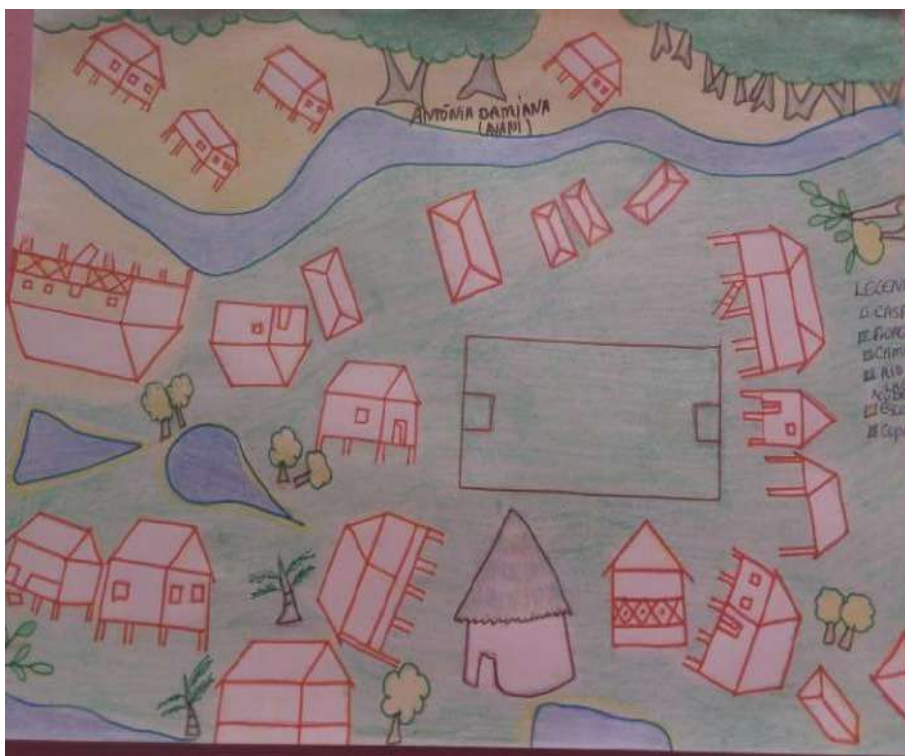
a margem esquerda do Rio Amônia subindo o rio acima, do município para a aldeia gasta uma hora e trinta minuto

Somos uma população de aproximadamente 550 indivíduos, em todo o território, pertencentes ao tronco linguístico pano. O povo Apolima Arara é dividido em quatro aldeias Novo Destino, Aldeia Nova Morada, Aldeia Nova Esperança e Aldeia Ilda Siqueira.

Portanto, a Aldeia Novo Destino é a primeira aldeia que iniciou a luta pela terra. Ela é bem organizada, pois somos 47 famílias com aproximadamente 250 pessoas. As casas são feitas de madeira e sua cobertura de alumínio e palha, que são organizadas em forma de circo. No meio da aldeia fica o campo de futebol. Temos um Cupichawa grande feita de palha e paxiúba. Também temos duas



escolas, uma grande e uma pequena, que são feitas de madeira e alumínio. As escolas atendem aos alunos do Ensino Infantil ao 3º Ano do Ensino Médio, nos turnos da manhã e tarde. Tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio têm aproximadamente 130 alunos.





A escola municipal funciona pelo município de Marechal Thaumaturgo, pois a escola atende alunos de outras comunidades vizinhas do mesmo povo, da aldeia Nova Esperança, Nova Morada e Ilda Siqueira.

Por sua vez, o Cupichawa fica no centro da aldeia. É nesse lugar que fazemos nossas reuniões, nossas festas culturais e sagradas. Funciona no espaço a sala de aula para o Ensino Médio.

O cacique da aldeia Novo Destino é JOSÉ ÂNGELO MACEDO AVELINO, ele tem 50 anos, e AMELIA ALVES MARQUES tem 47 anos e é Agente de Saúde, AIS da mesma aldeia já citada acima. FRANCISCO FORQUILHA DE SOUZA É AISAN, ele tem 26 anos e é um estudante que já terminou o Ensino Médio em 2018. Ele também já trabalhou como professor do Ensino Infantil em nossa escola. ANTONIO GERLISSON



MARQUES AVELINO de 19 anos esses são a liderança que estão sempre pensando no bem esta da comunidade, nos apoiando em nossos estudos, pois eles estão envolvidos na cultura mesmo do povo.

Incentivam a fazer os artesanatos, a tomar o rapé e fazendo as rodadas para tomar a Caiçuma (Shiate). E estamos a nos organizar para tomar a Ayahuasca, temos muito plantado, no ponto de preparar, mas não sabemos como se prepara ainda.

Agora, mudando de assunto, vou falar sobre a musicalidade da minha comunidade. Quando vamos beber a Caiçuma temos música. E temos os instrumentos musicais, o pife, o tambor. Tem a buzina e também ainda usamos algumas cantorias indígenas para nós sagradas. Apesar de ser poucas músicas, mas ainda existe.



Na minha comunidade tem muitos animais, aves e pássaros que cantam, que tem som. Então, como eu poderia trabalhar a paisagem sonora da minha comunidade com meus alunos? Penso que no primeiro momento eu como educadora iria me planejar bem.





Em seguida, eu iria fazer a explicação no sentido da paisagem sonora. Falar algum exemplo do nosso redor. Eu ia mostrar o som das cigarras, dos pássaros. Em seguida, pediria para eles fazer um passeio na mata próxima à comunidade, levando lápis e caderno para anotar os sons que eles ouvissem.

Ao retornarem do passeio, eu pediria que eles comentassem um por um, a paisagem sonora que haviam ouvido. Então, eu iria perguntar se os sons são iguais ou se há diferença. Perguntaria quantos tipos de sons diferentes eles ouviram. E aí eu ia perguntar que tipo de animais eles ouviram, a classificação desses animais.

O que eu posso fazer para desenvolver as habilidades auditivas dos alunos? No primeiro momento, eu ia falar da importância



dos sons em nossas vidas. Pois sabemos que vivemos cercados de sons diferentes, que até mesmo não enxergamos alguns de tanto ouvir. Logo em seguida, pediria para eles ficar em silêncio e prestar atenção nos sons e ir anotando.

E em seguida iremos debater juntos o que anotaram com relação aos sons. Então, os elementos naturais que estão presentes em minha memória relacionados aos sons são os cantos dos pássaros como japó, anum, nambu, galinha, dos canoeiros e outros sapos, grilos, cigarras, som do latido dos cachorros, sons dos macacos e do remo n'água. Som da chuva, dos ventos, tanto pela parte do dia, quanto da noite.



Mas também existem os sons industrial quanto o tecnológico. Eles estão presentes em nossas comunidades. Porém há uma diferença, pois eles são mais poucos os sons industrial/tecnológicos. Temos também os sons do motor de polpa (batelão). E outros



tecnológicos são os sons de celular, aparelho de som, televisão, liquidificador, dentre outros.



A diferença da ecologia acústica da comunidade com a da cidade é grande. Há muitas diferenças. Os sons das comunidades são bons e são mais ligados a natureza. Como



sons da natureza estão os sons dos animais, das florestas dos ventos etc. E os sons da cidade são bem diferentes e são totalmente poluídos. São os sons industrial e tecnológico, como o rugido da moto, do carro, do caminhão. Na cidade tem música com o som alto e propaganda, e vários outros sons desagradáveis que ferem os ouvidos.

PLANO DE AULA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

DISCIPLINA: Língua Portuguesa, língua indígena e Artes (Multisseriado).

SÉRIE: 4º Ano

TOTAL DE HORAS: 10 horas (Sequência de aulas)

TEMA: Cultura auditiva. A paisagem sonora da aldeia Novo Destino.

CONTEÚDO: Paisagem sonora da aldeia novo destino. Os sons do dia a dia, escrever os sons da natureza na língua indígena e na língua portuguesa. A percepção da paisagem sonora na comunidade.

OBJETIVO GERAL: Desenvolver as habilidades auditivas dos alunos e levar eles a escreverem na



língua indígena e na língua portuguesa os sons ouvidos. Leitura do que escreveram. Levar os alunos a desenharem sua paisagem sonora.

OBJETIVO ESPECIFICOS: Fazer uma atividade de campo com os alunos;

Observar os sons e sua importância no cotidiano da aldeia; incentivar os alunos a ouvirem o som natural do lugar onde moram; levar os alunos a escreverem o que ouviram e aprenderam durante a aula. Por último, fazer a leitura de cada texto que foi escrito pelos alunos.

PROCEDIMENTO METODOLOGICOS: Momento acolhida. Apresentação da professora. A professora iniciará aula com uma conversa oralmente.

Explicação da professora relacionado o que é paisagem sonora.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Logo depois, a professora chamará os alunos para fazer um passeio na comunidade. E eu vou pedir que eles levem caderno lápis e caneta para anotar os sons que ouvirem. A professora também irá junto com os alunos. Ao retornar, a professora pedirá que os alunos socializem o que ouviram no passeio oralmente. Atividade sequenciada em várias aulas. Logo em seguida, a professora pedirá que os alunos usem sua criatividade e desenhem os animais que fizeram cada som. Depois, pedirá que eles escrevam os nomes dos animais na língua portuguesa e na língua indígena. Depois, cada um vai ler o que



escreveu uns para os outros e a professora vai corrigir toda a escrita junto com os alunos.

FECHAMENTO.

RETOMADA DO CONTEÚDO FEITA PELA PROFESSORA SOBRE A PAISAGEM SONORA DA ALDEIA E TAMBEM DISPONIBILIZANDO OS TEXTOS QUE OS ALUNOS ESCREVERAM PARA EXPOR NO MURAL DA ESCOLA.

RECURSOS DIDATICOS: Caderno, Papel A4, lápis, lápis de colorir, borracha, quadro negro, giz, caneta, apagador.

AVALIAÇÃO: Os alunos serão avaliados no decorrer de toda a aula, por meio de participação e principalmente durante o desenvolvimento das atividades, de forma coletiva.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de política da educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, DF: MEC, 1998.

CAMEU, Helsa. **Introdução ao Estudo da Música Indígena Brasileira.** Rio de Janeiro; Conselho Federal da Cultura, 1997.

CHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.



FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons**: práticas criativas em Educação Musical. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente**: a ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Olivera. **Música e ecologia acústica na formação de professores**: cultura auditiva significativa e educação. Revista Educação & Fronteiras, 2018.

OS INSTRUMENTOS MUSICAIS QUE USAMOS NA NOSSAS COMUNIDADES NAS FESTAS E CANTORIAS

Usamos o **TAMBOR** que produz um som de bumbo e pode ser feito de dois tipos de madeira: o cedro e a topa. Colocamos no oco o couro de cutia, da queixada, da arraia ou do macaco guariba. Amarramos com cipó txitxica, timbó e envira de embaúba.

Pois para fazer um tambor, primeiro precisamos procurar todos esses materiais. O couro deve ser espichado e exposto no sol



para secar. Ao secar, ele deve ser molhado para pelar.

Em seguida, corta a madeira do tamanho que vai fazer o tambor e vai cavando com um terçado até ficar no ponto certo. Tira a casca da envira coloca de molho de dois a três dias para a casca soltar da envira. Em seguida, se coloca no sol para secar. Quando seca, está no ponto para amarrar. Aí o cipó deve ser descascado, juntamente com as enviras.

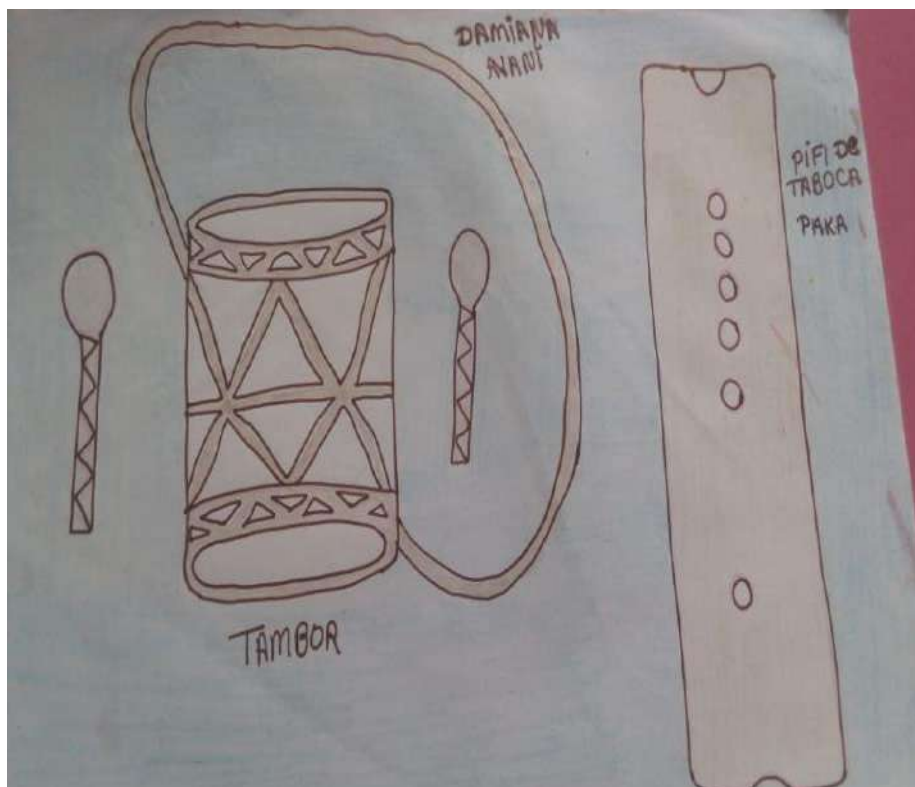
Quando os materiais estiverem no ponto, se pega o cipó e amarra em forma de circo do tamanho da madeira e amarra com as enviras.

Na minha comunidade, as pessoas que trabalham na construção dos tambores são os homens e os rapazes. As crianças ficam somente observando para aprender quando ficar adulto. Bom, ao terminar de fazer o



tambor, deve ser regulado o som na queimadura do fogo. Em seguida tem que fazer um pau para bater acompanhando ritmo da cantoria.

Os nossos anciões, os homens, os adolescentes e também as crianças são as pessoas que devem tocar o tambor.





Acho bom dizer aqui que o tambor é um instrumento musical de enorme importância, pois leva a fortalecer a cultura do povo. O tambor não pode faltar nas festividades culturais e também por ser utilizado pelo povo Apolima-Arara em nossas festividades culturais.

Desta maneira, os tambores são utilizados nos rituais, nas festas culturais, no mariri, no aniversário da comunidade, no aniversário da terra, de um ancião, das lideranças, formaturas e outras festividades.

Outro instrumento importante para nós é o **MARACÁ**, que é feito de várias maneiras diferentes. O maracá pode ser feito de uma planta chamada coité, pode ser feito de coco da praia e também de sabãozinho (semente), que é coletada da floresta.



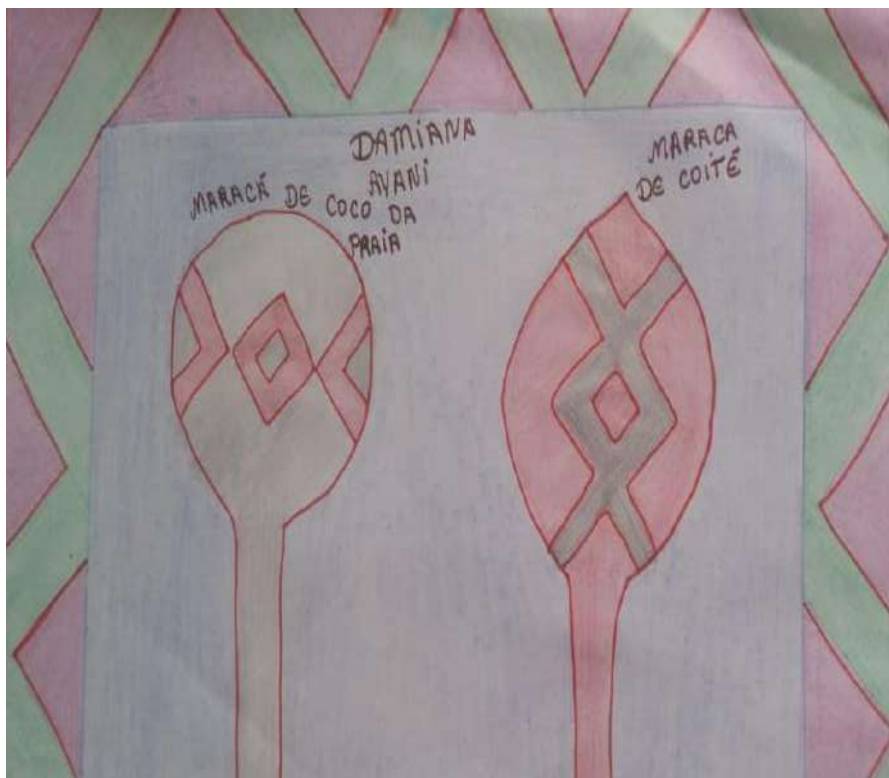
O maraca feito de coité, após ter colhido pega a coite faz uma perfuração para tirar a polpa, espera secar. Em seguida, depois de seca a coité, a gente coloca várias sementes, contas pretas, brancas, dentro do coité. Depois, coloca um cabo de pau no buraco da coite e faz os últimos retoques pintando o maracá. O som que sai desse instrumento é muito alegre.

Esse maracá quem faz é os homens mais velhos e também os rapazes. Quem toca o maraca são os homens envolvendo jovens e crianças nos rituais em festividades culturais do povo.

O maracá feito de coco da praia, no primeiro momento, deve pegar um coco bem seco. Descasca, tira água do coco e espera uns dias até a polpa se estragar dentro do coco. Depois disso, deve limpar bem dentro



do coco, secar bem. Depois de seco e limpo por dentro, a gente coloca as sementes, contas pretas, brancas dentro dela e logo em seguida coloca um cabo feito de madeira. Então deve ser usada nas festas e rituais. Sai um som bonito dela.





Então, o maracá feito de sabãozinho tanto faz o homem, mulher, ou as crianças acompanhadas de seus pais terem colhido na floresta. Coloca em uma panela para cozinhar. Quando começar a ferver, a fruta começa a boiar e a pessoa deve estar esperando com a linha e a agulha no ponto para enfiar o sabãozinho na linha.

Ao terminar, a saia e sutiã e devem estar enfeitadas com a envira. A pulseira para o braço para a perna com miçanga, conta preta e branca esperando para ser enfeitada os penduricalhos com os sabãozinhos.

E quem faz esses maracás são somente as mulheres e quem pode usar também são as mulheres moças e crianças. A pulseira do braço e da perna pode-se usar no dia a dia. Mais o sutiã e a saia se usam somente nas festividades culturais para dançar no



mariri, e vai chacoalhando nas danças seguindo o ritmo. Coloquei abaixo o desenho das vestes que nós mulheres usamos nas festividades.





Segundo minha avó Maria Macedo, que tem 78 anos de idade, ‘esses maracás são mais diferentes que não deve ser esquecido, temos que ensinar para nossos filhos para passar de geração em geração.

Outro instrumento importante na minha aldeia é o **PIFE**. Ele é feito da taboca, tanto faz o homem ou os rapazes poderão ir à mata ou onde tiver a taboca retirar para fazer o instrumento. Ao chegar, guarda bem em um lugar, espere uns dias até secar.

Quem pode fazer o pife é somente os homens. Quando secar o pau de taboca, corta no tamanho que precisa e faz os buracos com a faca, onde fica os dedos e que sai o som. Depois, regula com um prego quente os buracos do pife.



Assim, o pife é um instrumento musical muito importante para o meu povo. Ele está presente em toda as apresentações culturais, pincipalmente nas festividades.

Pelo fato de as nossas músicas indígenas ainda serem poucas e os nossos anciões estarem se indo, elas também estão se acabando. Hoje, poucos sabem cantar e, quem canta, às vezes, tem vergonha.

Depois que nós começamos a estudar encontramos mais de dez músicas do nosso povo e ainda estamos pesquisando para que não sejam perdidas essas músicas.

E vamos colocar tudo no papel para ser ensinado para os alunos nas escolas. A escola é um lugar de recuperação da nossa cultura e da nossa identidade.



Verso

Vou visitar meus pais.
No caminho ouço o
canto do canceiro croashe,
croashe, croashe.

Um canto tão fascinante.
Quando de repente ouço
também o canto do
gilo cri-cri-cri.

Aquela alegria tão interessante
Fico parada ouvindo tanta
alegria garante.

Ainda no caminho ouço
um som esquisito

La vem a chuva forte
com trovoadas no infinito
Ai meu Deus ando
depressa sem jeito

Já chegando, avisto o
pingo da água nas
plantações de coqueiros,
cupuaçu e outras.



POSFÁCIO

O “*Diário Pedagógico - Musicalidades na Escola da minha Aldeia*” coloca à disposição de estudantes, professores e outras pessoas que têm interesse no tema, aspectos da história, da cultura, dos modos de vida, dos saberes dos povos indígenas que conosco dividem a “**Terra Aquiri**”. É uma obra que possibilita conhecer a melodia e os ritmos étnicos carregados de significados e sentidos diversos como diversas são as cantorias e os usos delas como componentes culturais da existência e da relação desses povos com o Cosmos e com o transcendente.

O cotidiano indígena não se dissocia da música, elemento comum nos grupos dos quais fazem parte os autores/estudantes do Curso de Licenciatura Indígena. Elemento presente na vida do indivíduo do nascimento até a



morte, marcando etapas, rituais, celebrações emprestando sonoridade e sabor aos diversos aspectos da cosmologia de seus povos, desde o seu lugar de pertencimento – a sua origem, a organização clânica, o respeito com a mãe Terra que pela música fala e se revela aos seus.

Assim, o **“DIÁRIO PEDAGÓGICO MUSICALIDADES NA ESCOLA DA MINHA ALDEIA”** representa um importante aporte para refletirmos acerca de narrativas, situando nesse universo o papel dos mitos. Nas páginas dessa produção verifica-se o lugar de verdade para os membros da comunidade, ocupado pelos mitos. Narrativas cantadas, dançadas, festejadas cujos conteúdos, em geral, se deslocam de estruturas religiosas ou teológicas em direção a um entendimento poético.



As paisagens sonoras descritas pelos acadêmicos em muito reportam o pensamento à oralidade, evocada aqui como uma “**poética nômade**”, cujos sentidos estão atrelados à performance corporal – compreende a presença de um corpo que produz a voz. Diante disso fico me perguntando: quais, quantos efeitos são produzidos com essa cantoria das histórias indígenas.

UM TESOURO, essa é a expressão que mais se aproxima e representa essa unidade de experiências e percepções sobre as paisagens sonoras reunidas nesse livro pelos estudantes/professores que passam a ter em mãos um subsídio inédito e necessário à formação de crianças, jovens e adultos nas escolas indígenas.

Digno seria o reconhecimento dessa produção como instrumento de uso,



especialmente nas escolas do “Juruá” na medida em que representa uma pequena semente no trabalho de implementação da Lei 11.645/08, de 2008, que torna obrigatória a temática indígena nas escolas do sistema nacional de educação. Muitos alunos da escola do “Juruá” tratam o indígena com desprezo, com preconceito e ensina muitos deles a terem vergonha de ser indígena. Por essa razão é bom levar esse Diário... para ver se eles aprendem a conhecer e a tratar o povo indígena com respeito.

Saberes, diferenças, autonomia, educação são alguns dos princípios presentes nos relatos e poesias deste TESOURO. E o mais sublime de tudo caros acadêmicos é que vocês e a professora Dra. Simone Lima, usando das linguagens e artes se esforçaram para nos ofertar a riqueza presente nestas páginas.



Parabéns pelo esforço, mas também pela coragem, determinação, compromisso e autonomia de cada um de vocês, expressões que são palavras de ordem numa região, num estado, num país, num mundo que precisa ouvir suas vozes ecoarem expressando suas visões de mundo e sua capacidade de fazer filosofia, como descreveu sabiamente o antropólogo Lévi-Strauss.

Convido professores e estudantes à leitura desta publicação, certo de que todos nós temos muito a conhecer e a compreender sobre a “musicalidade nas escolas de minha aldeia” e seus desdobramentos a fim de que possamos melhor harmonizar a orquestra de nossas vidas.

Prof. Dr. José Alessandro Cândido da Silva
Coordenador do Curso de Licenciatura
Indígena da Ufac – Campus Floresta





REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Referenciais para a formação de professores indígenas/ Secretaria de Educação Fundamental- Brasília: MEC; SEF, 2002.
- BRASIL. Leis e Decretos. Resolução CNE/CP n. 1 de 7 de janeiro de 2015. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em cursos de Educação Superior e de Ensino Médio e dá outras providências.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural ressignificando a escola. Brasília, DF: MEC, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de política da educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, DF: MEC, 1998.
- CHAFER, R. Murray. **A afinção do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em Educação Musical**. São Paulo: UNESP Digital, 2015.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- IBÃ, Isaias Sales. et alii (Orgs.) **Huni Meka, Cantos do Nixi Pae**, Rio Branco, IPHAN/CPI, 2007.



- KAXINAWA, Noberto Sales. **Nixpu Pima, O ritual de passagem do povo Huni Kuin**. Trabalho de conclusão de Curso em Licenciatura Indígena, UFAC - Floresta, 2013.
- MATTOS, Amilton Pelegrino de. Dançar a pesquisa: escrita e movimento na prática acadêmica indígena. Revista Hawò, v.1, 2020.
- MOLINARI, Paula Maria O. de Olivera; FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. **Música e ecologia acústica na formação de professores: cultura auditiva significativa e educação**. Revista Educação & Fronteiras, 2018.
- MONTARDO, D.L. DOMINGUEZ, M. E. **Arte e Sociabilidades em perspectiva antropológica**, Florianópolis, Editora UFSC, 2014.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.
- PINHANTA, Valdete da Silva. *Musicalidade Ashaninka: os rituais do Piyaretsi e seus instrumentos*. In: MONTARDO, Deise Lucy, DOMINGUEZ, Maria Eugenia. (Orgs.) **Arte e sociabilidades em perspectiva antropológica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CURSO DE LICENCIATURA INDÍGENA - LINGUAGENS E ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
2021



Edufac

ISBN 978-658897531-2



9

786588

975312